

The background of the cover is an abstract composition of warm, textured colors including yellow, orange, and red. A prominent, elongated, red shape with a snake-like head and tongue extends horizontally across the middle. The right side of the cover features a dark, vertical band.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Número 5 | Junho de 2014

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
DO PADRÃO DA LÉGUA

BRINQUEDO

Foi um sonho que eu tive
Era uma grande estrela de papel
Um cordel
E um menino de bibe.

O menino tinha lançado a estrela
Com ar de quem semeia uma ilusão;
E a estrela ia subindo, azul e amarela,
Preso pelo cordel à sua mão.

Mas tão alto subiu
Que deixou de ser estrela de papel
E o menino, ao vê-la assim, sorriu
E cortou-lhe o cordel.

Miguel Torga, *Diário I* (1941)

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM AGRUPAMENTO

Isabel Maria Pereira Antunes Morgado

Presidente da CAP do Agrupamento de Padrão da Légua
direccao@esplegua.com

"Uma Escola que se pensa a si própria, tenha um projeto específico contextualizado no seu ambiente histórico, geográfico e sociocultural e se responsabilize pelo seu cumprimento e pela avaliação da qualidade da sua conceção e realização". Alarcão & Tavares (2010, p.131)

Um Agrupamento de Escolas, enquanto organização, agrega características distintivas, pelo entrelaçamento de diversos fatores e condicionalismos contextuais, moldados pelo espaço-tempo de uma cultura e clima próprios. É neste entendimento que se "confirma a importância dos suportes organizacionais necessários para o desenvolvimento profissional" (Oliveira-Formosinho, 2009, p. 272). A qualidade do serviço educativo, assegurado pelos docentes, enquanto profissionais da educação, em comunidade educativa territorial, interliga-se com a qualidade organizativa da Escola e das políticas educativas, de índole comunitária, implementadas no terreno. Com base em documentos estruturantes do currículo, da autonomia e da identidade organizacional educativa, num Agrupamento inter-setam-se níveis diferenciados de organização e supervisão, desde a sala de aula à gestão organizacional.

Em conjunturas como a atual, caracterizadas, estruturalmente, por um sistema socioeconómico que reproduz assimetrias e desigualdades, entre comunidades e regiões, a qualidade e o sucesso educativo podem fazer toda a diferença, para crianças e jovens em formação. Nesta perspetiva, é essencial complementar a habitual linguagem de crítica, pela nova "linguagem de possibilidade" (Giroux, 1992, p. 65), abrindo caminhos de entendimento, mudança e sustentabilidade educativa, reforçando práticas pedagógicas diferenciadas e estreitando as relações entre o Agrupamento e o meio social

(Pacheco, 2011). O alargamento concetual, inerente à formação e consolidação do Agrupamento, comporta, então, a eficácia da concretização de objetivos comuns e de um trabalho colaborativo, quer ao nível da ação, quer ao nível do suporte da qualidade. Trata-se de uma lógica formativa, colaborativa, democrática e estrategicamente interligada com o desempenho de tarefas profissionais, em comunidade.

Assim sendo, esperemos que o novo logotipo do Agrupamento, em *tangram* colorido e simbólico de cada escola, cada ciclo de ensino e disciplina, represente a riqueza múltipla do pensamento, da ação e das relações interpessoais de uma comunidade alargada, tendo por finalidade o bem-estar e desenvolvimento, individual e coletivo, de todos os seus membros.

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA MEMÓRIA ESCRITA

Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

Coordenadora do Projeto Ler Mais e Escrever Melhor

lermaiseescrevermelhor@esplegua.com

"Escrevo para criar um espaço habitável da minha necessidade, do que me oprime, do que é difícil e excessivo. Escrevo porque o encantamento e a maravilha são verdade e a sua sedução é mais forte do que eu.

Vergílio Ferreira (1992, p. 35)

O quinto número da revista LMEM reforça o aumento do número de escritores e leitores, em comunidade alargada de Agrupamento de Padrão da Légua. A construção social e cultural da escola atravessa, também, a construção coletiva da memória escrita, abrangendo, transversalmente, diversos anos e disciplinas, em consonância com a identidade do Projeto Ler Mais e Escrever Melhor.

Numa "dialética entre o conhecimento científico e a experiência do quotidiano" (Formosinho et al., 2010), a palavra escrita, enquanto discurso interativo, materializa histórias e opiniões, de pequenos e grandes escritores, que deixam a sua marca nas duas centenas de textos, incluídos na Revista, com poucas ou muitas linhas. Interessa, então, interrogar tempos e espaços, ritmos e experiência de vida. Tendo por horizonte a complexidade de uma escrita múltipla, individual e social, inscrita na dinâmica da (inter) relação entre sociedade, linguagem, escrita e desenvolvimento.

Assim sendo, a Revista LMEM continuará a apostar na consolidação de capacidades de comunicação, que fazem parte de uma cultura de escola e de cidadania. Por isso, reitera-se o convite à continuação da participação num projeto comum, agregador de vontades e de linguagens, de uma mesma realidade, em transformação e transformável, ancorada em vivências do quotidiano de todos os membros da comunidade. Que suba bem alto, como a estrela de papel do novo logotipo e símbolo do Agrupamento!

EQUIPA DO PROJETO LMEM 2013-2014

Celeste Paulino e Pessoa, Luzia Celeste Reis, Margarida Branca Lino, Maria da Assunção Pinheiro, Maria do Carmo Fontes, Maria da Conceição Teixeira, Maria Dulce Soares, Maria Ema Alves, Maria de Fátima Velasques, Maria Isabel Aboim, Maria José Bronze, Maria de Nazaré Coimbra, Patrícia de Almeida Silva.

PARTICIPANTES

Membros da comunidade educativa do Agrupamento de Escolas de Padrão da Légua.

Alunos e professores de diversos ciclos, anos, departamentos e áreas disciplinares.

Ilustrações Alunos e Professores de Educação Visual, Graças Gama e Anabela Paiva.

Design capa e contracapa Maria Isabel Trigo Coimbra.

ÍNDICE

BRINQUEDO Poema de Miguel Torga

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UM AGRUPAMENTO Presidente da CAP do Agrupamento de Padrão da Légua Isabel Maria Pereira Antunes Morgado

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DA MEMÓRIA ESCRITA Coordenadora LMEM Maria de Nazaré Castro Trigo Coimbra

1. A ESCRITA EM PROJETO 7

Texto 1: O MARKETING E OS JOVENS, Joana Freitas, nº12, 11ºC	7
Texto 2: A CORRUPÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL, Inês Ramalho, nº11, 11ºC	8
Texto 3: A ETERNA SOCIEDADE CORROMPIDA, Joana Freitas, nº12, 11ºC	8
Texto 4: SABER VER O MUNDO EM QUE VIVEMOS, Inês Madeira, nº13, 12ºA	9
Texto 5: SABER VER, Carolina Mendes, nº2, 12ºA	9
Texto 6: BOMBEIROS NUM MAR DE CHAMAS, Rui Silva, nº28, 10ºE	9
Texto 7: A CORAGEM DOS BOMBEIROS, Tamaris Gomes, nº29, 10ºE	10
Texto 8: UM TRABALHO MAL PAGO, Tiago Teixeira, nº31, 10ºE	10
Texto 9: A IMPORTÂNCIA DOS BOMBEIROS, Mariana Leite, nº23, 10ºE	11
Texto 10: VERDADEIROS SOLDADOS DO MUNDO, Maria João Mendes, nº21, 10ºE.....	11
Texto 11: A VIDA DIFÍCIL DOS BOMBEIROS, Henrique Lima, nº 24, 10º D	12
Texto 12: O TRABALHO DOS BOMBEIROS, João Carlos Ribeiro, nº 10, 10º D	12
Texto 13: A ILHA, Sofia Rafael, nº 26, 9º H	13
Texto 14: A TELEVISÃO E OS JOVENS, Rodrigo Silva, nº23, 8ºG	13
Texto 15: SERÁ QUE A TELEVISÃO TEM UMA INFLUÊNCIA POSITIVA? Alexandra Ribeiro nº1, 8ºF	13
Texto 16: A TELEVISÃO NOS NOSSOS DIAS, Bárbara Carvalho, nº5, 8ºG	14
Texto 17: A UTILIDADE DO TELEMÓVEL, Inês Sofia Morais, nº12, 9ºH	14
Textos 18: CALIGRAMAS, E.B.1 Padrão da Légua	15
Texto 19: O QUE EU GOSTAVA DE SER QUANDO FOR ADULTO, Duarte, 2ºC, E.B.1 Padrão da Légua	15
Textos 20: ACRÓSTICOS, E.B.1 Padrão da Légua	16
Texto 21: DIAS DE INVERNO, Francisco Castro, E.B.1 Padrão da Légua	16
Texto 22: O MIÚDO QUE PREGAVA PREGOS NUMA TÁBUA, Rita Couto, nº22, 8ºG	18
Texto 23: HISTÓRIAS COM PALAVRAS, Ana Cristina Pimentel, nº2, 9ºD	19
Texto 24: POR QUE RAZÃO AS MULHERES VIVEM MAIS QUE OS HOMENS? André Caetano, nº3, 8ºG	19
Texto 25: OBESIDADE INFANTIL, Bárbara Guimarães, nº4, 8ºG	19
Texto 26: A DEMOCRACIA, João Pires nº12, 8ºG	20
Texto 27: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, Mariana Barros, nº17, 8ºG	20
Texto 28: SONHOS SEM FRONTEIRAS, Pedro Moço, nº4, 9ºC	20
Texto 29: SONHAR, Henrique Queirós, nº 9, 9º H	21
Texto 30: O SONHO COMANDA A VIDA, Mariana Gonçalves, nº 16, 9º H	21
Texto 31: O CACHALOTE, UM ANIMAL EM VIAS DE EXTINÇÃO, João Martinho, nº16, 8ºF	22

Texto 32: O SEGREDO DA BORBOLETA BELA-DAMA, Rúben Terra, nº28, 8ºF	22
Texto 33: O COELHINHO BRANCO, Bruna Santos, 2ºF, E.B.1 Padrão da Légua	22
Texto 34: O COELHINHO BRANCO, Ricardo Silva, 2ºF, E.B.1 Padrão da Légua	23
Texto 35: O ELEFANTE COR-DE-ROSA, Inês Sousa, 2ºG, E.B.1 Padrão da Légua	23
Texto 36: O NATAL E A SOLIDARIEDADE, Ana Dantas, nº2, 11ºE	24
Texto 37: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Ana Alexandra Alves, nº1, 9ºE	24
Texto 38: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Pedro Sousa, nº23, 9ºE	24
Texto 39: A HISTÓRIA DOS ANTIBIÓTICOS, Rita Couto, nº22, 8ºG	25
Texto 40: PARA INGLÊS VER, João Alves Silva, nº13, 10ºB	25
Texto 41: OS PANDAS, ANIMAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO, Miriam Ferreira, nº17, 8ºG	26
Texto 42: O MEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, Gonçalo Cunha, 2ºC, E.B.1 Padrão da Légua	26
Texto 43: O TIGRE, Susana Fonseca, nº25, 8ºG	26
Texto 44: SIDA, Pedro Pinto, nº25, 8ºF	28
Texto 45: DROGAS NA ADOLESCÊNCIA, José Miranda, nº18, 8ºG	28
Texto 46: O MUNDO DE HUNTER HADLER, David Pinto, nº6, 8ºD	28
Texto 47: O QUE É O AMOR? Gabriela Silva, nº9, 11ºE	29
Texto 48: REALIDADES, Mariana Madureira, nº 14, 11ºE	29
Texto 49: A POLUIÇÃO AMBIENTAL, Mariana Chibante, nº20, 8ºF	30
Texto 50: A EDUCAÇÃO ATUAL, João Jesus, nº17, 8ºF	31
Texto 51: DESCRIÇÃO DE UM TABLET, Mª Inês Moreira, nº17, 5ºF	31
Texto 52: SE EU FOSSE UMA BONECA, Inês Sousa, nº9, 5ºF	31
Texto 53: SE EU FOSSE UM AVIÃO, Duarte Freitas, nº7, 5ºF	31
Texto 54: UM SONHO, Maria João Canedo, 3ºC, E.B. do Araújo	32
Texto 55: UM SONHO, Miguel Alves Cunha, 3ºC, E.B. do Araújo	32
Texto 56: A EDUCAÇÃO ATUAL, Ana Rita, nº3, 8ºF	32
Texto 57: SAUDADES, Ana Fernandes, nº2, 10ºB	32
Texto 58: UM BEIJO CALOROSO, Ana Margarida Monteiro, nº5, 10ºB	33
Texto 59: A MINHA AVÓ, Inês Frade, nº8, 7ºF	33
Texto 60: A EDUCAÇÃO ATUAL, Inês Conceição, nº13, 8ºF	33
Texto 61: EDUCAR HOJE, Patrícia Gonçalves, nº23, 8ºF	34
Texto 62: A LEI DA VIDA, Nádia Santos, nº19, 8ºG	34
Texto 63: AUTORRETRATO, Sara Anjos, nº24, 8ºE	35
Texto 64: A EXPRESSÃO, Sara Anjos, nº24, 8ºE	35
Texto 65: NOITE ESCURA, Tatiana, nº23, 7ºG	35
Texto 66: A EDUCAÇÃO ATUAL, Beatriz Maganha, nº6, 8ºF	36
Texto 67: A SOCIEDADE, Sofia Ribeiro, nº2, 12ºC	36

2. VIAJAR 37

Texto 1: TESOUROS DE PORTUGAL, Maria Carlota Silva, nº15, 11ºB	37
Texto 2: QUEENSTOWN, DIVERSÃO PARA TODA A FAMÍLIA, Bárbara Montoia, nº3, 11ºB	38
Texto 3: A VIAGEM, Luana Laura, 4ºH, E.B.1 do Padrão da Légua	39
Texto 4: A CANETA VIAJANTE, Afonso, 4ºH, E.B.1 do Padrão da Légua	39
Texto 5: UMA VISITA A ÓBIDOS, Diogo de Carvalho Silva, nº5, 10ºD	40
Texto 6: UMA VISITA A LISBOA, Luís Azevedo, nº13, 10ºD	40
Texto 7: MANHATTAN, Cláudia Fonseca, nº4, 11ºB	41
Texto 8: VIAGEM AO OUTRO LADO DO ESPELHO, Carolina Biscaia, nº4, 9ºH	41
Texto 9: O JARDIM, Catarina Alves, nº4, 7ºG	42

Texto 10: O PARQUE, Tomás Oliveira, nº25, 7ºG	42
Texto 11: NA PRAIA, Ana Freitas, nº2, 7ºF	42
Texto 12: A CORAGEM, Rodrigo Fontinha, nº24, 9ºH	42
Texto 13: LEITURA DE IMAGEM, Margarida Santos, nº16, 7ºG	43
Texto 14: NO FUTURO, ESTES SERÃO OS PEIXES DOS NOSSOS OCEANOS, José Pedro Moreira, nº15, 8ºB	43
Texto 15: Conto UM SONHO DE MAR, João Silva, 9º ano	44
Texto 16: Conto UMA FAMÍLIA DIFERENTE, Maria João Mendes, 9º ano	46
Texto 17: Conto ABISMO DIVINO, Vanessa Matos, 12º ano	47
Texto 18: Conto UM HORIZONTE DE POSSIBILIDADES, Ana Barbosa, 12º ano	49

3. PÁGINAS DE BABEL 51

Texto 1: TINTIN, Tomás Oliveira, nº25, 7ºG	51
Texto 2: JÉRÔME FERNANDEZ, Tiago Pratas, nº26, 7ºG	51
Texto 3: RÉSUMÉ DU CONTE DE ELSA DEVERNOIS ASTRAPI, 8ºD	52
Texto 4: UNE HISTOIRE D'AMOUR (LE 14 FEVRIER), Daniel Melro, nº5, 8ºD	52
Texto 5: YO SOY ASÍ, Francisco Oliveira, nº5, 9ºG	52
Texto 6: YO SOY, Joana Carvalho, nº10 e Raquel Castro, nº13, 9ºG	54
Texto 7: TÚ, Alba González, nº1, 9ºF	54
Texto 8: LA CULTURE, João Esteves, nº18, 9ºE	54
Texto 9: MES LOISIRS PRÉFÉRÉS, Sara dos Anjos, nº24, 8ºE	55
Texto 10: MES LOISIRS PRÉFÉRÉS, João Pedro Gonçalves, nº13, 8ºE	55
Texto 11: HEALTHY FOOD, Catarina Miranda, nº 8, 8º G	55
Texto 12: FAST FOOD, Marco Caetano, nº 13, 8º C	55
Texto 13: ARE TEENAGERS' YEARS THE BEST OF ONE'S LIFE? Bruno Carvalho, nº29, 10ºB	56
Texto 14: ADOLESCENCE, Anabela, nº6, 10ºC	56

4. FÓRUM DE LEITURA57

Texto 1: POLVOS... HÁ MUITOS, Carina Freitas, nº6, 11ºD	57
Texto 2: A OBRA O CAVALEIRO DA DINAMARCA, Ana Freitas, nº1, 7ºF	58
Texto 3: O RAPAZ DO PIJAMA ÀS RISCAS de JOHN BOYNE, Tiago Sousa, nº24,10ºD .	58
Texto 4: O CÓDIGO DA VINCI de DAN BROWN, Luís Magalhães, nº14, 10ºD.....	59
Texto 5: O MEU PÉ DE LARANJA LIMA de JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS, Rodrigo Barbosa, nº25, 9ºH	59
Texto 6: A RATOeira de AGATHA CHRISTIE, Nuno Gomes, nº18, 10ºD	60
Texto 7: AMOR DE PERDIÇÃO de CAMILO C. BRANCO, Daniela Borges, nº4, 10ºD....	61
Texto 8: A MARCA DO ASSASSINO de DANIEL SILVA, Sofia Pinto, nº26, 9ºH.....	62
Texto 9: A RAPARIGA QUE ROUBAVA LIVROS de MARKUS ZUSAK, Inês Morais, nº12, 9ºH	63
Texto 10: A MINHA PAIXÃO PELA LEITURA, José Pedro Moreira, nº15, 8ºB	64
Texto 11: CULTURA E LIBERDADE, Tiago Veloso, nº21, 3ºA.....	66
Texto 12: VIAJAR ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO, Lúcia Caldeira, nº22, 10ºE	66
Texto 13: ARTE, Pedro Pinto, nº25, 8ºF	66

5. TEMPO DE POESIA 67

Texto 1: O INFANTE, Inês Lobão, nº10, 12ºD	67
--	----

Texto 2: ESTA ESPÉCIE DE LOUCURA, Jéssica Quirino, nº 11, 12º D.....	69
Texto 3: AVALON, O CAVALEIRO, Nuno Giesta, nº12, 9ºG	69
Texto 4: HISTÓRIA DE UM JOVEM CAVALEIRO, Nuno Giesta nº12, 9ºG	70
Texto 5: ALUNOS DA VIDA, Alba González, nº1, 9ºF	71
Texto 6: AZUL, Afonso Andrade, 4º ano EB1JI Araújo	71
Textos 7: A SOLIDARIEDADE, Alunos do 7º E	72
Textos 8: 2 POEMAS, Nuno Giesta, nº12, 9ºG	72
Texto 9: NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO, Filipa Dias, nº 8, 12º D	73
Texto 10: QUEM SOU? Sara Anjos, nº24, 8ºE	74
Texto 11: BARAFUSAMENTE CONFUSO, Sara Anjos, nº24, 8ºE	75
Texto 12: LETRAS PROLÍFICAS, Sara Anjos, nº24, 8ºE	75
Textos 13: SER SOLIDÁRIO, 9ºD e 9ºE.....	75
Texto 14: PÁGINA EM BRANCO, João Gonçalves, nº13, 8ºE	76
Texto 15: FILHA DO OUTONO, João Gonçalves, nº13, 8ºE	76
Texto 16: A MÚSICA, Sara Ribeiro, nº26, 8ºE	77
Texto 17: DESPREDADOR..., Sara Pinho, nº23 e Sara Anjos, nº24, 8ºE	77
Texto 18: ANTRACITE, Sara Anjos, nº24, 8ºE	77
Texto 19: PRESSÁGIO, Telmo Barros, nº29, 12ºB	78
Texto 20: HÁ SEM DÚVIDA QUEM AME O INFINITO, Catarina Moreira, nº6, 12ºB	79
Texto 21: TEUS OLHOS ENTRISTECEREM, Patrícia Costa, nº1, 12ºB	80
Texto 22: O MISTÉRIO ANDANTE DA PAIXÃO, Sara Anjos, nº24, 8º E	81
Texto 23: POEMA DE NATAL, Sara Pinho, nº23 e Sara Anjos, nº24, 8ºE	82
Texto 24: NOITE DE NATAL, Sofia Ribeiro, nº2, 12ºC	82
Texto 25: TENHO TANTO SENTIMENTO, Joana Lobão, nº13, 12ºB	83
Texto 26: VERSOS SOLTOS, Daniela Borges, nº 4 e Inês Silva, nº9, 10ºD	85
Texto 27: VEM TER COMIGO, Mariana Magalhães, nº15, 10ºD	85
Texto 28: AMIZADE E AMOR, Olga Teixeira (mãe da Mariana Magalhães)	85
Texto 29: NOS CONFINS, Rita Miranda, nº23, 9ºH	86

6. ESCREVER ou VOZES DA COMUNIDADE87

Texto 1: AMO A VIDA, António Estrela, Funcionário ESPL	87
Textos 2: METODOLOGIA DE PLATÃO APLICADA EM SALA DE AULA, Alunos de 11º ano e Maria Luísa Pacheco, Professora de Filosofia	88
Textos 3: PENSO, LOGO, Alunos de 10º e 11º ano, Luísa Pacheco, Lúcia Reis, Ana Paula Sá, Professoras de Filosofia	92
Textos 4: PENSO, LOGO, Alunos de 5º ano, Luísa Pacheco, Lúcia Reis e Casimiro Pinto, Professores de Filosofia	93
Texto 5: EM NOME DOS OUTROS, Conceição Teixeira, Professora de Português	94
Textos 6: "PENSO, LOGO EXISTO" OU SÓ SE É FORTE A PENSAR, Rafael Magalhães, nº14, Beatriz Mendes, nº3, João Resende, nº12, Tiago Marques, nº20, Eliana Oliveira, nº8 e Soraia Mendes, nº18, 5ºB	94
Textos 7: A CIDADE ENTRE TELAS, Dulce Soares, Professora de Português	96
Texto 8: ENTREVISTA A UM POLÍCIA, Fábio Girão, nº 14, 7º H	97
Texto 9: A ESCOLA NOS TEMPOS DOS NOSSOS AVÓS, Inês Oliveira, 10º B	98
Texto 10: A ESCOLA DO MEU PAI, Diana Ferreira, 10º C	99
Texto 11: IMPRESSÕES MUSICAIS, Albina Fonseca, técnica administrativa ESPL	100

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

Difícilimo é o acto de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos (...) e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim.

José Saramago, *A Jangada de Pedra*

1. A ESCRITA EM PROJETO

O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** interliga o aperfeiçoamento das competências de leitura e de escrita, como modalidades complementares e interativas da língua, num *continuum* construtivo de uma mesma competência comunicacional e linguística.

O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** pretende o reforço do aperfeiçoamento da competência comunicativa do aluno, através da resolução de situações-problema e da realização de atividades. Porque a escola é o lugar natural de formação de leitores e escritores, de aquisição do hábito e do gosto pela leitura e pela escrita.

A Escrita em Projeto é uma secção aberta a textos escritos de diferentes géneros e temas, de autoria singular ou coletiva. Não há restrição de tipologia textual, apenas o cuidado habitual na correção estrutural e linguística dos textos, que devem ser apresentados em suporte informático, prontos para publicação.

Texto 1: O MARKETING E OS JOVENS, Joana Freitas, nº12, 11ºC **Data de edição: novembro 2013**

Numa altura em que as empresas tentam ir no sentido inverso ao da crise, a necessidade de inovar e adotar novas estratégias de marketing para promover o seu produto é inevitável. Juntando-lhe o fanatismo que muitas pessoas nutrem pelo consumo, a tarefa parece ser simples, mas, será que todos aderem ou serão apenas aqueles que cada marca escolhe, isto é, o público-alvo?

Provavelmente, dada a época tecnológica que vivemos, poucos são os jovens que se fascinam por um jogo de xadrez, preferindo um gadget recém-chegado. Na origem desse desejo poderão estar inúmeros motivos: o dito cujo é de facto extraordinário e quem o quer comprar é apaixonado pela área tecnológica, ou então porque viu o seu ídolo a publicitá-lo num anúncio que apareceu no intervalo da sua série favorita. E é aqui que está o busílis da questão: será que está tudo tão bem planeado que até influencia a escolha do jovem? Quase de certeza que a resposta é afirmativa, dado o que

anteriormente foi exposto, acrescentando-lhe ainda a facilidade que existe em manipular a cabeça deste público específico, que se deslumbra pelo que o rodeia.

Por isso, numa próxima ida ao shopping da localidade, se vir um mar de jovens à porta da loja de aparelhos tecnológicos, certifique-se se acabou de chegar um novo produto ao mercado e se o mesmo foi bem publicitado.

Texto 2: A CORRUPÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL, Inês Ramalho, nº11, 11°C

Data de edição: dezembro 2013

Afirma-se muitas vezes que a sociedade atual está mais corrupta que antigamente. Será esta afirmação verdadeira?

Sem dúvida que se pode dizer que a sociedade está, desde sempre, corrompida, apesar de muitas pessoas serem dignas de respeito, por manterem a sua moralidade e integridade. O que muda é a maneira como essa corrupção se evidencia.

Antigamente, exemplos de corrupção e de atos monstruosos eram, por exemplo, a escravatura, a desigualdade muito evidente de direitos entre nobres, clero e povo, a colonização e o desrespeito pelos indígenas, entre muitos outros.

Atualmente, a corrupção e a maldade dos homens mantém-se, infelizmente! Todos os dias se veem, nas notícias ou nos jornais, exemplos de corrupção de pequena ou grande escala. Ou atentados terroristas, ou assassínios sem dó, nem piedade, ou tráfico de pessoas, ou guerras, ou abusos...

É estranho! Normalmente, uma espécie faz tudo o que pode para assegurar a sua sobrevivência e os seres vivos da mesma espécie protegem-se uns aos outros. Por que razão, então, atentam os homens contra a dignidade e a vida uns dos outros? No meu ponto de vista, a causa desta situação é a corrupção das suas almas: a ambição desmedida, a vingança impulsiva, a crueldade irracional, atingir os fins quaisquer que sejam os meios.

É nosso dever, assim, não sermos corruptos e tentarmos contagiar os outros com a nossa integridade moral, dando o exemplo, a fim de contribuirmos para uma sociedade mais justa.

Texto 3: A ETERNA SOCIEDADE CORROMPIDA, Joana Freitas, nº12, 11°C

Data de edição: dezembro 2013

Tal como na época em que Padre António Vieira viveu a terra se encontrava corrompida, também o mesmo se verifica na sociedade atual, podendo assim dizer-se que o Sermão de Santo António aos Peixes é intemporal.

Na origem da corrupção que atualmente se verifica está o facto de, e agora citando o padre, "o sal não salga" ou "a terra não se deixa salgar", isto é, os pregadores não pregam devidamente a doutrina, ou o problema está em quem a recebe.

Começemos pelos ouvintes. Vivemos numa época em que o egocentrismo está tão apurado que a vontade de satisfazer concupiscências é maior do que seguir a verdade, talvez porque seja mais fácil ouvirmo-nos e não ouvirmos, ou porque simplesmente queremos recusar ver a realidade como ela é, ou então, porque regeremo-nos por ideias alheias é mais fácil do que conceber as nossas.

Por outro lado, temos os pregadores que têm associado o poder da verdade, devem evitar que esta sociedade se corrompa ainda mais. Porém, parece que essa é uma tarefa difícil, visto que muitos optam por proferir tudo menos a verdade; ou então, até a podem proferir, mas aquilo que fazem é totalmente o inverso; ou temos ainda os que optam por dizer aquilo que acham e esquecem-se da verdade.

Assim, podemos concluir que muitos dos pregadores do antigamente são os nossos atuais políticos, e que os ouvintes são o povo da atualidade, que prefere ouvir-se a si e aos seus desejos sem pensar nos outros.

Texto 4: SABER VER O MUNDO EM QUE VIVEMOS, Inês Madeira, nº13, 12ºA
Data de edição: dezembro 2013

O mundo está em constante transformação. A cada minuto que passa, aquilo que nos rodeia sofre modificações. Deste modo, a nossa capacidade de ver, de pensar e de intervir é um fator de vasta importância nestas alterações do mundo em que vivemos.

A visão é um dos sentidos mais importantes que temos, senão o mais importante. A capacidade de ver permite-nos, primeiramente, estar atentos e observar aquilo que nos rodeia para, posteriormente, refletirmos sobre aquilo que vimos. Assim, é essencialmente através da visão que tomamos conhecimento dos assuntos da atualidade e nos mantemos sempre informados, de modo a criarmos uma opinião sobre esses temas e formalizarmos argumentos que a suportem. Desta forma, seremos capazes de intervir nos assuntos que envolvem o mundo em que vivemos de forma a melhorá-lo. A visão altera, deste modo, a mente das pessoas, provocando mudanças na forma como estas veem as coisas e como agem.

A visão permite-nos ainda estar atentos e desfrutar daquilo que a natureza e o mundo têm para dar. Devemos procurar ver as coisas como elas realmente são, dando a merecida importância aos elementos naturais que nos rodeiam.

Em suma, as alterações que ocorrem no mundo em que vivemos, ao longo dos tempos, são, em parte, fruto da nossa capacidade de ver, de refletir e de intervir. Nós, seres humanos, devemos observar a natureza como ela realmente é, refletir sobre o que vemos e intervir de forma a melhorar o mundo.

Texto 5: SABER VER, Carolina Mendes, nº2, 12ºA
Data de edição: dezembro 2013

Hoje em dia, para que haja uma transformação do mundo de modo a melhorar a vida de toda a gente, é preciso ver e pensar para, mais tarde, se poder intervir.

Para que isto ocorra, o primeiro passo é ver tudo o que nos rodeia. É necessário tirarmos as nossas próprias conclusões e, para isso, temos que refletir. Como exemplo, podemos considerar a fome no mundo. Toda a gente é capaz de ver que esse problema se está a expandir, dia após dia. Todos nós temos a capacidade de pensar sobre ele, pois para o considerarmos um problema temos que refletir sobre o tema. No entanto, nem todos nós fazemos alguma coisa para que esta questão possa vir a ser resolvida.

E é aqui que entra a capacidade de dar a ver. Esta capacidade toda a gente a tem, mas só alguns a sabem usar. Para ocorrer a transformação do mundo é necessário que as pessoas se incentivem umas às outras. Assim, podemos considerar que quem faz voluntariado sabe usar a sua capacidade de dar a ver, uma vez que está sempre a tentar incutir esse espírito nas outras pessoas.

Com isto, podemos concluir que se pode gerar uma transformação no mundo aos poucos. Para que tal aconteça, temos de saber ver, refletir e, só depois, intervir das mais diferentes maneiras.

Texto 6: BOMBEIROS NUM MAR DE CHAMAS, Rui Silva, nº28, 10ºE
Data de edição: outubro 2013

Os meses de maior calor, nomeadamente junho, julho e agosto, estão lentamente a mudar de significado. Isto é, o verão, outrora conhecido pelos seus belos dias de sol e de temperatura agradável, está agora ensanguentado com a morte de vários bombeiros que tentaram pôr fim ao mar de chamuscas que invade as florestas portuguesas.

Vários incêndios, que ocorreram ao longo destes meses, foram combatidos com bravura pelos nossos soldados da paz. É de salientar o incêndio da serra do Caramulo que, após ter sido dominado pelas forças da paz, acabou por reacender e dar início a novos dias de luta e também de luto. De luto, pois resultou na morte de vários

bombeiros voluntários que nada a têm a ganhar, apenas a perder. É quase inacreditável que existam cidadãos com tamanha coragem, valentia e bondade. O facto de arriscarem as suas vidas sem receberem nada em troca, nem um mínimo ordenado, torna todas as suas acções grandiosas e exclusivamente boas. Seria substancial recompensar estes homens pelo menos atribuindo-lhes um ordenado. Ser bombeiro constitui uma profissão de carácter voluntário, porém, estes homens deveriam também receber uma certa quantia monetária. Ao haver um ordenado, a profissão seria mais apelativa aos jovens, que procuram emprego, e haveria mais bombeiros para combater o inferno que se faz sentir todos os anos.

Concluindo, não existem pessoas que sejam moralmente mais corretas do que os bombeiros. É de máxima importância a sensibilização dos cidadãos para com esta causa, bem como a criação de condições financeiras para fazer, desta luta interminável, uma acção eficaz.

Texto 7: A CORAGEM DOS BOMBEIROS, Tamaris Gomes, nº29, 10ºE

Data de edição: outubro 2013

Os bombeiros são pessoas que têm uma grande coragem e força de vontade. Sem eles, poderia haver graves consequências no país.

Eles são, sobretudo, heróis, pela forma como, diariamente, arriscam as suas vidas pelo bem dos outros. Mas, infelizmente, nem todos esses heróis nacionais vencem a luta contra o fogo. Muitos queimam-se, sofrem lesões ou até morrem. Contudo, nunca desistem. Um exemplo disso é de um bombeiro que, recentemente, morreu na luta contra o fogo e foi encontrado abraçado ao seu capacete.

Outro exemplo de grande força de vontade é o voluntariado, o que mostra uma grande solidariedade, por parte de vários jovens. Muitos conseguem, dessa forma, ajudar os outros, mesmo sendo apenas em tempos livres. Um exemplo dessa bravura são os vários adolescentes que, mesmo estando ainda na escola (básica ou secundária), prescindem do seu tempo livre para (em vez de ficarem o dia todo no computador, como fazem muitos) ajudar outras pessoas.

Concluindo, creio que é um trabalho extremamente difícil, que requer muita coragem, bravura e força, mas que, com a falta de recursos, provoca algumas mortes. Todos nós deveríamos ter uma enorme gratidão (e até admiração) para com estes heróis da nação.

Texto 8: UM TRABALHO MAL PAGO, Tiago Teixeira, nº31, 10ºE

Data de edição: outubro 2013

Ser bombeiro é um trabalho que não é para qualquer um, mas somente para pessoas corajosas.

Nas últimas semanas do verão, os bombeiros continuaram a arriscar as suas vidas e alguns foram vitimados pelo fogo, para nos manter em segurança. Por exemplo, nem foi há muito tempo que morreu uma bombeira de vinte e dois anos que, segundo o telejornal, já exercia essa profissão desde os nove anos de idade. E também houve aquele caso de dois jovens de dezoito anos de idade que morreram igualmente cercados pelas chamas, na serra do Caramulo.

Neste verão, os bombeiros não tiveram descanso, pois eram tantos os incêndios que alguns chegavam a durar dia e noite. Não são quaisquer homens e mulheres que aguentam tanto castigo! Eu, que vivo à beira dos bombeiros voluntários de Leça do Balio, ainda oiço aquela campanha a tocar, pelo menos, três vezes ao dia.



**Henrique Queirós, nº9, 9ºH,
Exposição Educação Visual/Biblioteca ESPL, março 2014**

**Texto 9: A IMPORTÂNCIA DOS BOMBEIROS, Mariana Leite, nº23, 10ºE
Data de edição: outubro 2013**

É na altura do verão que somos bombardeados com notícias sobre os bombeiros e damos conta da sua importância, na proteção da população e das áreas florestais.

Apesar dos perigos a que estão sujeitos, estes pequenos grandes anjos lutam, sem medo, no combate às chamas, pondo em risco a sua própria vida, para salvarem o próximo, algo que neste ano de 2013, infelizmente, aconteceu várias vezes.

O perigo que estes correm não é causado apenas pelas chamas, que os rodeiam, mas, também, pela falta de condições de trabalho e de acesso às áreas afetadas. Seria necessário a renovação do equipamento, por exemplo, dos carros e dos fatos especiais, bem como a reparação de ruas e pequenos acessos, nos quais os bombeiros têm dificuldades em passar.

Concluindo, seria importante todos nós pensarmos nestes aspetos e não apenas no verão. Devemos pensar durante todo o ano, pois os bombeiros merecem ser valorizados e ajudados sempre, e não somente quando algum deles morre.

**Texto 10: VERDADEIROS SOLDADOS DO MUNDO, Maria João Mendes, nº21, 10ºE
Data de edição: outubro 2013**

A meu ver, os bombeiros, nos meses de verão, trabalham arduamente e apresentam uma coragem inexplicável. Trabalham mais nos meses de verão, pois é nestas alturas que as florestas são assombradas pelo fogo.

Primeiramente, os bombeiros apresentam um dos trabalhos mais árduos que alguém pode ter, porque não é qualquer um que arrisca a sua vida para defender as terras portuguesas. Pode-se considerar um trabalho difícil pois, caso ocorra algum erro, pode

resultar na morte dos bombeiros ou pode implicar problemas na saúde destes. Só este ano registou-se um maior número de incêndios e, consequentemente, houve um maior número de mortes.

Os bombeiros têm de ter muita coragem, porque um trabalho destes requer muita força e coragem. Estes têm de ter coragem, primeiramente, para enfrentar o fogo e também coragem para enfrentar a morte. Imaginemos um bombeiro que se encontre cercado pelo fogo. Este deve ter a coragem e a valentia de o enfrentar.

Concluindo, os bombeiros são seres corajosos e valentes, pois não é qualquer um que enfrenta um dos maiores medos da sociedade, o fogo. Têm um trabalho difícil, porque o que fazem é defender não só as terras portuguesas, mas também as populações. Estes homens e estas mulheres, realmente, merecem o cognome que lhes é geralmente atribuído de "soldados da paz", pois não combatem para provocar sofrimento, mas sim para enfrentar e vencer o mal que outros fazem.

Texto 11: A VIDA DIFÍCIL DOS BOMBEIROS, Henrique Lima, nº 24, 10º D
Data de edição: fevereiro 2014

Nos dias de maior calor, os bombeiros portugueses enfrentam inúmeros fogos, que desafiam a sua coragem e as suas habilidades no combate aos mesmos.

Deste modo, os bombeiros têm, cada vez mais, a vida dificultada. Para além do número de fogos e da sua intensidade, os obstáculos na vida pessoal desmotivam-nos e aumentam o risco de os incêndios se alastrarem. O principal obstáculo é a crise que, para além de desmotivar os bombeiros, também aumenta a atividade dos pirómanos. Estes estão cada vez mais na origem dos incêndios, como foi observado pelo comportamento de um indivíduo desempregado que foi multado na autoestrada e, em consequência, decidiu vingar-se ateando dois incêndios. Esta atitude acabou por resultar na morte de dois bombeiros, que combatiam os referidos fogos.

Assim, também a diminuição do número de bombeiros voluntários representa um grande obstáculo para este problema. Há cada vez menos pessoas dispostas a correr riscos para apagar incêndios do país, pois até mesmo alguns bombeiros, nos dias em que os incêndios estão muito perigosos, se demitem-se ou ausentam.

Concluindo, os bombeiros são desafiados, todos os anos, pelos fogos e deveriam ser mais apoiados quer pelo Estado, quer pelo povo. O governo português deveria dar-lhes mais incentivos económicos e o povo poderia ajudar na prevenção do risco de incêndios.

Texto 12: O TRABALHO DOS BOMBEIROS, João Carlos Ribeiro, nº 10, 10º D
Data de edição: fevereiro 2014

Os bombeiros são autênticos soldados da paz, que dão tudo o que têm e o que não têm, todos os verões, para extinguir "a maldição das chamas".

Estes são pessoas normais, que têm família, amigos, emprego e levam uma vida aparentemente normal. Mas o caso muda de figura, quando a época dos fogos chega. Milhares de bombeiros deixam a família e os amigos, para combaterem os incêndios que tomam o país de assalto, na época estival de maior calor. Os bombeiros não trabalham em troca de uma recompensa monetária, fazem-no porque têm uma força de vontade incrível, querendo proteger a mata e todos nós. O problema reside nas fracas condições de trabalho dos bombeiros. De facto, muitas corporações têm camiões velhos, mangueiras desgastadas e equipamento insuficiente.

Por isso, é essencial contar com a participação da população no combate aos fogos, o que implica tentar não abandonar as terras cultivadas, estabelecer um perímetro de segurança, dividir as zonas de mato e as zonas habitacionais. Só assim as pessoas ficarão seguras e o acesso dos bombeiros aos fogos será facilitado.

Concluindo, todos devemos reconhecer e facilitar o trabalho árduo dos bombeiros, fazendo os possíveis para apoiá-los, no combate aos incêndios. Eles merecem a nossa ajuda, pois os soldados da paz dão a vida pela nossa segurança.

Texto 13: A ILHA, Sofia Rafael, nº 26, 9º H
Data de edição: fevereiro 2014

Tudo começou quando Lisa se debatia para acordar, devido à sonolência que sentia, numa bela manhã de Outono. Sentiu uma brisa percorrer-lhe a face e afastou os fios de cabelo. Estava com um pouco de frio e convenceu-se que se tratava da janela do seu quarto, que, provavelmente, tinha deixado aberta. Abriu os olhos, levantou-se para cerrar a janela. Nesse momento, deparou-se com uma imensidão de fauna e flora, que a cercava, descobrindo que havia adormecido num manto de folhas verde-escuras.

Nem queria acreditar no que se tinha passado. Como seia possível? Estava perdida numa floresta qualquer, sem se lembrar do que lhe acontecera.

Levantou-se, tentando procurar o caminho de volta para casa, mas, em vez de avistar uma estrada com carros a circular, vislumbrou uma vasta imensidão de um azul claro. Não era o céu, era o mar. Desapontada e desesperada começou a mentalizar-se que poderia ficar naquela ilha, durante algum tempo. Por isso, começou a procurar abrigo e comida, tendo demorado o resto do dia a instalar-se.

Finalmente, deitou-se no seu abrigo. Sentia a exaustão, de um dia atarefado e emocionante, a percorrer-lhe o corpo. A escuridão cerrou-lhe os olhos, enquanto o seu cérebro projetava imagens daquele dia, em flashes que surgiam e se desvaneciam.

Um abanão fê-la sair do que lhe pareceu ser um abismo.

A sua mãe acordou-a e Lisa descobriu-se a respirar de uma maneira ofegante. Um arrepio percorreu-lhe a coluna, devido ao suor que escorria pelas suas costas.

Eram oito da manhã e estava atrasada para a escola. Atrasada mas, também, desapontada e intrigada. Desapontada devido à sua aventura não passar apenas de imaginação e intrigada, pois o sonho parecia tão real, tão fascinante...

Texto 14: A TELEVISÃO E OS JOVENS, Rodrigo Silva, nº23, 8ºG
Data de edição: janeiro 2014

Hoje em dia a televisão faz parte do quotidiano dos jovens.

Será que a influência da televisão nos jovens é positiva?

De facto, hoje em dia, a televisão apresenta muitos programas divertidos e interessantes: filmes, programas educativos com canções, programas para adultos, entre outros. Ajuda também a entreter os jovens quando estão aborrecidos ou mesmo doentes.

No entanto, a televisão pode trazer prejuízo. Muitos jovens estão até muito tarde a ver televisão. Além disso, há programas inapropriados para eles: os programas, por vezes, têm linguagem desadequada e alguns dos desenhos animados, na televisão, são violentos, o que perturba a mente dos jovens, pois pensam só em destruição e guerra.

Para mim, a influência da televisão nos jovens é sobretudo negativa, pois os jovens ficam muito cansados para estudarem e aprendem, muitas vezes, uma linguagem inapropriada, pensando muito em destruição e violência.

Texto 15: SERÁ QUE A TELEVISÃO TEM UMA INFLUÊNCIA POSITIVA? Alexandra Ribeiro nº1, 8ºF
Data de edição: janeiro 2014

Hoje em dia, a televisão está muito presente no nosso dia-a-dia: nos lares, nas montras, em casa ...

A televisão tem alguns aspetos negativos na vida dos jovens tais como: distrai-os das suas obrigações, leva-os para outra realidade e impede-os às vezes de descansarem, porque distraem-se com os seus programas favoritos e, assim, deitam-se por vezes bastante tarde.

Contudo, a televisão também tem aspetos positivos: avisa-nos dos cortes nas

pensões, das promoções, das greves... para nos podermos prevenir. Além disso, mostramos as notícias para podermos estar a par do que acontece no nosso país. Ela pode também entreter-nos e animar-nos porque nos mostra coisas divertidas e interessantes.

Eu concluo que, se a televisão for utilizada devidamente, ela pode ser uma boa influência para os jovens.

Texto 16: A TELEVISÃO NOS NOSSOS DIAS, Bárbara Carvalho, nº5, 8ºG
Data de edição: janeiro 2014

Nos dias de hoje, a televisão é muito usada pelos jovens e adultos. Será a sua influência positiva para os jovens?

Infelizmente, têm existido programas televisivos e anúncios publicitários desnecessários, como por exemplo a "casa dos segredos", o "factor X", entre muitos outros, porque não nos ensinam nada de bom. Na realidade, só nos fazem perder tempo a vê-los a cantar, dizer palavrões e a desrespeitarem-se uns aos outros. Além disso, muitos programas fazem com que nós não estudemos o suficiente, o que é essencial para os dias de hoje.

Atualmente, são poucos os programas educativos, o que é preocupante para o nosso futuro e péssimo para o desenvolvimento do país. Deste modo, as crianças são prejudicadas porque pensam que a vida é "um mar de rosas", o que não é verdade, e não têm noção que isso os irá prejudicar mais tarde, porque atualmente sem bons estudos quase não se arranja emprego.

Por outro lado, concordo que as crianças, jovens e adultos vejam TV. É uma das melhores maneiras de estar informado dos problemas que temos e que poderão surgir no futuro, como, por exemplo, a crise, os assaltos que, cada vez mais, têm existido em Portugal e em todo o mundo, assim como os acontecimentos mundiais.

Na minha opinião, a televisão pode ser bem utilizada por nós e, deste modo, poderemos ter noção do perigo e das consequências dos nossos atos. No entanto, ela não deve ocupar, em demasia, o nosso tempo livre.

Texto 17: A UTILIDADE DO TELEMÓVEL, Inês Sofia Morais, nº12, 9ºH
Data de edição: dezembro 2013

Uma invenção que contribuiu para o progresso e bem-estar dos homens foi o telemóvel, porque possibilitou a quebra de barreiras que impossibilitavam a comunicação entre pessoas.

Claro que, como tudo o que existe, o telemóvel tem as suas vantagens e desvantagens. A primeira vantagem é a comunicação, a baixos custos, entre pessoas em regiões diferentes. Antes de o telemóvel existir, era muito mais difícil alguém, apesar de viver no mesmo país, comunicar com uma pessoa do interior, devido aos fracos meios de comunicação, que, por vezes, demoravam dias a chegar ao seu destino. Agora, com um simples premir de um botão, é possível comunicar a menores custos. Outro aspeto que considero constituir uma vantagem é o facto de ser móvel, visto que podemos transportá-lo para qualquer sítio e comunicar a partir daí. Tal não acontecia com os telefones fixos, que não se podiam transportar.

Como desvantagens, pode-se referir o facto de criar uma certa dependência, pois, presentemente, muitas pessoas não conseguem viver sem telemóvel e ficam nervosas quando não o têm. A outra desvantagem é o uso incorreto destes aparelhos, pois muitos estudantes usam os telemóveis para passar respostas dos testes aos colegas, usam-nos dentro da sala de aula e acabam expulsos, um problema que, cada vez mais, acontece.

Concluindo, apesar de todas as desvantagens que referi, penso que o telemóvel é, nos dias de hoje, um importante meio de comunicação, que contribui, efetivamente, para o desenvolvimento tecnológico e intelectual, bem como para o bem-estar humano.

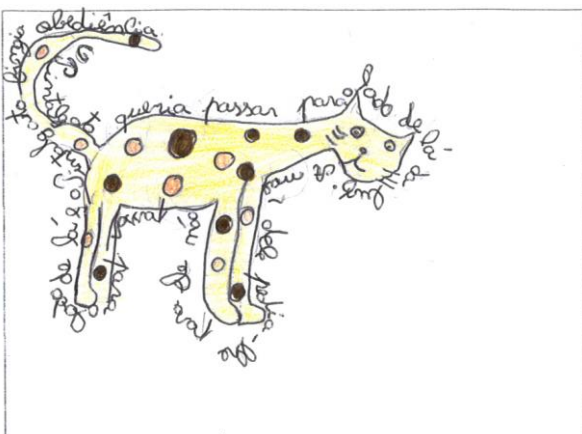
Textos 18: CALIGRAMAS, E.B.1 Padrão da Língua
Data de edição: janeiro 2014



Joana Melo, 4ºH



Rita Carvalho, 4ºH



Ana Beatriz, 4ºH



João Paulo, 4ºH

Texto 19: O QUE EU GOSTAVA DE SER QUANDO FOR ADULTO, Duarte, 2ºC, E.B.1
Padrão da Língua
Data de edição: janeiro 2014

Eu quando for adulto quero ser jogador de futebol, porque gosto muito de jogar à bola nos meus tempos livres. O futebol é o meu desporto favorito, mas sei que para isso tenho de estudar e trabalhar muito para merecer jogar no meu clube favorito que é o F.C. Porto.

Gostava de poder brilhar nos relvados e fazer por ser o melhor jogador, para ganhar muito dinheiro e ajudar a minha família.

Este é o futuro que quero para mim.

Textos 20: ACRÓSTICOS, E.B.1 Padrão da Língua
Data de edição: janeiro 2014

Ideal para brincar na neve,
Nas poças de água podemos saltar.
Vem o frio e a chuva
E os dias escurecem,
Regressamos das férias à escola.
Na escola começamos a trabalhar,
O inverno é bom mas vai acabar.

Joana Melo, 4ºH

Inverno fenomenal com flocos de neve,
Nesta estação fica-se bem ao pé da lareira.
Vem o vento e a chuva,
Estes dias ficam mais curtos.
Regressando à escola vou brincar,
Na escola vou-me divertir,
Os flocos de neve sempre a cair.

Rita Carvalho, 4ºH

Inverno é a melhor estação:
Nuvens cinzentas e frio,
Viva, a chuva já chegou.
Então vamos aproveitar,
Realmente o inverno é fantástico.
No inverno temos o Natal,
O inverno é mesmo divertido.

Ana Beatriz, 4ºH

Inverno para viver,
Nada se pode esquecer.
Vem neve, frio e chuva
E também as brincadeiras na neve.
Rir de alegria e dar gargalhadas,
No inverno a fazer palhaçadas,
O inverno nunca se pode esquecer.

João Paulo, 4ºH

Texto 21: DIAS DE INVERNO, Francisco Castro, E.B.1 Padrão da Língua
Data de edição: janeiro 2014

Que frio está hoje!

Ainda não parou de chover e de cair granizo. De repente, com força, batem gotas nos vidros de cada casa. Eu vejo os pingos a caírem e pergunto porque chove tanto no Inverno. A mãe diz que é preciso chuva para crescerem as plantas e eu acho que elas serão muito grandes e fortes este ano.

O vento está fortíssimo e partiu o guarda-chuva do meu vizinho, ele contou-me que foi à Serra da Estrela e a serra estava toda coberta de neve.

Eu também já fui à Serra da Estrela mas não me lembro de muita coisa.

Todos os dias me lembro da Serra da Estrela, porque o meu cão veio de lá.

MAPA DO TEMPO

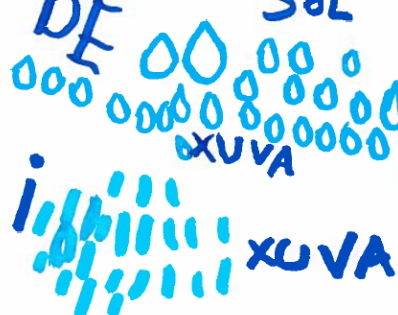
MÊS: *fevereiro*

2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo
					①	②
③	④	⑤	⑥	⑦	⑧	⑨
⑩	⑪	⑫	⑬	⑭	⑮	⑯
⑰	⑱	⑲	⑳	㉑	㉒	㉓
㉔	㉕	㉖	㉗	㉘		

FEVEREIRO É O MÊS 2 DO ANO 2014

NO MÊS DE FEVEREIRO

ESTEVE 0 DIAS DE

 SOL
 ||||| = 17 DIAS DE
 || = 3 DIAS DE SOL
 XUEU MUITO
 NÃO BRIZAMOZ
 NO RECMEIO
 XUVA

Alunos do Pré-escolar da EB1 do Araújo

Texto 22: O MIÚDO QUE PREGAVA PREGOS NUMA TÁBUA, Rita Couto, nº22, 8ºG
Data de edição: fevereiro 2014

O autor, Manuel Alegre, apresenta-nos este livro com uma capa sugestiva do título escolhido, que representa um pequeno pássaro sugerindo uma narceja das que caçava com seu pai na infância. Além disso, é também sugerida a ideia de liberdade, através da imagem de um pássaro, liberdade essa inscrita nos seus ideais de abril de 1974 que lhe trouxeram tantas vivências de sacrifício, trauma e algum alívio e que, atualmente, lhe lembram alguma desilusão.

A narceja é, para o autor, o filhote que parece ter nascido já ensinado para voar e “cantar”, embora recebendo desde a nascença os ensinamentos dos seus progenitores. Manuel Alegre também parece ter sido destinado à nascença para a escrita. Por outro lado, ele relata pequenos episódios que nos comprovam que seus pais, outros familiares diretos e todos os autores importantes que foi conhecendo pessoalmente ou apenas porque os lia, terão dado o seu contributo real para o desenvolvimento pessoal do seu gosto especial pela escrita e pela poesia.

Exemplo fundamental de legado familiar foi o ensino da “Barca Bela” de Almeida Garrett que sua Tia-Avó paterna, Maria do Carmo, fez questão de lhe oferecer. Outro exemplo: quando Manuel Alegre recebeu o seu prémio Pessoa em 1999, citou um texto de Álvaro de Campos, que leu na revista *Orpheu*, de seu avô paterno. Também o Professor de Francês do Liceu Alexandre Herculano lhe deu a conhecer a escrita de Fernando Pessoa que tinha sido seu aluno.

A leitura deste livro deixa-nos, logo de início, a intenção de Manuel Alegre de se esconder e se mostrar ao mesmo tempo, ou seja, nalguns momentos faz uso de subtilezas, mas noutros momentos abre completamente o seu coração e a sua mente, acabando por nos confirmar que esse jogo apenas serve para que o leitor o descubra verdadeiramente em toda a essência de seu ser.

A envolvimento das comparações que faz entre sua paixão pela poesia e factos ou vivências muito suas, dão uma beleza especial a esta obra, tal como o momento em que compara o inexplicável da arte da poesia para a sua amiga Sophia de Mello Breyner com o mesmo sentimento que Rafael Ortega nutria pela arte de tourear, como se ambas fossem artes destinadas à nascença para os seus seguidores.

Associa, também, a poesia a momentos cruciais como aquele em que esteve perto de morrer e gritou “-Deixem-me acabar o livro!”- como se a sua vida se tratasse de um livro.

Manuel Alegre consegue envolver-nos no mistério mágico que a poesia lhe suscita e considera que a poesia tal como a música, falam a mesma língua de DEUS e suscitam as mesmas interrogações contínuas.

Se um dia eu disser a um amigo que leia um livro, direi que deve ler Manuel Alegre no seu “miúdo que pregava pregos numa tábu”, com um título que se refere ao seu *hobbie* preferido de infância. Aparenta tratar-se de uma simples biografia, mas acaba por transformar-se numa leitura emotiva com algumas passagens com muito humor. O livro transmite o ensinamento fundamental sobre o facto de um ser humano poder ser, em simultâneo, uma pessoa reacionária, irreverente e muito determinada nos seus objetivos e também uma pessoa sensível, sonhadora e com sentido artístico apurado.

O autor descreve, com profunda sinceridade, a forma como a escrita foi, e ainda é, uma boa forma de quase libertação, em relação ao que lhe deixaram os traumas de guerra, interrogatórios da PIDE quando esteve preso em Luanda e exílio em França.

Concluindo, algo ou alguém que amamos muito pode ser o sentido na nossa vida e a nossa vida pode ser baseada nesta ou naquela paixão, neste caso, a poesia.

Texto 23: HISTÓRIAS COM PALAVRAS, Ana Cristina Pimentel, nº2, 9ºD
Data de edição: janeiro 2014

Desço a rua, cumprimento os meus vizinhos, entro no metropolitano, sorrio para a menina que está na bilheteira e digo-lhe "Bom dia!". Em seguida, dou-lhe as moedas necessárias em troca do retângulozinho que me fornece. Agradeço e despeço-me com um sorriso.

Desço a escada e espero paciente, com um amigo, que se aproxime o olho mágico da carruagem subterrânea. Ela chega, para e espera que todos entrem e felicitem o condutor. Logo a seguir, parte. Lá dentro, as conversas são abundantes.

Na minha paragem, saio juntamente com as outras pessoas que lá conheci e subo as escadas. Sigo pela rua fora. Despeço-me dos conhecidos e entro noutra rua numa loja. Peço ajuda aos senhores para encontrar os cestos metálicos. Escolho caixas, latas, pergunto preços e peço conselhos sobre o que terá melhor qualidade. Tudo aquilo é bonito, bem arranjado, atraente, higiénico.

Vou para a caixa, pergunto à menina que já conheço se está tudo bem, pago a conta, recebo o troco e ela manda cumprimentos para a minha família. Despeço-me educadamente.

Volto a casa, com as minhas compras, higiénicas, atraentes e com novas caras conhecidas. Sinto-me bem, num presente feliz.

Texto 24: POR QUE RAZÃO AS MULHERES VIVEM MAIS QUE OS HOMENS? André Caetano, nº3, 8ºG
Data de edição: janeiro 2014

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, os homens têm uma esperança média de vida de 76,43 anos, enquanto as mulheres de 82,30 anos. Mas porquê? Afinal qual é a razão para esta diferença?

Um grupo de cientistas comandados por Katsuiuku Hirokawa, um professor de Tokyo Medical and Dental University, no Japão, parece ter encontrado a explicação: a maior esperança de vida das mulheres em relação à dos homens está relacionada com o seu sistema imunitário.

A equipa analisou várias amostras de sangue (de homens e mulheres), medindo os níveis de glóbulos brancos e citosinas.

Percebeu-se que, embora o número de glóbulos brancos e citosinas vá diminuindo com a idade, esta situação é mais visível nos homens. Também, com o passar dos anos, a produção de células protetoras do organismo ocorre em maior número nas mulheres.

Em teoria, os resultados mostram que, com o decorrer do tempo, os homens têm uma maior probabilidade de desenvolver doenças cardíacas e cancro.

Para o professor Hirokawa, "as mulheres têm mais estrogénio, protegendo-as de doenças cardiovasculares até à menopausa", sendo esta a razão pela qual a esperança de vida das mulheres é superior à dos homens.

Texto 25: OBESIDADE INFANTIL, Bárbara Guimarães, nº4, 8ºG
Data de edição: janeiro 2014

A obesidade é uma doença muito problemática para a saúde de todos, mas principalmente para a das crianças. Este é um tema muito importante, pois diz respeito a todo o mundo.

Em Portugal, uma em cada três crianças sofre de problemas de obesidade infantil.

Os portugueses estão entre os países da Europa que têm o maior número de crianças afetadas.

Esta doença é causada por muitas falhas que, normalmente, são os pais que cometem: dão *fast-food* de comer aos filhos, deixam-nos beber refrigerantes e comer

doces regularmente ou não os colocam a praticar desporto. A obesidade infantil surge em consequência deste modo errado de viver. A obesidade pode desenvolver muitas mais doenças e também causar problemas sociais e psicológicos, porque estes jovens são os que mais sofrem de *bullying* ou discriminação.

A obesidade é a segunda principal causa de morte, o que preocupa o mundo. É um problema que tem de ser solucionado rapidamente, pois está a causar mortes e doenças graves.

Texto 26: A DEMOCRACIA, João Pires nº12, 8ºG

Data de edição: janeiro de 2014

Democracia é um sistema em que as pessoas de um certo país podem participar da vida política. Esta participação pode ocorrer através de eleições. Dentro de uma democracia, essas pessoas possuem liberdade de expressão e também podem manifestar as suas opiniões. A maior parte das nações do mundo seguem o sistema democrático, mas muitos dos países que aderiram à democracia não se entendem, como, por exemplo, a Grécia.

Existem também outros sistemas políticos como, por exemplo, a ditadura que existe ainda em alguns países, nos quais as pessoas não podem falar livremente nem manifestar-se.

A Democracia surgiu quando um nobre grego chamado Sólon decidiu propor, em 594 Antes de Cristo, um novo sistema para Atenas, "A Democracia " ou o governo do povo.

Texto 27: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA, Mariana Barros, nº17, 8ºG

Data de edição: janeiro 2014

A adolescência, como todos sabemos, é uma fase de descobertas, de ideias opostas às dos pais e irmãos, de formação de identidade e de um grande desenvolvimento a nível da fisiologia e de pensamentos. Quando a gravidez se junta a esta fase, ocorrem vários conflitos entre familiares e grandes problemas para as adolescentes envolvidas.

O início da atividade sexual está muitas vezes relacionado com o contexto familiar, com a perda de comportamentos conservadores e a liberdade idealizada.

A gravidez acontece, na maioria das vezes, porque não há utilização de métodos contraceptivos, existe algum desconhecimento e também há a tentativa de esconder dos pais a vida sexual. Engravidando, estas jovens ficam sem futuro pela frente.

Este é um problema sentido, principalmente, nos países em desenvolvimento, onde mais de 20 mil raparigas, com menos de dezoito anos, dão à luz.

Com todos os problemas que acarreta, conclui-se que uma gravidez indesejada traz consequências para a saúde, educação e emprego e também se pode tornar um obstáculo ao desenvolvimento mental e físico da jovem.

Texto 28: SONHOS SEM FRONTEIRAS, Pedro Moço, nº4, 9ºC

Data de edição: outubro 2013

A importância dos sonhos é enorme, na vida de qualquer pessoa. Contudo, relativamente aos mais jovens, tem uma relevância maior do que para os adultos.

Os sonhos, nos mais novos, representam a perceção do indivíduo quanto à importância da vida e à sua intervenção em sociedade. Usualmente, as pessoas planeiam toda a sua jornada na Terra, até falecerem. Apesar de, na maior parte das vezes, nem sempre correr como planeado, há importantes personalidades que, ao seguirem o seu

ideal, concretizam grandes feitos. Steve Jobs, o inventor do computador moderno, começou a sua carreira, na adolescência, com o sonho de levar a tecnologia a todos os lares. Como é do conhecimento público, esse desejo realizou-se. Atualmente, se temos um computador em casa, devemos-lo a este grande visionário e inventor.

Para alguns, os sonhos motivam-nos todos os dias. Isto é, carregam a esperança de que, um dia, as suas ambições se irão realizar. Desta forma, dão o seu melhor, no quotidiano, e trabalham arduamente, para alcançarem a sua felicidade. A título de exemplo, um desportista, LeBron James, conhecido basquetebolista americano, seguiu o seu sonho e, atualmente, é o melhor jogador da sua liga. Neste último ano, impulsionou a sua equipa para ganhar o campeonato da NBA.

Concluindo, os sonhos são importantíssimos na vida do jovem, pois levam-no a superar-se e a construir um futuro melhor.

Texto 29: SONHAR, Henrique Queirós, nº 9, 9º H

Data de edição: março 2014

São os sonhos que nos permitem imaginar o que é irreal e é neles que podemos dar asas à nossa imaginação e criar um mundo novo.

É durante os sonhos que imaginamos o nosso futuro. Enquanto somos crianças, costumamos sonhar que somos polícias e vamos prender todos os vilões, ou então, que somos astronautas e andamos a dar grandes saltos na Lua. É a partir dos sonhos que os artistas imaginam ou criam os seus quadros e que os escritores escrevem os seus livros.

Durante a noite, podemos pensar que estamos no nosso carro de sonho ou a fazer uma viagem incrível à volta do mundo. Existem pesadelos que são sonhos maus e que podem deixar-nos tristes, mas depois de um sonho mau vem sempre um bom sonho.

Concluindo, é nos sonhos que somos livres e é com eles que o nosso dia pode ficar alegre, caso seja um bom sonho, ou triste, caso seja um pesadelo. Sonhar ajuda-nos a enfrentar o presente e a preparar o futuro.

Texto 30: O SONHO COMANDA A VIDA, Mariana Gonçalves, nº 16, 9º H

Data de edição: março 2014

Hoje em dia, os adolescentes estão cada vez mais realistas, faltando a muitos a capacidade de sonhar.

A verdade é que, mesmo vendo, todos os dias, notícias sobre o desemprego, a crise e o elevado custo de vida, não podemos desanimar! É o sonho que nos traz a esperança de que mais precisamos, para continuar em frente e acreditar que é possível termos uma vida de sucesso. Quanto mais lutamos pelo sonho, ou seja, pelo nosso ideal de futuro, maior é a nossa capacidade de o atingir. O maior exemplo que podemos seguir é o de inúmeros cantores que, mesmo com a oposição de familiares, sempre acreditaram no seu talento e, hoje, têm uma grande carreira! Tal como eles, quanto mais acreditarmos que conseguimos chegar onde desejamos (quer a nível pessoal, quer profissional), maior será a nossa capacidade de atingir o sonho!

Para além disso, sonhar torna-nos mais felizes. Como poderíamos gostar da vida, se apenas a víssemos como algo concreto? Os alunos que, por exemplo, abandonam os estudos, são o maior exemplo de adolescentes sem sonhos, esperança ou determinação de singrar na vida, construindo o futuro.

Concluindo, enquanto adolescentes, devemos sempre acreditar que conseguimos alcançar o nosso sonho. Por isso, temos de dar o nosso melhor e nunca esquecer que "o sonho comanda a vida".

Texto 31: O CACHALOTE, UM ANIMAL EM VIAS DE EXTINÇÃO, João Martinho, nº16, 8ºF

Data de edição: janeiro 2014

O cachalote é um animal marinho em vias de extinção, que corre um sério risco de desaparecer da face da terra. É o maior cetáceo com dentes e é muito difícil de ser confundido com outros animais marinhos. A sua principal característica é a sua enorme cabeça retangular, que corresponde a quase metade do seu comprimento total.

Os filhos deste cetáceo nascem com quatro metros, e os adultos podem medir entre os doze e os dezoito metros. Este animal alimenta-se de cefalópodes, um inseto pequeno e escuro.

O cachalote encontra-se em perigo por causa dos produtos feitos a partir dele, como o espermacete. Para além disso, emaranham-se muitas vezes, acidentalmente, nas redes do alto mar. Por estas razões, o cachalote encontra-se numa situação complicada e pode até mesmo extinguir-se. É urgente encontrar soluções!

Texto 32: O SEGREDO DA BORBOLETA BELA-DAMA, Rúben Terra, nº28, 8ºF

Data de edição: janeiro 2014

A borboleta bela-dama pesa cerca de uma grama e tem o cérebro do tamanho da cabeça de um alfinete. Não é ensinada pelos pais a voar.

Recentemente, os investigadores descobriram que quando o verão termina, estas borboletas desaparecem. Todos os anos ela faz uma jornada entre o Norte da Europa e África. A maioria voa a uma altitude de 500 metros e, por isso, é que nunca vemos a sua migração. Chegam a atingir uma velocidade média de 45 km por hora e percorrem até 15 mil km, enfrentando temperaturas muito baixas. "Acredita-se que a borboleta bela-dama voa às cegas, levada pelo vento, rumo à extinção no mortífero inverno britânico", disse Richard Fox um dos investigadores.

Concluindo, as borboletas belas-damas são viajantes avançadas e profissionais. O segredo da sua sobrevivência é a migração do Norte da Europa para a África.

Texto 33: O COELHINHO BRANCO, Bruna Santos, 2ºF, E.B.1 Padrão da Légua

Data de edição: janeiro 2014

Era uma vez um Coelhoinho Branco que colheu couves para fazer a sua sopa.

Ele foi para casa e não conseguiu abrir a porta, porque lá estava a Cabra Cabrês, que o ameaçava que lhe saltava em cima e o fazia em três.

O Coelhoinho foi muito triste pelo caminho fora e encontrou vários animais: o boi, o cão, a galinha e a formiga. Apesar de ter pedido ajuda ninguém aceitou ajudá-lo, só a formiga aceitou. Apesar de ser pequenina foi corajosa.

A Formiga foi com o Coelhoinho até sua casa e o Coelhoinho bateu à porta da casa e a Cabra Cabrês, continuou a ameaçar para não os deixar entrar. A Formiga disse-lhe: - Eu sou a Formiga Rabiga que te salta em cima e que te fura a barriga.

A Formiga entrou pela fechadura da porta e picou a barriga da cabra. Esta foi-se embora e nunca mais voltou àquele sítio.

Texto 34: O COELHINHO BRANCO, Ricardo Silva, 2ºF, E.B.1 Padrão da Légua
Data de edição: janeiro 2014

Era uma vez um Coelhoinho Branco que de manhã foi à horta para ir colher couves para a sua sopa.

Quando foi para casa não conseguiu entrar, porque estava lá a Cabra Cabrês que lhe disse que lhe saltava em cima, e o fazia em três. O Coelhoinho foi-se embora muito triste pelo campo.

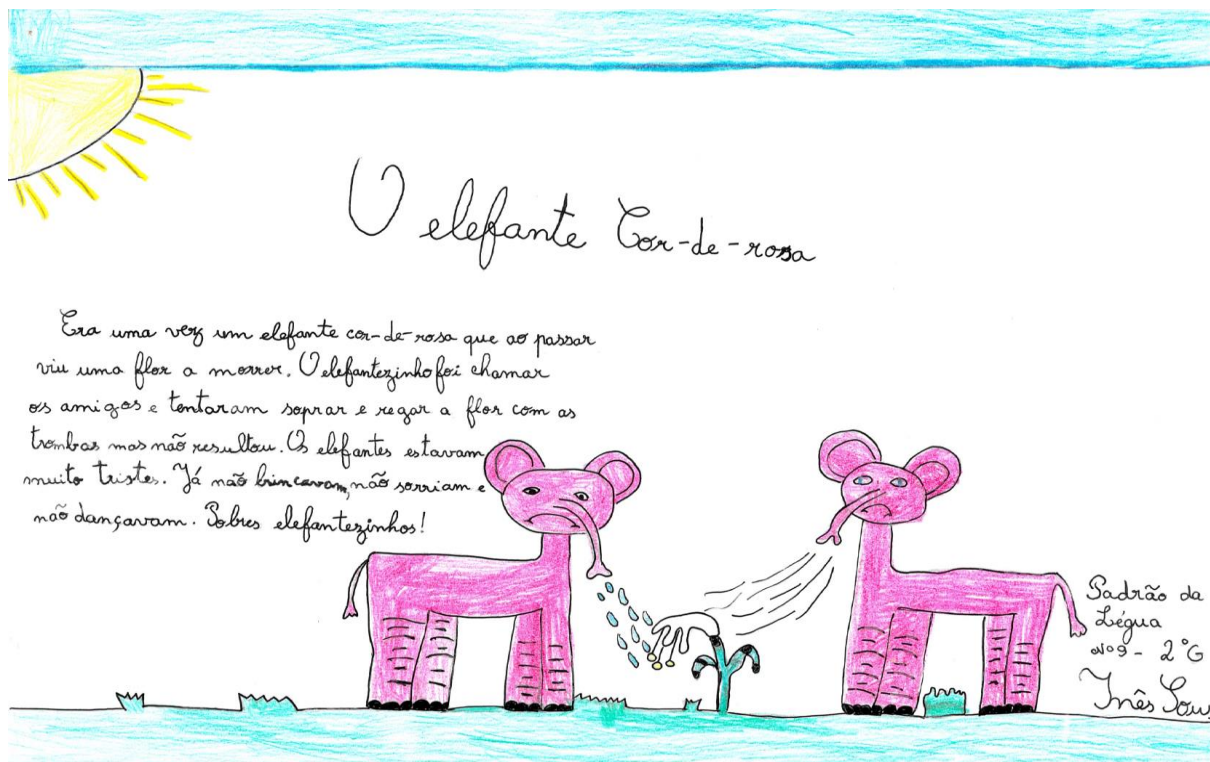
Encontrou animais: o boi, o cão, a galinha e a formiga. Apesar de pedir ajuda a todos eles, nenhum aceitou ajudá-lo, à exceção da formiga. Apesar de ser a mais pequena foi a mais corajosa.

Esta acompanhou o Coelhoinho a sua casa. Bateram à porta e a Cabra não os deixou entrar. A formiga disse:

- Eu sou a Formiga Rabiga salto-te em cima e furo-te a barriga.

E lá o fez. E esta muito assustada foi embora.

Texto 35: O ELEFANTE COR-DE-ROSA, Inês Sousa, 2ºG, E.B.1 Padrão da Légua
Data de edição: dezembro 2013



Texto 36: O NATAL E A SOLIDARIEDADE, Ana Dantas, nº2, 11ºE
Data de edição: dezembro 2013

Nesta época natalícia, as ruas são enfeitadas, as árvores decoradas e, inexplicavelmente, a solidariedade acende-se, o que me leva a perguntar: Só no Natal é que as pessoas se apercebem de que há necessidades materiais e emocionais? Claro que a resposta é não.

Multiplicam-se os programas televisivos para angariar dinheiro para instituições, intensificam-se as recolhas de alimentos para os desalojados, fazem-se as contas para prever quantos não vão poder festejar o Natal, mas, no final de tudo, o momento festivo passa, a pobreza continua e os programas acabam assim como as recolhas de alimentos. Afinal, tanta solidariedade e tudo desaparece: as crianças continuam a passar fome, os adultos a viver na rua, os idosos sem companhia e, como o Natal já lá vai, a solidariedade foi esquecida.

Assim, agora é necessário esperar pelo próximo mês de dezembro e, entretanto, tentarmos sensibilizar a sociedade para a necessidade de continuar a ajudar a alimentar os que mais precisam e a falar com aqueles que sofrem de solidão.

Texto 37: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Ana Alexandra Alves, nº1, 9ºE
Data de edição: janeiro 2014

Desço a rua, cumprimento os meus vizinhos, entro no metropolitano, sorrio para a menina que esta na bilheteira e digo-lhe "Bom dia". A menina responde: "Bom dia, como está? O pai está melhor?". Respondo-lhe, dou-lhe o dinheiro, ela dá-me o troco, sorrio-lhe, desejo-lhe um resto de bom dia e ela retribui.

De seguida, desço as escadas rolantes, digo "Bom dia" ao Sr. Alberto do quiosque da esquina. Olho em volta e vejo as meninas da escola a falarem, assim como os mais velhos a tagarelarem sobre as vidas dos netos e filhos. E nós a falarmos do trabalho e de como os filhos nos dão que fazer.

Saio na minha paragem, subo as escadas, cumprimento os senhores que estão na esplanada do café, sigo rua após rua. Entro na loja, digo "Olá" à senhora Lúcia da caixa, dou-lhe o dinheiro, dá-me o troco, deseja-me um "Bom dia" e eu retribuo.

É sempre um prazer sair à rua e cumprimentar o Sr. Alberto, a Dona Lúcia, os senhores do café, a menina da bilheteira...

Chego a casa, pouso as compras e sorrio por fazer parte de uma sociedade evoluída.

Texto 38: HISTÓRIA COM PALAVRAS, Pedro Sousa, nº23, 9ºE
Data de edição: janeiro 2014

Desço as escadas do meu prédio. Espero pelos irmãos Alfredo e Carlos, que vivem dois andares acima do meu, e de seguida subimos a rua juntos até à paragem do autocarro.

A caminho da paragem, cruzo-me com um dos muitos reformados da minha rua e trocamos bons dias, mas desta vez não havia tempo para conversarmos sobre o neto ou a esposa adoentada, pois o autocarro não ia esperar por ninguém; havia horários a cumprir.

Milagre! Nessa manhã havia lugares vagos no chamado "banco dos parvos"! Sentei-me juntamente com os meus amigos e começamos a trocar relatos de episódios passados e doenças com uma senhora que se sentara mesmo à nossa frente.

Quando à hora do almoço terminaram as aulas, vim com o meu neto e voltei para a minha rua com palavras. Antes de almoçar, fui à padaria e distraí-me com o tempo. Quando dei por mim, estava há imenso tempo a falar sobre a última jornada da Liga Portuguesa com o senhor José, o gerente e empregado de balcão da padaria.

À tarde, lá fui eu ajudar a minha filha; fui a um pequeno mercado perto de casa e fiquei a saber dos mexericos diários da zona, devido à minha conversa habitual com a senhora Elisa, a menina da caixa!

Gosto muito da minha rua, pois parece uma aldeia no meio da cidade do Porto. "À terra onde fores ter, faz como vires fazer"!

Texto 39: A HISTÓRIA DOS ANTIBIÓTICOS, Rita Couto, nº22, 8ºG

Data de edição: janeiro 2014

Ao longo dos anos, temos o relato de tentativas de curar doenças, melhorar dores, etc., utilizando várias substâncias. No entanto, ao princípio, tudo era observacional. No decorrer dos anos, o termo "antibiótico" começou a ser usado e era definido como uma substância composta por microorganismos, que não permitiam o desenvolvimento de outros microorganismos, estes últimos prejudiciais para a nossa saúde.

A história dos antibióticos é normalmente dividida em 3 grandes eras. A primeira Era (1619) é conhecida como Era dos Alcalóides e nesta temos os primeiros registos de sucesso no tratamento da Malária e da Disenteria, recorrendo a produtos naturais.

Na segunda Era (1860), começou a estudar-se o efeito inibidor de substâncias químicas sobre as bactérias, com um excelente resultado, baixando as taxas de mortalidade. Foram também descobertos antibióticos como a Penicilina e Tirocitrina.

A terceira Era (1936) é conhecida como a Era moderna dos antibióticos, com o controlo das infeções por Estreptococos e Pneumococos e foram descobertos a Bacitracina, o Cloranfenicol, entre outros.

Chegamos à conclusão de que os antibióticos melhoraram muito a qualidade de vida das pessoas. Hoje em dia, os antibióticos criados têm propriedades em comum com os produtos usados antigamente. No entanto, diminuir a resistência das bactérias continua a ser muito difícil, e os cientistas procuram criar antibióticos para "curar" cada vez mais doenças.

Texto 40: PARA INGLÊS VER, João Alves Silva, nº13, 10ºB

Data de edição: novembro 2013

Um dia, no 2º ou 3º ano, ouvi a minha professora pronunciar a expressão "para inglês ver". Surpreendido perante tão estranha escolha de palavras, questionei-a, obviamente, sobre o seu significado.

Ultrapada com o que, para si, era uma enorme e indesculpável falta de conhecimento, respondeu-me, entre pequenos silvos de fúria e soltando, uma vez ou outra, um palavreado como "O estado a que isto chegou!" ou "Como é possível!", mas respondeu. Explicou que a expressão significava fazer algo apenas para apaziguar ou para agradar alguém, por interesse. Basta dizer que não entendi uma palavra do que a minha bem-letrada professora proferiu. Logo, perguntei aos meus pais que, em pequenas palavras, me disseram o mesmo. Desde então odeio a expressão, espero eu, mais pelo seu significado do que pela forma hostil como me foi apresentada. Mas, por tanto a odiar, muito penso nela. É que, na altura, parecia-me chocante que alguém fizesse algo senão pelo ato de o fazer, isto é, fazer algo com muito boas intenções.

Por alguma razão, contudo, desde que comecei a prestar atenção ao mundo, compreendi bem melhor a expressão. Diria que, provavelmente, é por ver as ações por ela contempladas tão ostensivamente praticadas por todo o lado. "A *modos*" que odeio a expressão mais do que nunca.

Texto 41: OS PANDAS, ANIMAIS EM VIAS DE EXTINÇÃO, Miriam Ferreira, nº17, 8ºG

Data de edição: janeiro 2014

As espécies em vias de extinção são aquelas cujo número de seres vivos é muito reduzido, com grande perigo de desaparecerem se não forem protegidos e, neste caso, inclui-se o Panda.

O Panda vive geralmente em florestas montanhosas, principalmente em cavernas e dentro de troncos de árvores. Normalmente o seu comprimento é de 1.50 metros e pode chegar a pesar 150 quilos. Apesar de serem carnívoros, os Pandas alimentam-se muitas vezes de plantas e insetos. Possuem dentes muito fortes e as suas patas têm cinco dedos. Em média, os Pandas conseguem viver 12 anos.

Ao contrário de muitas outras espécies, os Pandas não hibernam. Durante a primavera ocorre o acasalamento e os seus filhotes nascem no inverno, com gestação de 7 a 9 meses. Quando nascem podem chegar a pesar 12 quilos.

Esta espécie encontra-se em situação de extinção provocada, principalmente, pela baixa taxa de natalidade, caça indiscriminada e pela destruição das florestas onde vivem. É urgente proteger esta espécie.

Texto 42: O MEU ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, Gonçalo Cunha, 2ºC, E.B.1 Padrão da Légua

Data de edição: janeiro 2014

Eu tenho um animal de estimação em casa da minha avó. É uma cadela que se chama Fanny. Ela está lá, porque eu vivo num apartamento e não tenho pátio.

Ela tem pelo castanho encaracolado, olhos castanhos e uma cauda comprida.

Ao fim de semana, gosto de a levar a passear. Ela gosta muito que eu lhe atire a bola para a poder apanhar.

A Fanny é divertida e meiguinha!

Texto 43: O TIGRE, Susana Fonseca, nº25, 8ºG

Data de edição: janeiro 2014

O Tigre (*panthera tigris*) é um mamífero e é um predador carnívoro. É um caçador noturno. Entre os mamíferos é o que ainda tem maiores dentes. Os tigres são conhecidos pelas suas listras e cada tigre possui um padrão único. Há 9 subespécies de tigre, das quais 3 já foram extintas.

O Tigre Siberiano (*panthera tigris altaica*) encontra-se em vales com encostas do rio Amur e na área leste da Rússia onde é protegido.

O Tigre do Sul da China (*panthera tigris amoyensis*), como o nome indica, pode ser visto no sul da China e pode ser a próxima subespécie de tigres em extinção.

O Tigre da Indochina (*panthera tigris corbetti*) é encontrado no Camboja, Laos, China, Malásia, Myanmar, Tailândia e Vietnã.

O Tigre de Sumatra (*panthera tigris sumatrae*) tem uma genética única, podendo desenvolver uma nova subespécie de tigre.

O Tigre de Bengala (*panthera tigris tigris*) é avistado nas florestas e savanas de Bangladesh, Butão, Nepal, Índia e Myanmar.

O Tigre Malaio (*panthera tigris jacksoni*) está presente no sul da península Malaia.

O Tigre de Bali (*panthera tigris balica*) já está extinto, tendo sido o último tigre visto em 1937.

O Tigre de Java (*panthera tigris sondaica*) e o Tigre do Cáspio (*panthera tigris virgata*) já são subespécies extintas.

Muitas subespécies de tigres têm vindo a ficar extintas.

É preciso conservar esta espécie, para os nossos descendentes a verem viva.

o meu animal preferido



gongalo lunkha 2°C

Texto 44: SIDA, Pedro Pinto, nº25 , 8ºF
Data de edição: janeiro 2014

A sida ou VIH é uma doença que surge através das transferências de sangue, sémen ou leite materno.

Assim que se adquire a Sida, o nosso sistema imunitário reage na tentativa de eliminar o vírus. Cerca de 15 a 60 dias depois, começam a surgir uma série de sintomas.

Entre esses, os mais comuns são a febre persistente, cansaço, perda de peso rápida, diarreia, dores musculares e de cabeça, tosse seca e lesões roxas na pele.

Como consequência, o nosso sistema imunitário fica fraco e algumas doenças (tuberculose, câncer cervical ...) ``aproveitam-se`` das nossas fraquezas, podendo levar-nos à morte.

Atualmente, ainda não existe qualquer vacina ou cura para o VIH (sida), mas existem algumas medidas de prevenção: usar sempre preservativo nas relações sexuais, não partilhar agulhas, seringas e objetos cortantes.

A sida é uma doença perigosa que anualmente mata 2,7 milhões de pessoas, segundo os dados da OMS em 2008, e como diriam antigamente `mais vale prevenir do que remediar`.

Texto 45: DROGAS NA ADOLESCÊNCIA, José Miranda, nº18, 8ºG
Data de edição: janeiro 2014

O uso de drogas na adolescência é um tema que preocupa familiares, educadores e profissionais de saúde.

O interesse dos investigadores, por esse assunto, tem aumentado muito nas últimas décadas.

Os estudos centram-se na idade em que ocorreu o primeiro uso de drogas.

A precocidade do início do uso de álcool e outras drogas também tem sido alvo de preocupação.

Vários estudos indicam que crianças e adolescentes estão a iniciar cada vez mais cedo o uso destas substâncias.

Na adolescência fazer parte de um grupo assume grande importância, ajuda na formação da própria identidade, aumenta as opções de lazer e reduz a solidão. Por isso, se o grupo consome drogas é muito difícil que um adolescente que a ele pertence o não faça.

Atenção, pois, à escolha dos amigos!

Texto 46: O MUNDO DE HUNTER HADLER, David Pinto, nº6, 8ºD
Data de edição: janeiro 2014

Um norte-americano de 61 anos, que vive em Portugal há vinte, resolveu deixar o seu trabalho como organizador de eventos e passou a ajudar os lisboetas que não têm dinheiro e passam dificuldades. O seu objetivo é, através da recolha diária de comida que sobra dos restaurantes, deslocando-se de bicicleta, tornar Lisboa na primeira cidade europeia livre de desperdício.

A *Refood* é uma associação sem fins lucrativos, onde ninguém recebe ordenado, e duas horas de voluntariado equivalem a 10 refeições entregues em cabazes, nesse dia.

A esta organização juntaram-se 25 associações de solidariedade para gravarem um clip que passará no concerto *Portugal ao Vivo*. A *Refood* foi também vencedora do prémio *EDP Solidária* e espera receber carros elétricos que ajudarão na recolha e entrega de comida.

Texto 47: O QUE É O AMOR? Gabriela Silva, nº9, 11ºE
Data de edição: dezembro 2013

O que é o amor? O amor de amigo, o de namorado, o de irmão ou o de família? O que são eles, neste caso, para mim, uma adolescente, quase jovem adulta, que tem amores constantes e outros saltitantes?

O amor de família é incontestável! É no seio familiar onde aprendemos a amar, a ser amados e a retribuir o amor e, por isso, se este não existir, por qualquer motivo, sentimo-nos vazios. Este vazio só é muitas vezes apagado, quando criamos nós próprios a nossa família e é por causa desta procura que muitas adolescentes engravidam. Existem inúmeras pesquisas que confirmam que muitas das jovens mães provêm de seios familiares desprovidos de amor.

Por sua vez, o amor de amigo é o essencial, o insubstituível e, na minha opinião, a perda da amizade de um grande amigo é uma grande dor. O amigo, muitas vezes chamado de melhor amigo, é o nosso confidente, o que nos ouve e atura, aquele a quem os nossos maiores medos são revelados e aquele que nós pensamos que nunca nos vai abandonar e, por isso, é que a sua perda dói mais. Num relacionamento já sabemos que há sempre a possibilidade de o amor acabar e das coisas não funcionarem, mas com os amigos... com os amigos sim, pensamos sempre que é para sempre.

Por outro lado, apesar de pensarmos que o amor de namorado, com aquele *amo-te*, dito todos os dias, com a maior paixão possível (outras vezes sem ela), terá uma maior probabilidade de acabar, também ele é necessário. Faz-nos sentir mais belos, mais poderosos, amados e realizados, quando, claro, é um relacionamento saudável. Se não o for, não é amor, não é uma relação, tratando-se apenas de duas pessoas que dizem amar-se com medo da outra, com medo da solidão, com medo de não haver mais ninguém que possa amá-las.

Mas o que é isto de relacionamento saudável? É como uma alimentação saudável? Ter os alimentos e ingredientes que não prejudicam o nosso coração, nem o nosso sangue, veias e outros órgãos com gordura?

Na minha opinião, sim, é como a alimentação. Uma relação também tem ingredientes e alimentos que não vão prejudicar o nosso coração, nem a nossa vida com a "gordura", ou seja, com a asfixiação ou com o medo. Para mim uma relação, para ser considerada como tal, tem de estar alicerçada no respeito e na confiança e, claro, no amor também. Mas se um dia o amor acabar, o respeito e a confiança continuarão a existir e assim um final, por muito duro que possa vir a ser, será mais correto com uma conversa (e não com gritos!). A confiança é necessária para contarmos um com o outro, para não haver *tabus* nem vergonhas e assim podermos falar sem problemas nem medos. O respeito, por outro lado, em conjunto com a confiança, serve para aceitar as opiniões de cada um. Estes ingredientes não são apenas aplicáveis a uma relação de amor entre apaixonados mas também entre amigos e entre pais e filhos!

Todos estes elementos inerentes ao amor estão dentro do coração. De um "coração imaginado" pois o verdadeiro é o nosso motor que nos liga à terra dos vivos. No entanto, ambos estão interligados, porque sem o nosso "coração imaginado" saudável, o nosso verdadeiro coração também começa a falhar.

Assim, o que é o amor senão um bem essencial à vida?

Texto 48: REALIDADES, Mariana Madureira, nº14, 11ºE
Data de edição: dezembro 2013

Natal: família unida, convívio, alegria, enfeites, bacalhau, doces, Pai Natal, calor, lembranças... Este é o conceito de Natal, porém nem toda a gente o tem assim tão colorido...

Naquela tarde fria de dezembro, ao passar pela Avenida dos Aliados, deparei-me com uma criança a chorar, ao colo de uma senhora, envelhecida pelo vento agreste e pela vida, que suplicava por comida. Fui, então, fustigada pela dura realidade. Famílias separadas, famílias desalojadas, famílias carenciadas, os que vivem sós...

realidades para quem a época natalícia talvez não seja assim tão mágica. Parece que o Pai Natal, afinal, não é tão generoso quanto parecia há uns anos atrás.

Os encontros entre amigos, após o dia vinte e cinco de dezembro, nem sempre são fáceis! *"Ei, tive aquele brinquedo super fixe que passa na televisão!"*, *"Recebi aquele telemóvel e aquele PC espetaculares que acabaram de entrar no mercado!"*... Comentários entre jovens e crianças de determinadas idades já tão normais... Mas já reparaste naquele amigo, ao teu lado, tão calado, que, se calhar, nem uma lembrança teve devido ao desemprego do pai ou da mãe ou dos dois? Como será lidar com isso? *"A minha família esteve toda em minha casa e ainda bem, pois assim tive mais presentes..."* Ao ouvir isto, como reagirá a criança, o jovem ou o adulto que apenas gostaria de ter a família unida ou de ter alguém?

Pois é... está na altura de deixarmos o materialismo de lado e começarmos a estar atentos ao que significará a época natalícia para algumas pessoas. O que custa ser solidário? Se tivermos a possibilidade de conseguir ajudar famílias a sorrir, doando brinquedos, roupas, um simples alimento... porque não o fazer? Muita gente ainda é indiferente a estes problemas que, atualmente, são cada vez mais frequentes. Será que esta época, hoje, só tem valor pelos bens materiais? E mesmo em outras épocas do ano... onde está a humildade e a sensibilidade do ser humano? Desejava tanto que as pessoas abrissem os olhos e parassem um bocadinho para refletir sobre os valores da solidariedade, da fraternidade, da amizade, do amor ao outro... temas com que são, diariamente, confrontadas e com os quais têm tantas dificuldades em lidar! ... Sim, eu sei que é impossível ajudar toda a gente, mas se todos ajudarmos um pouco o nosso igual, aos poucos, as coisas vão melhorando... Eu quero dar o meu contributo para ver, principalmente, as crianças a sorrirem e a acreditarem no Pai Natal. Porque o Natal é, fundamentalmente, para elas...

Natal... sonho!... O meu grande sonho é criar uma associação que ajude a distribuir sorrisos! Até lá, vou doando bens fundamentais como roupas e alimentos a diversas instituições. Com este simples gesto, farei com que algumas pessoas sorriam... Quem sabe aquela criança da Avenida dos Aliados, da tarde fria de dezembro!

Texto 49: A POLUIÇÃO AMBIENTAL, Mariana Chibante, nº20, 8ºF

Data da edição: janeiro 2014

A poluição ambiental é a introdução pelo homem de substâncias ou energia no ambiente, provocando nele um efeito negativo e consequências problemáticas para o mundo.

Existem vários tipos de poluição: atmosférica, do solo e da água.

Algumas causas da poluição atmosférica são a queima de combustíveis fósseis, materiais poluentes lançados pelos escapes dos automóveis ou pelas chaminés das indústrias, inseticidas ou sprays. As suas consequências são a acidificação da chuva, a redução da camada de ozono e o agravamento do efeito de estufa.

Falando agora da poluição do solo, as suas causas são a utilização de fertilizantes agrícolas, pesticidas, lixo, os esgotos domésticos e industriais ou a exploração mineira. Este tipo de poluição tem como consequência a desinfertilização ou saturação do solo ou a perda da fauna e da flora.

As causas da poluição da água são a acumulação de detritos, esgotos domésticos e resíduos tóxicos lançados nos rios ou mares, resíduos nucleares radioactivos e derrame de petróleo. As consequências são principalmente a perda da fauna e da flora nos rios e oceanos.

A poluição ambiental pode provocar doenças e destruir o mundo aos poucos, sendo assim um grave problema que é urgente discutir e solucionar.

Texto 50: A EDUCAÇÃO ATUAL, João Jesus, nº17, 8ºF
Data de edição: fevereiro 2014

A educação atual é muito diferente da educação anterior (a mais antiga), pois agora, também, há novas tecnologias.

Será que a educação atual é a melhor para os jovens?

Alguns pais (quando necessário) batem nos filhos, fazendo com que estes ganhem mais respeito pelos pais, e que não voltem a repetir a asneira que cometeram.

Mas, a maior parte desses pais batem demasiado nos filhos e exageram, fazendo com que estes ganhem raiva aos pais que têm e fiquem revoltados.

Outros pais dão de tudo e mais alguma coisa aos filhos e eles ficam "mimados", parece quase que mandam nos pais.

Outro problema é o facto de os pais nunca estarem em casa com os filhos, pois estão a trabalhar e não lhes podem transmitir os melhores valores.

A influência da tecnologia acaba por ser negativa na educação atual: muitos jovens dependem da tecnologia, como o telemóvel, o "Facebook"... o que faz com que as crianças e jovens queiram passar a vida ao telemóvel, diante do computador ou em frente à televisão, o que prejudica a sua comunicação com familiares e amigos.

Texto 51: DESCRIÇÃO DE UM TABLET, M^a Inês Moreira, nº17, 5ºF
Data de edição: fevereiro 2014

Eu sou um "tablet".

Toda a gente toca em mim e fico sempre com dedadas. Sou retangular e de tamanho pequeno. Tenho vários itens: jogos, "Google", "Youtube", etc. Sou digital e é por isso que gostam de mim mas custo muito dinheiro. Também tiro fotos e sirvo para pesquisar, para ir ao "facebook".

Também sirvo para muitas tarefas de matemática e para as restantes disciplinas pois tenho calculadora e acesso à "internet".

Este sou eu.

Texto 52: SE EU FOSSE UMA BONECA, Inês Sousa, nº9, 5ºF
Data de edição: fevereiro 2014

Se eu fosse uma boneca, eu era pequena e com cara rosada. Teria cabelo loiro e olhos azuis esverdeados.

Seria uma boneca muito sorridente, feita de pano colorido. Vestiria um vestido branco com corações e calçaria uns sapatos pretos brilhantes. Todos os dias iria aconchegar uma menina, dar-lhe-ia um beijinho e abraços. Brincaria todos os dias com ela até me cansar.

Isto seria eu, se fosse uma boneca.

Texto 53: SE EU FOSSE UM AVIÃO, Duarte Freitas, nº7, 5ºF
Data de edição: fevereiro 2014

Se eu fosse um avião, iria voar continentes e oceanos, enfrentar no mínimo 20 graus negativos.

Eu tinha imensos botões no cockpit e muitos espaços para as pessoas se sentarem à vontade. Poderia passar muitas aventuras, perfilando nuvens, chuva, vento, etc. E garantia que as pessoas chegariam bem ao seu destino.

E isto era se eu fosse um avião.

Texto 54: UM SONHO, Maria João Canedo, 3ºC, E.B. do Araújo
Data de edição: fevereiro 2014

Era um sonho meu...gostava de me poder maquilhar ao espelho, a ver um sorriso a olhar para mim. Gostava de ter uma parede cheia de mar, um quarto com conchas e peixes e uma sala escura com uma televisão gigante onde pudesse ver filmes de amor. Uma outra sala cheia de livros com contos imaginários. Nesse mundo, não havia stress.

Maravilhoso sair de casa e ir dar uma volta ao jardim sem fim, flores de todas as cores e feitiços e toda a gente simpática.

Numa tarde, as ondas do mar a combinar cada uma um segredo e a dizer adeus ao Sol, por uma última vez, antes de se ir deitar:

- Que feliz sou nesta vida! Mas nesse momento.....

Trim....trim...trim

- Oh é o despertador! Afinal não passava de um sonho, ainda sou uma criança de oito anos, mas no futuro quem sabe!

Texto 55: UM SONHO, Miguel Alves Cunha, 3ºC, E.B. do Araújo
Data de edição: fevereiro 2014

O meu sonho é ser cientista porque ganho muito dinheiro, posso entrar nos melhores laboratórios de Portugal e ajudar as pessoas com doenças sem cura. Eu posso fazer remédios, porque sou bom em ciências.

Posso construir um mundo melhor ao inventar coisas novas.

Eu até já prometi construir uma nave espacial e levar à Lua a minha professora, a minha diretora, as minhas duas assistentes favoritas e claro a minha mãe.

Eu tenho um Kit de ciências que tem um observatório. Coloquei lá ovos de camarão e peguei na lupa que também lá estava e comecei a observar os ovos. Depois de observá-los fui fazer uma experiência com moléculas. A minha experiência era ver o que acontece a um sabonete, quando o aquecemos no micro-ondas.

Eu quero muito ser cientista!

Texto 56: A EDUCAÇÃO ATUAL, Ana Rita, nº3, 8ºF
Data de edição: fevereiro 2014

Hoje em dia, a educação tem vindo a mudar drasticamente em comparação com a de antigamente.

Por um lado, a educação de hoje parece pior, pois os pais não têm tempo para ouvir os filhos, dão-lhes tudo o que eles querem, mesmo que os filhos não sejam merecedores. Para além disso, até os deixam andar vestidos inadequadamente na escola.

Por outro lado, atualmente, os pais tudo fazem para que os filhos tenham todo o conforto, para que eles não sejam obrigados a ir trabalhar e contribuir para o rendimento familiar. Tentam ainda acompanhá-los para que possam ter um bom rendimento escolar.

Na minha opinião, a educação atual tem muitas diferenças em relação à de antigamente.

Texto 57: SAUDADES, Ana Fernandes, nº2, 10ºB
Data de edição: janeiro 2014

Padrão da Légua, 31 de janeiro de 2014

Meu querido avô,

Espero que esteja tudo bem contigo, aqui em baixo o tempo está horrível. A avó anda desesperada, passa a vida a tirar e a pôr a roupa no estendal na esperança que ela seque, o que raramente acontece.

Tenho muitas saudades tuas, mesmo sabendo que partiste há nove anos. Ainda me lembro das tardes que passava contigo. Arranjavas uma cadeira para mim e punha-la ao teu lado, em frente à janela. Depois, ias buscar a Bolinhas ou a Nucha e ficavas de pé a olhar a rua, através da janela. Olhavas sempre em frente, fazendo festas à cadela e falando comigo. Eu, eu olhava sempre para ti, admirando a tua calma, a tua paciência que, não tenho dúvidas, nem eu nem a mãe herdamos.

Mas, hoje, o que eu mais admiro em ti foi a tua coragem. Na altura, não fazia ideia. A tua coragem ao não chorar à frente das outras pessoas e a tua coragem por lutares, sempre, até ao fim, contra essa doença, o cancro. O teu vício não te ajudava, mas apenas sei isso pelo que a mãe diz. Nunca fumaste à minha frente.

Não te esqueças de dar leite com açúcar à Bolinhas, à Nucha e ao Tareco.

Muitos beijinhos de esquimó, Ana

Texto 58: UM BEIJO CALOROSO, Ana Margarida Monteiro, nº5, 10ºB
Data de edição: janeiro 2014

Padrão da Légua, 31 de janeiro de 2014

Querido avô,

Não parece fazer muito sentido escrever uma carta, visto que já não estás comigo, mas nunca tive a oportunidade de o fazer antes...

Quando me lembro do teu olhar, dos teus preciosos olhos que brilhavam ao reviver felicidades passadas, a nostalgia apodera-se de mim... Existia algo de reconfortante ao ouvir-te narrar longas histórias do teu também longo viver. Sentia um calor crescente, amoroso, sempre que te escutava.

Nunca te disse como te admiro, mesmo agora, quando me recordo dos teus conselhos sábios. Sabias um pouco de tudo... Deixavas-me muito feliz, com os teus abraços ternurentos, raros mas únicos. As saudades que sinto deles!...

A tua personalidade inspirou-me! Corpo de velho, mente de novo, é assim que te recordo.

Descansa agora, pois trabalhaste por três vidas.

Um beijo caloroso ... um dos que nunca te consegui dar
Margarida

Texto 59: A MINHA AVÓ, Inês Frade, nº8, 7ºF
Data de edição: fevereiro 2014

A pessoa que eu vou descrever é pequena e já é velhinha.

A sua cara é oval, com algumas rugas e tem olhos cor de avelã. O seu cheiro é agradável como o perfume das rosas. Gosto de sentir as suas mãos, pois são leves e macias.

Ao ouvir a sua voz sinto-me segura e alegre. Quando a vejo parece que tudo muda. Eu gosto muito dela, porque é querida, meiga e simpática. Para mim é como uma mãe, pois quando a minha mãe não está, é ela que me ajuda, é ela que fala comigo e faz com que não me falte nada.

A pessoa de quem eu estou a falar é a minha querida e bela avó.

Texto 60: A EDUCAÇÃO ATUAL, Inês Conceição, nº13, 8ºF
Data de edição: fevereiro 2014

A educação atual é muito diferente da que acontecia antigamente.

Hoje em dia, os pais não estão tão presentes na educação dos seus filhos, por exemplo nas atividades diárias ou nos estudos, por causa do trabalho. Isso pode levar à independência dos filhos, mas também a correrem perigos: quando estes andam com

más companhias que os levam à dependência das drogas ou do álcool ou à falta de atenção nos estudos.

Também há pais que não prestam a devida atenção aos filhos mesmo quando estão em casa com eles, como por exemplo em relação às atividades que os filhos fazem no computador, aos jogos e às redes sociais, ou quando estão ao telemóvel.

Porém, existem mais apoios nos estudos através das escolas e dos centros de estudos.

Os pais também promovem a leitura de livros em casa e também têm mais possibilidades de os ajudarem nas suas aprendizagens.

Os filhos estão muitas vezes inseridos em diversos desportos, o que contribui para que tenham algumas responsabilidades no desporto e na escola, para além de poderem ser mais saudáveis.

Por isto tudo, acho que a educação atual melhorou em muitos aspetos embora se tenha agravado em outros aspetos. Na minha opinião, a maioria dos pais tem mais cuidado com a educação dos seus filhos.

Texto 61: EDUCAR HOJE, Patrícia Gonçalves, nº23, 8ºF

Data de edição: fevereiro 2014

Será que a educação de hoje em dia é diferente da de antigamente?

Hoje em dia, quando acontece algo ou os pais precisam de alguma coisa mandam SMS aos filhos comunicando só por telemóvel. E, como trabalham fora de casa, tendo um horário muito extenso, passam muito pouco tempo com os filhos, não os conhecendo devidamente.

Antigamente, a mãe trabalhava em casa passando assim mais tempo com os filhos e, como não havia telemóveis, se os pais precisassem de falar com os filhos, tinham de ir ao seu encontro.

Na minha opinião, antigamente, a educação era melhor pois os pais passavam mais tempo em casa, estando assim mais próximos dos filhos e conhecendo-os melhor.

Texto 62: A LEI DA VIDA, Nádia Santos, nº19, 8ºG

Data de edição: fevereiro 2014

Sentir a camisola suada e todo o teu corpo molhado é sinal que te esforçaste, por muito que não tenhas conseguido. Tu fizeste um esforço e é nisso que tens que pensar. Não queiras fazer tudo ao mesmo tempo, uma coisa de cada vez. Ainda tens muito que aprender. Tens uma vida inteira pela frente. Vais aprender com todos os teus erros para depois fazeres melhor. Não penses negativo, tu consegues... acredita em ti! E conseguirás. Confia e luta! Luta pelo que mais gostas, luta para seres melhor, para conseguires o que queres.

Esforça-te e vais ver que todo o teu esforço, todo o teu empenho valeu a pena. Custa? claro que sim! Mas há sempre barreiras que temos que enfrentar e ultrapassar.

Tu és mais forte! mostra o que vales! Faz com que os outros mudem a má ideia que têm sobre ti, mostra que és superior. Sê tu própria: forte e lutadora. E assim, vais conseguir concretizar os teus sonhos. Basta teres fé. Menina, a vida não vai lutar por ti. És tu que o tens que fazer. Tens muitos amigos que estão contigo, que te apoiam e te dão força. Muda a tua vida para melhor e pensa no teu futuro. Vive um dia de cada vez e vais ser feliz, basta acreditares...

A Vida não é fácil, mas tu sabes como fazê-la valer a pena. Não podes desistir dos teus sonhos. Tens que aproveitar a vida e ver no sofrimento uma forma de crescer.

A vida são só dois dias, não há tempo para tristezas, tens de seguir em frente e caminhar por entre os caminhos que te fazem verdadeiramente ser maior.

Não liguês ao que dizem... e sê GRANDE!

Texto 63: AUTORRETRATO, Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: outubro 2013

Este texto que estou prestes a escrever tem como objetivo descrever o meu exterior e o meu interior de forma original e criativa.

Fisicamente, sou tal e qual como o firmamento me vê: uma pessoa igual às outras. Tenho olhos que refletem a cor dos troncos das árvores, uma boca comum e pequena e um nariz exíguo, arredondado na ponta. Sou alta e possuo uma cara oval, decorada com cabelos ora pintados de tinta castanha ora mascarados com finos e dourados raios de sol, raramente vistos.

Interiormente, sou como um mundo oculto, um universo inefável e dúbio algemado às correntes aprazíveis que predominam no meu idóneo coração, sempre que este balança nas minhas ondas sentimentais. E são essas ondas que me descrevem como sendo alguém solidário, inteligente, trabalhador, sonhador, um pouco tímido e teimoso.

Sintetizando, sou uma pessoa que, indiscutivelmente, compara a vida com a chuva, pois ou eu me abrigo ou simplesmente me deixo molhar...

Texto 64: A EXPRESSÃO, Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: novembro 2013

Eu não vejo rugas na cara. Vejo rugas no coração deste senhor! Muitas até. Elas não representam os anos de vida deste idoso, mas sim as lições que aprendeu ao longo de todo este tempo, as vicissitudes que sentiu e, sobretudo, o homem que foi. Os seus olhos representam o íntimo mais virgem de todos os oceanos, com um pequeno brilho no núcleo dos mesmos, que representa as estrelas que existem no imensurável firmamento, e sabem porquê? Porque é nas estrelas que escrevemos as cicatrizes do coração, já que elas são muitas.

Porém, há ainda outros aspetos que falta descrever. A sua boca, por exemplo, mantém o universo fechado dentro de si, para que ele o consiga sentir e sonhar uma outra vez. As orelhas e o nariz estão perfurados, não só apenas para ele ouvir e respirar, como também para que possa condenar a tristeza ao exílio e obrigar a jovialidade a singrar até ele. Podemos, ainda, reparar que ele parece escutar o silêncio, como se fosse seu aliado!

Todos nós deveríamos fazer o mesmo que este senhor, já que o silêncio ainda é o nosso melhor aplauso...



Texto 65: NOITE ESCURA, Tatiana, nº23, 7ºG
Data de edição: fevereiro 2014

A noite cai, o céu escureceu. De entre o gelo do Inverno surgem os raios que dão início a uma tenebrosa tempestade.

As almas das crianças enchem-se de medo. A noite é longa, fria e assustadora. Observa-se um clarão e de seguida ouve-se um grande estrondo. Uma grande ventania faz as árvores dançar. A cada hora, minuto e segundo que passa, a tempestade cresce. Os raios que surgem de entre as nuvens escuras iluminam o céu, os enormes estrondos que se fazem ouvir fazem com que pareça que o mundo está a desabar. De repente tudo acalma. As árvores fizeram uma pausa para descansar e o mundo decidiu não acabar. Tudo voltou à normalidade, até que de um momento para o outro as árvores voltaram a dançar para o seu mestre, quando viram que ele, enfurecido e com todas as forças que

tinha, formou um furacão que fez os pássaros pararem de cantar, as árvores tropeçar e com algumas vidas acabar.

Depois de resolvidas todas as zangas do universo, o dia nasceu calmo, pálido e frio.

Texto 66: A EDUCAÇÃO ATUAL, Beatriz Maganha, nº6, 8ºF

Data de edição: fevereiro 2014

Atualmente, a educação é um caso que leva a muita preocupação para a sociedade.

Será que a educação atual é positiva para os jovens?

Infelizmente, os casos de má educação são muitos. Isto vê-se, na maior parte das vezes, quando os alunos estão nas escolas. Diversos alunos faltam ao respeito aos professores, praticam bullying, e dizem muitos palavrões.

No entanto, felizmente, também há casos de boa educação. Em muitas escolas, em casa, ou nos infantários, é dada uma boa educação às crianças. Ensina-se, por exemplo, as regras de andar na rua, atravessar a estrada, falar em público, ou como saber estar.

Por fim, pode-se dizer que a educação atual pode ser melhorada.

Talvez se os pais dessem mais atenção aos filhos e fossem para eles um exemplo de responsabilidade e respeito, a educação atual fosse mais positiva.

Texto 67: A SOCIEDADE, Sofia Ribeiro, nº2, 12ºC

Data de edição: novembro 2013

É comum a ideia, na minha opinião verdadeira, de que vivemos numa sociedade egoísta, egocêntrica, covarde, onde ninguém conhece ninguém, onde todos vivem isolados, onde raramente alguém é capaz de dar a voz ou a cara pelos outros.

Esta sociedade sem rosto é o resultado da falta de interesse por aquilo que não está perto de nós, que não nos diz respeito. Por essa razão é que somos incapazes de perceber o que se passa, mesmo ao nosso lado. Por exemplo, famílias inteiras que desde sempre viveram lado a lado, só se conhecem de vista. O mesmo também se passa, muitas vezes, com elementos da mesma família que desconhecem por completo o que acontece na vida dos seus pais, irmãos, tios, primos, etc. Existem pessoas que só se preocupam com a sua própria vida, deixando todos os outros de fora.

Contudo, é possível observar, quando olhamos para além de nós, que nem tudo é egoísmo. Há cada vez mais organizações e instituições que se dedicam a ajudar os outros. A maior prova de solidariedade que podemos encontrar é vermos pessoas que abdicam de dedicar todo o seu tempo livre àqueles que amam para passá-lo ao frio, pela noite dentro, a ajudar quem nada ou muito pouco tem na vida.

Posso concluir, afirmando que há indivíduos que só se importam consigo mesmos, sendo incapazes de dar a mão a quem precisa ou de reconhecer que alguém, bem perto de si, necessita de ajuda. Porém, ao mesmo tempo que seres como estes andam pelo mundo, também observamos que é possível encontrar em muita gente um enorme sentido de solidariedade, no momento em que se apercebe da miséria do próximo.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

*(...) Sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.*

António Gedeão, *Movimento Perpétuo*, 1956

2. VIAJAR

Viajar é descobrir, conhecer, compreender. É, sobretudo, sonhar com outras paragens e novos rostos, na esperança de descortinar a alma de lugares e pessoas, que nos encantam, simplesmente por existirem. É possível empreender viagens no espaço-tempo da nossa imaginação, em lugares somente visionados à distância, nas palavras de um livro, nas cores de um postal, em imagens da internet.

Esta secção constitui, portanto, mais do que um registo, um tributo a todos os que têm almas de sonhadores e aventureiros, na procura incessante de outros lugares.

Texto 1: TESOUROS DE PORTUGAL, Maria Carlota Silva, nº15, 11ºB
Data de edição: janeiro 2014

Porquê viajar para outros países se podemos explorar o nosso, que tantos tesouros esconde? Portugal tem um vasto património, que é muitas vezes desvalorizado. Devemos usufruir o máximo possível do que nos proporciona o nosso país. Proponho, então, uma viagem por uma das famosas cidades portuguesas: Guimarães.

E haverá melhor maneira de iniciar este percurso senão pelo castelo de Guimarães? Construído no século X para guarda e defesa dos monges e da comunidade cristã, é um dos mais célebres monumentos nacionais. No século XII, o conde D. Henrique e D. Teresa vieram habitar o castelo, realizando grandes obras, de forma a fortificá-lo e tendo aí nascido D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal. Atualmente, o castelo está aberto ao público, que poderá percorrer os seus jardins, subir até ao topo do “berço da nação” e desfrutar das belas vistas.

Em seguida, sugiro que visitem a capela de S. Miguel, que foi construída no início do século XII. Esta pequena igreja é de estilo romântico, de pequenas dimensões e de grande simplicidade arquitetónica. É também o local onde foi batizado D. Afonso Henriques.

Outro monumento a visitar é a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, cuja construção se iniciou em 1685 e onde estão bem marcados os traços característicos do estilo barroco.

Mais tarde, podem passear no convento de Santa Clara, que, apesar de ser o local onde está hoje instituída a câmara Municipal de Guimarães, é património nacional e está aberto a todos os visitantes.

Pela hora de almoço, recomendo as refeições do Restaurante Art&Gula. Neste estabelecimento poderão usufruir de receitas tradicionais com um toque personalizado, assim como repousar num jardim romântico, ou até mesmo no interior do restaurante, num ambiente acolhedor.

Depois de um belo almoço, proponho um passeio pela praça de Santiago, muito célebre e que constitui o local onde, antigamente, se encontravam as pessoas “importantes” de Guimarães.

De seguida, poderão passar pelo Largo do Toural, considerado o coração da cidade, onde se costumavam realizar as feiras, principalmente a de gado bovino.

Aconselho também a visita à Igreja de S. Pedro. Esta, apesar de apresentar grande simplicidade e uma arquitetura elementar, é bastante frequentada pelos turistas.

Posteriormente, há que passar no Laboratório das Artes, uma casa do século XIX que foi cedida a um grupo informal de artistas. Aqui são feitas exposições, “performances” e mostras de cinema.

Finalmente, é importante conhecer o Centro Cultural Vila Flor, um antigo palácio, onde é realizada a maioria dos eventos culturais de Guimarães, principalmente concertos. Se viajarem para esta cidade em novembro, poderão ter a oportunidade de assistir aos melhores concertos no Guimarães Jazz, sem dúvida um dos melhores festivais de jazz do país.

Para conhecer Portugal, tem de conhecer o seu berço. Venha conhecer Guimarães!

Texto 2: QUEENSTOWN, DIVERSÃO PARA TODA A FAMÍLIA, Bárbara Montoia, nº3, 11ºB

Data de edição: janeiro 2014

Queenstown é o paraíso para os fãs do turismo de aventura. A considerada capital dos desportos radicais fica na ilha sul da Nova Zelândia, nas margens do enorme rio Wakatipu, com as montanhas Remarkable delimitando o horizonte. Para além disso, Queenstown é um ótimo destino para os amantes da Natureza, já que nesta cidade se encontram os cenários mais fascinantes do planeta. Com uma atmosfera vibrante e paisagens deslumbrantes, você vai descobrir que não há outro lugar no mundo como Queenstown.

Não faltam coisas para fazer nesta região, para além de ser considerada capital do desporto, há uma abundância de eventos emocionantes durante todo o ano, como por exemplo os festivais de verão, outono e inverno, sendo que este último é dos eventos mais importantes e emocionantes de Queenstown. Mas existem muitas outras atividades nesta região, como por exemplo: visite Glenorchy e desfrute de passeios a cavalo, caminhadas e para-quedismo; faça um voo panorâmico e veja as belas paisagens naturais; inspire-se a jogar golfe num dos cursos de melhor renome mundial; durante o inverno experimente esquiar ou praticar snowboard; desafie a gravidade e saia da sua zona de conforto com uma atividade cheia de adrenalina como o bungee jump; confira as trilhas para bicicleta cross country, pedale ao redor do lago ou desfrute do ar limpo da montanha e das vistas maravilhosas numa das muitas trilhas de caminhada de fácil acesso; descubra a história da vizinha Arrowtown, uma antiga cidade de mineração de ouro; faça um cruzeiro pelos lagos, passeios de barco emocionantes, como rafting, ou siga as águas claras e brilhantes em busca de trutas indescritíveis, durante a temporada de pesca; visite Kingston e volte no tempo com uma viagem de comboio na Flier Kingston; visite vinícolas da região para provar vinhos premiados ou fazer um “tour” de vinhos guiado por um guia simpático e experiente; visite o Skyline Gondola, que não só lhe oferece refeições de boa qualidade mas também vistas maravilhosas através de Queenstown; mime-se com uma terapia de compras na elegante zona comercial de Queenstown ou relaxe num dos melhores “spas” de luxo para revitalizar a sua mente, corpo e alma. **Queenstown aguarda-o, a si e à sua família!**

Texto 3: A VIAGEM, Luana Laura, 4ºH, E.B.1 do Padrão da Língua
Data de edição: janeiro 2014

Era uma vez uma caneta viajante muito vaidosa. A tinta era cor-de-rosa, o aparo dourado, tinha peninhas azuis no topo. Ela chamava-se Mimi e gostava de viajar por todo o mundo.

Um dia decidiu ir à China. E foi para o aeroporto e quando lá chegou perguntou a uma senhora:

- Pode-me dar um bilhete para ir à China? – perguntou a Mimi.*
- Claro que sim. – respondeu a senhora do aeroporto.*

Ela deu-lhe o bilhete e quando entrou no avião a Mimi sentou-se calmamente no seu lugar, e pensou:

- Vou visitar a Muralha da China.*

Quando chegou exclamou:

- Iupi!*

À saída encontrou a sua prima Lili e começaram a falar.

Então a sua prima perguntou:

- Como tens passado?*
- Muito bem. Queres ir À muralha da China? – perguntou a Mimi.*
- Sim. Vamos! – respondeu a sua prima.*

Então elas foram quando lá chegaram fizeram uma corrida e quem atravessasse a Muralha primeiro, ganhava um prémio. A Mimi perguntou a um senhor:

- Pode dar a partida de uma corrida?*
- Claro! – disse o senhor.*

Correram, correram e por onde a Mimi passou deixou um rasto de tinta cor-de-rosa.

- Finalmente cheguei! – disse a Mimi.*

Quando as duas já tinham chegado a sua prima deu o prémio à Mimi e disse:

- Até um dia destes prima! – exclamou a Mimi.*
- Adorei estar contigo Mimi! – disse a prima.*

E voltaram as duas muito contentes e cansadas para casa.

Texto 4: A CANETA VIAJANTE, Afonso, 4ºH, E.B.1 do Padrão da Língua
Data de edição: janeiro 2014

Era uma vez uma caneta que viajava por todo o lado e, em todos os lados encontrava uma caneta típica desse lugar. Um dia a caneta foi a Espanha e encontrou-se com a caneta da princesa Leticia, a caneta Bibiana:

- Olá, minha grande amiga! – disse a Bibiana.*
- Olá Bibiana! – disse a caneta viajante.*
- Como tens escrito? – perguntou a caneta viajante.*
- Bem, e tu? – perguntou a Bibiana.*
- Também! – respondeu a caneta viajante.*

- *Agora tenho de ir, estou com curiosidade para explorar novos países e conhecer novas canetas. — despediu-se a caneta viajante.*

- *Cahu, caneta viajante. — respondeu a Bibiana.*

E noutro dia decidiu ir ao Japão, e encontrou uma caneta samurai:

- *Olá caneta viajante. — disse a caneta samurai.*

- *Olá! — disse a caneta viajante.*

- *Os teus treinos, têm servido para alguma coisa? — perguntou a caneta viajante.*

- *Felizmente, sim, têm servido de alguma coisa. — respondeu a caneta samurai.*

- *Chau, tenho de ir! — despediu-se a caneta viajante.*

E noutro dia ela resolveu ir a um lugar onde nunca foi, a Marte.

- *Está aí alguém? — perguntou aflita a caneta viajante.*

- *Sim, estou só eu! — disse a caneta marciana.*

- *Porque estás sozinho? — perguntou a caneta viajante.*

- *Zueres vir comigo para o planeta Terra? — perguntou a caneta viajante.*

E foi assim que a caneta marciana foi para o planeta Terra.

Texto 5: UMA VISITA A ÓBIDOS, Diogo de Carvalho Silva, nº5, 10ºD

Data de edição: março 2013

Hoje visitei uma cidade portuguesa, muito conhecida, “Óbidos”. Na verdade, nunca me tinha interessado muito por esta cidade, mas quando soube que era cercada por uma muralha, despertou, em mim, uma vontade enorme de a visitar.

Quando lá cheguei, admirei-a de cima a baixo, de ponta a ponta. Era uma cidade lindíssima. Fui a lojas, visitei cafés e até vi um espetáculo. Algo que me admirou, e muito, foi o preço dos objetos, das visitas guiadas, das recordações e até dos cafés! Era tudo muito caro, mas, pensando bem, trata-se de uma cidade turística.

Todavia, algo me intrigava: como e porquê as pessoas escolhiam viver ali? Penso que vou ficar com essa dúvida, mas uma possível explicação é a beleza do local.

Cheguei a casa, e aqui estou a recordar e a escrever sobre uma pequena, mas linda cidade portuguesa, que se chama Óbidos.

Texto 6: UMA VISITA A LISBOA, Luís Azevedo, nº13, 10ºD

Data de edição: março 2013

Depois de uma longa viagem de carro, cheguei, finalmente, a Lisboa. Como estava cansado, e, como já eram dez horas da noite, fui-me deitar. De manhã, tomei o pequeno-almoço num café lindíssimo, “A Memória”, situado no centro da cidade. Era, de facto, o nome correto para aquele café, porque parecia saído dos anos 80. Nas paredes, tinha fotografias de grandes jogadores de futebol, como o Eusébio, cachecóis e camisolas de alguns clubes, como o Benfica. As paredes estavam ainda preenchidas com diversos tipos de guitarras e discos de vinil, dos anos 80.

De seguida, eu, os meus pais e a minha irmã fomos explorar a cidade. Começamos pelo museu dos brinquedos e jogos. Aqueles brinquedos todos trouxeram sentimentos nostálgicos aos meus pais, que se lembraram de tempo em que lançavam o pião e acenavam ao barco de papel, que descia pelo riacho abaixo.

Passeamos por todo o tipo de ruas, umas modernas, com prédios altos e ruas de alcatrão, e outras mais estreitas, inseridas nos bairros pitorescos da cidade, com flores penduradas nas janelas e as paredes das casas com mosaicos coloridos.

Este passeio foi um dia único e agradável, de descoberta em família.

Texto 7: MANHATTAN, Cláudia Fonseca, nº4, 11ºB
Data de edição: janeiro 2014

Manhattan, um dos 5 distritos de Nova Iorque e o mais populoso, recebe 50 milhões de turistas, anualmente, devido aos seus pontos de referência e diversidade cultural.

Neste distrito, o hotel "Four Season" é um dos mais procurados e que primam pela sua excelência, tal como o restaurante com o mesmo nome que muda os seus pratos a cada estação. Em Manhattan há muito para se conhecer, como o Rockefeller Center, considerado um Marco Histórico Nacional dos EUA em 1987, que alberga o Radio City Music Hall; o famoso Central Park que tem 3,4 km², sendo o mais visitado com 35 milhões de visitantes por ano; o museu Guggenheim, também considerado Marco Histórico Nacional dos EUA e um Marco Histórico de NYC (Nova Iorque); a Metropolitan Metro House, que apresenta todos os anos 220 performances de Ópera; a conhecida Wall Street; a fantástica Broadway e muito mais.

No entanto, Manhattan também tem restaurantes/bares com o seu interesse. O Per Se (restaurante) é um deles, e foi considerado pelo NY Times como o melhor restaurante em NYC e galardoado com 3 estrelas michelin. Indo para a vida noturna, destaca-se o Clube Cielo e o Death + Company Bar.

Falando da diversidade cultural, Manhattan tem o SoHo, que quer dizer South of Houston, onde se encontram as boutiques, as grandes superfícies de vestuário e galerias.

Com tudo isto, penso que agora não há razão para não visitar Manhattan.

Texto 8: VIAGEM AO OUTRO LADO DO ESPELHO, Carolina Biscaia, nº4, 9ºH
Data de edição: março 2013

Vou falar-vos sobre um sítio misterioso, que fica mais perto de nós do que algum dia poderíamos imaginar. Este sítio diferente e maravilhoso fica mesmo em nossa casa, atrás dos nossos espelhos. Neles vive um mundo muito diferente de tudo o que conhecemos ou pensamos conhecer. As pessoas, as ruas, os objetos são diferentes e imprevisíveis, nada é o que parece.

A personagem principal desta aventura é Anne, uma jovem rapariga americana, com dezasseis anos. Anne é uma rapariga atraente e curiosa, bastante aventureira, que sonha ser uma futura escritora.

Tudo começou um dia em que Anne teve uma discussão com a mãe. Verdadeiramente aborrecida foi contra um espelho, que estava no seu quarto. Ante o seu espanto, em vez de embater na superfície lisa e brilhante do espelho, Anne trespassou-o, indo cair num sítio desconhecido e estranho, embora se assemelhasse ao mundo real.

Nesse local, Anne descobriu que tudo e todos funcionavam ao contrário. Os carros eram aviões, e vice-versa, com os aviões a deslocarem-se velozmente em terra, apitando sonoramente as suas buzinas, e os carros a voarem bem alto nos céus. As vozes dos animais não permitiam distingui-los, pois os cães miavam e os gatos ladravam. As lojas eram um inferno e (imaginem!), a prisão era um autêntico paraíso, um local descansado e calmo, que as pessoas visitavam alegremente, todos os domingos.

Entusiasmada, Anne arranjou um carro para explorar aquele local que a fascinava. Todavia, tudo correu ao contrário do que planeava. O carro avariou logo quando arrancou e Anne, naturalmente, dirigiu-se a uma oficina, para o arranjar. Ante o seu espanto, o dono da oficina, James, pegou num martelo e começou a destruir totalmente o automóvel, deixando-o mais danificado do que já estava. Anne, indignada, protestou, mas de nada serviu. James explicou que estava a fazer o que ela lhe havia pedido. Então, Anne pediu-lhe que estragasse o carro e o mecânico pô-lo como novo.

Anne entendeu, finalmente, o que se passava naquele sítio. Era o mundo de tudo ao contrário! E, a partir desse dia, Anne, sempre que vinha da escola, passava o espelho e ia para aquele mundo misterioso e espetacular! Essa passou a ser a sua viagem a um mundo secreto, diferente, imaginário, apenas seu.

Texto 9: O JARDIM, Catarina Alves, nº4, 7ºG
Data de edição: fevereiro 2014

Para muitos era um jardim morto e sombrio, onde as árvores gemiam e murmuravam a cada movimento. As folhas pareciam cansadas, estafadas e prontas para abandonar a raiz. No centro, encontrava-se um pequeno banco de jardim enferrujado e velho, onde nem os esquilos se atreviam a ir. O céu parecia enublado e escuro, como se todos os espíritos e almas se reunissem para lamentos e queixas.

Mas para ela, aquele pequeno e murcho jardim era um reino de felicidade e paixão, onde o sol brilhava e os pássaros cantarolavam. As flores eram variadas e belas, cada uma mais maravilhosa que a outra, como se não houvesse limites à sua beleza. Sentia-se uma brisa leve e perfumada que atraía diversos animais que sorriam como se naquele cantinho existisse magia da mais pura e alegre.

Quando se sentava naquele banquinho, o tempo parava e tudo se encontrava em harmonia e equilíbrio. Tudo isso, porque naquele jardim ela se tinha apaixonado.

Texto 10: O PARQUE, Tomás Oliveira, nº25, 7ºG
Data de edição: fevereiro 2014

Naquela amena e soalheira manhã de julho, St. James Park acolhia-nos como um anfitrião real.

O rio calmo e límpido banhava um vasto e verdejante arvoredor, salpicado por pequenas flores de cor lilás e arbustos que se curvavam perante aquele que lhes dava a vida. Os patos, os gansos e os cisnes interrompiam o silêncio, grasnando e mergulhando agitadamente. Na clareira, dezenas de coloridas cadeiras estavam alinhadas aos pares, num manto verde, a olhar o sol. Das árvores, sem temer quem passava, desciam incansáveis e astutos esquilos em busca de alimento. Grandes e pequenos partilhavam brincadeiras, sorrisos e afetos.

A natureza conseguia surpreender-nos a cada instante.

Texto 11: NA PRAIA, Ana Freitas, nº2, 7ºF
Data de edição: fevereiro 2014

Um dia bastante quente, fui à praia e resolvi ver o pôr-do-sol.

Era um cenário espantoso com imensas cores, amarelo, cor de laranja, acastanhado.

O sol punha-se diante do mar como uma criança quando se está a esconder. Parecia que não tinha fim. Aquela sensação era surpreendente, parecia que cada vez mais tudo era coberto por raios cor de laranja e que as cores quentes eram predominantes.

À medida que o sol se escondia a sua intensidade era cada vez menor. De repente, tudo aquilo acabou e o sol desapareceu.

Anoiteceu, fui-me embora e nunca mais esqueci aquele dia.

Texto 12: A CORAGEM, Rodrigo Fontinha, nº24, 9ºH
Data de edição: março 2013

A coragem é algo que faz parte de nós desde sempre, que nos acompanha em praticamente tudo o que fazemos.

No tempo em que o mundo ainda não era conhecido, enfrentá-lo era um ato de valentia e coragem. Os navegantes viajavam de barco, sem rumo nem direção, sem saberem se voltariam depois da ida. Enfrentar o desconhecido é o ato mais corajoso que pode existir, porque não sabemos se o podemos ou não desbravar. Na primeira viagem do Homem à Lua, na descoberta de novos países e continentes, para tudo isso foi necessária coragem, pois os homens enfrentaram o desconhecido.

Posto isto, coragem não é algo que se consiga demonstrar facilmente por palavras, mas sim por atos.

Texto 13: LEITURA DE IMAGEM, Margarida Santos, nº16, 7ºG
Data de edição: janeiro 2014

Esta imagem retrata um magnífico dia cinzento da cidade do Porto, observado a partir da foz do rio Douro.

No horizonte, podemos ver uma zona urbana bastante harmoniosa, bem como alguma vegetação.

Em primeiro plano, encontra-se um areal comparável a um pequeno deserto onde está um grupo de pessoas a pescar. O rio, que separa as duas margens, encontra-se bastante sereno, quase apático.

Esta imagem transporta-nos para duas realidades distintas: uma paisagem natural, onde domina o rio e uma paisagem citadina, dominada pelos prédios.

Como diria Sérgio Godinho "estava eu quase morto no deserto e o Porto aqui tão perto..."



Texto 14: NO FUTURO, ESTES SERÃO OS PEIXES DOS NOSSOS OCEANOS, José Pedro Moreira, nº15, 8ºB
Data de edição: março 2014



Sabia que um saco de plástico demora mais de cem anos a degradar-se? E que peixes morrem sufocados com resíduos humanos?

Marque pela diferença e pense, duas vezes, antes de poluir os oceanos.
O planeta agradece!

Texto 15: Conto UM SONHO DE MAR, João Silva, 9º ano
Data de edição: maio 2013

1º Prémio do Concurso Literário anual PLMEM 2012/2013
Categoria Ensino Básico

Ele nunca tinha visto o mar antes, pois vivia no interior, rodeado por montanhas, colinas e planaltos, tanto majestosos como eram altos, mas que não o contentavam. Sempre havia a ribeira, perto de sua casa, mas era uma coisa muito pobre, mais rochas do que água, sem ter, sequer, peixes a nadar.

A mãe havia-lhe dito, um dia, que quando ele tinha “aí uns três meses”, o haviam levado a ver o mar, mas, obviamente, ele não se lembrava, e, em qualquer ocasião que visse, exigia outra viagem para saber como era aquela maravilha que lhe descreviam, uma imensidão, tanto calma como furiosa, sempre pronta a maravilhar ou a encher de medo qualquer pessoa que a visse. Contudo, a resposta era sempre a mesma, “noutra altura qualquer” ou “para o ano, vamos lá”. A ele, o mar fazia-lhe lembrar uma qualquer deusa de uma beleza divina, mas muito sensível, impaciente e invejosa.

– É como ambrósia para os olhos – dizia-lhe um dos seus tios – não to sei descrever, mas tenta imaginar a coisa mais bonita e mais longa que poderias ver.

Por alguma razão, nunca ninguém tinha conseguido descrever-lho, como se fosse algo demasiado complicado para se perceber.

Várias vezes pensava se devia simplesmente fugir, vê-lo e voltar, antes de alguém ter acordado. Mas sempre que se decidia a fazer a tal viagem, lembrava-se que era muito longe. Muitos diziam, que, por vezes, praias com areia fina e macia, estavam juntas ao mar. Todavia, ele não acreditava, não lhe importando, de qualquer das formas, se era areia, alcatrão duro de estrada ou picos aguçados de montanha o que estaria a pisar quando visse o oceano.

Quando se imaginava a olhar para ele, não dava atenção no que é que estava a apoiar os pés, mas sim à beleza de safira na sua frente.

Nessa noite, voltou a decidir ver o mar. Resignou-se, contudo, à vinda da voz da racionalidade na sua mente, aquela que muitas vezes devemos desligar, mas convencemo-nos que a devemos ouvir, e por isso seguimo-la, obedientemente. Desta vez, porém, ela não chegou, fosse por que, simplesmente, não havia vindo ou porque estava de tal forma resoluto, que não lhe importava.

Queria acreditar que era a segunda, para que não tivesse dúvidas durante a sua demanda. Rápida e silenciosamente, escapuliu-se de casa. Depressa pensou que devia ter trazido um mapa, porque não sabia para onde se dirigir ou quão longe estava. Bem, não era totalmente verdade, visto que ele vivia num vale entre duas grandes montanhas, logo a única direção era em frente, fora dele.

Quase foi buscar o mapa, mas sabia que se voltasse para trás, era possível que não conseguisse continuar, depois. Por isso, em frente seguiu, sempre a pensar que logo que chegasse ao fundo do vale saberia o que fazer, por onde seguir. Contudo, este chegou bem mais depressa do que pensara, e quando olhou para além dele, todo um mundo abriu-se à frente dos seus olhos.

Milhares de luzes piscavam, enquanto ele admirava o que estava além daquele seu pequeno universo, que era tudo o que conhecera até aí. Era chocante para ele ver algo tão extenso, como se o seu próprio vale fosse diminuído para poder, num espaço tão pequeno, entre os dentes do gigante. Foi aí que, pela primeira vez, se sentiu realmente feliz. Tinha encontrado o mar! Só podia ser aquilo, extenso, com luzes azuis, fazendo todo o género de sons furiosos, o que lhe dava a sensação de estar a olhar para algo em contínuo movimento.

Tinham razão. Ele nunca conseguiria descrever aquilo a ninguém. Contudo, apesar de ser, realmente, enorme, conseguia ver os seus limites. Tinha outras montanhas à sua volta, não o deixando ver para além. Também não havia areia, como lhe tinham dito.

Após alguns momentos de reflexão, decidiu voltar a casa. Apesar da surpresa inicial, o mar não lhe parecia nada do que lhe haviam descrito. Havia-lhe dito que era

possível olhar para ele durante horas sem parar, que só de contemplá-lo, inspiração era semeada na nossa consciência. Que tudo parecia mais bonito, o céu mais azul, e que até se respirava melhor. Mas ele sentia-se quase a sufocar e o céu tinha a cor de fumo, não o azul claro que tinha quando o via em casa. Não queria estar ali, sentia-se desconfortável. Demorou-lhe mais tempo, pareceu-lhe, a chegar a casa, pois consigo tinha o peso de expectativas defraudadas, parecendo-lhe que a vida já não era tão fácil de viver como antes.

Quando, finalmente, chegou a casa, já quase amanhecera, por isso tentou dormir um pouco, mas o sono não vinha, vindo-lhe sempre à boca o sabor amargo da tristeza e decepção. A manhã chegou, quase sem ele saber, sem muito menos ser solicitada, mas, de qualquer das maneiras, levantou-se da cama.

- Bom dia! – cumprimentou-o a mãe.

- Bom dia – balbuciou ele, de volta, após muito esforço.

- Estás cansado? – perguntou ela. - Bem, também não admira, saíres a meio da noite fazer sabe-se lá o quê...

- O quê?! Não, não, nem pensar! Deves estar a imaginar! – exclamou, pouco convincentemente.

- Olha, podes ter enganado o teu pai, mas eu ouço tudo, até a dormir – ripostou a sua mãe. - Não que tu tenhas feito pouco barulho.

- Bem, mas também não é por causa disso que estou assim.

- Então porque é? – interrogou a mãe.

- Ontem fui ver o mar – disse, simplesmente.

Toda a cor escapou do rosto da sua mãe, só para depois voltar violentamente, à medida que as suas emoções se dividiam entre alívio, preocupação, raiva e mil outros.

- Desculpa, desculpa – implorou o filho, observando, com medo, as feições da mãe – eu apenas quis ver, só tive que ir até ao fundo do vale, e odiei, simplesmente.

As emoções anteriores acrescentavam-se, agora, a confusão e, especialmente, a desconfiança:

- Até ao fundo do vale? Mas o mar é a quilómetros daqui, filho. Só de carro chegas lá, e demora umas horas.

- Não, eu vi, era enorme, como diz toda a gente, faz imensos sons e têm luzes...

- Espera aí, luzes e fumo? No fundo do vale? Aquilo é a cidade, não o mar! De onde é que foste buscar essa ideia? O mar é feito de água!

- O quê?! A sério?!

- Sim, claro, o que é que achavas?

- Fantástico! Estou tão contente! Mãe, diz-me que podemos ir, por favor, por favor!

- Muito bem, muito bem! Se é o que é preciso para não voltares a fugir de casa a meio da noite! Vai-te preparar, depressa, se o queres ver!

- Desculpa... e obrigado! – disse, no meio de dar à sua mãe um beijo.

- Vá lá, despacha-te! – urgiu-o, entre risos.

Ainda antes de chegar ao carro, sabia que desta vez não iria ser desapontado. A sua confiança era um pilar, inabalável pelos ventos dúbios da desconfiança.

Quando chegaram à costa, umas horas mais tarde, ele não se conteve. Deu pulos de alegria, gritou, cantou e até improvisou uma dança, feliz que estava, sob o olhar algo envergonhado, algo feliz da mãe.

Queria banhar-se, ser envolvido, capturar a essência daquela magnificência à sua frente. Mas, de repente, apercebeu-se, a única coisa que conseguia fazer era observá-lo, tocar na areia fina (que existia mesmo!), e observar a beleza poética das ondas, com o seu som calmo e maravilhoso. Parecera-lhe que apenas segundos haviam passado, quando a mãe veio para lhe dizer que tinham que ir embora. Mas, na verdade, já tinham passado horas, não fosse pelo cair do sol, para, eventualmente, formar a maior maravilha que o mar pode dar-nos, o pôr-do-sol à beira-mar.

Sem palavras, ele foi silenciosamente, sentindo-se mais feliz e realizado do que nunca antes, na sua curta vida.

Texto 16: Conto UMA FAMÍLIA DIFERENTE, Maria João Mendes, 9º ano
Data de edição: maio 2013

2º Prémio do Concurso Literário anual PLMEM 2012/2013
Categoria Ensino Básico

Nas notícias, antecipavam uma tempestade:

«Aconselhamos a todos os residentes a permanecerem em casa durante a noite e a madrugada deste dia» - anunciava uma rapariga, com os seus 21 anos, na televisão.

Toda a gente se mostrava apressada, mas principalmente os pais, que tinham os seus filhos nos infantários. A agitação instalava-se, agora, na cidade.

Raquel não foi exceção, e às dezoito horas foi buscar Pedro ao infantário. Desta vez, a mãe encontrava-se estranha, veio no caminho todo calada, (coisa que não era normal na Raquel!). Raquel fora uma rapariga que nascera numa pequena cidade e sempre fora muita cuidadosa, mas hoje o dia foi diferente, tinha sido despedida e, já com os seus 41 anos, a esperança de encontrar um emprego era quase nenhuma.

Ao chegar a casa, esperava ansiosamente pelo seu marido e fiel amigo, de quase já 20 anos. Raquel sempre se sentiu protegida por Luís. Pedro encontrava-se no quarto, enquanto a mãe se perdia nos seus pensamentos de um futuro próximo. Ouve-se a chave a entrar na fechadura. Raquel desperta, e espera que Luís repare na sua tristeza, mas Luís vinha muito mais preocupado com o tempo que se encontrava lá fora. Homem precavido, que tinha passado num supermercado, onde comprara lanternas, pilhas, e comida enlatada, para uma possível falha de luz.

Luís, ao não obter qualquer resposta da Raquel, mulher considerada muito faladora, tenta encontrá-la na sua vivenda. Raquel encontrava-se sentada na mesa da cozinha.

- Raquel? Passa-se alguma coisa?

- É melhor sentares-te ... Sabes que os problemas lá na fábrica acumulavam-se, e já nos andavam a avisar que, provavelmente iríamos embora. Nunca pensei que iria acontecer, mas...

- Foste despedida, Raquel?

- Sim... - Raquel não aguenta e chora, desesperadamente. Pedro, no quarto, ouve, e sorratamente, vai à cozinha perceber o que se passa.

- Não te preocupes, Raquel, havemos de arranjar uma solução! Tens de ir já procurar emprego, não vamos desistir já.

- Luís, tu não entendes... Estas novas empresas querem é gente nova, acabada de sair da Faculdade, inexperientes. Agora ninguém quer uma mulher de 41 anos, com experiência, isso já iria envolver pagar mais... Que vamos fazer agora?

- Vamos tentar remediar a situação, eu vou arranjar um emprego para além do que eu já tenho, de modo a sustentar-vos, da melhor forma.

E assim foi. Luís lembrou-se de que herdara uma pequena embarcação piscatória, que podia servir de base para o negócio, por conta própria. A força de vontade e a revolta que sentia, dada a injustiça que acabara de acontecer a Raquel, fez com que partisse para uma nova aventura. Apetrechado com o seu material piscatório, resolveu finalmente pôr em prática o seu plano. Não passava muito da uma da manhã, quando se lançou mar fora. Nos primeiros dias correu bem, a pesca era lucrativa, o cansaço compensava, pois chegava, mensalmente, aquele dinheiro extra, essencial para criar um filho. Numa determinada madrugada, Luís ouviu na rádio que a tempestade se iria manter, por mais duas semanas. Mas no meio do dilúvio que se fazia sentir, perdeu o controlo da embarcação, caiu e embateu numa das arcas de gelo, que usara para conservar o peixe, e ficou inconsciente. Acordou perdido. Era dia, mas o nevoeiro baixo, fazia com que a posição mais alta do sol parecesse a sombra mais terrível de todos os mares. A única luz que o iluminava era o sorriso do seu filho e da sua mulher, em pensamentos e, dias antes em forma de fotografia digital, no seu telemóvel, outrora com bateria...

Restava-lhe a esperança da recompensa duma vida esforçada até então, um resquício de esperança batia-lhe no peito, cada vez que parecia avistar um pedaço de

terra. Desidratado, esfomeado, a força já nem para o choro era suficiente. O suicídio foi opção, as rezas, promessas, nada disso lhe valia, nada disso o ajudava. Desistiu por uns dias... quase morto pensou se os seus familiares mereciam isto, nem um último adeus, se mereciam a memória de o verem pela última vez vestido de pescador com o barrete amarelo, a condizer com umas botas pretas gastas e sujas de peixe.

Ergueu-se, pescou para comer, todos os dias foi estudando as formas construídas aleatoriamente pelas estrelas envolventes, desenvolveu um método para mover o barco, uma vez que a gasolina já tinha acabado, e não trouxera barris de reserva. Com restos de barcos perdidos no mar, construiu uma haste e com as entranhas dos peixes, unidos por fios de pesca fez uma espécie de lençol, uma vela que podia fazer com que o vento fosse usado a favor. A robustecida textura dos materiais utilizados não deixava que estes fossem destruídos por a intempérie que se fazia sentir ainda. Surgiram alucinações, ele via a mulher e o filho a caminhar sobre a água, jurava que existiam ilhas em volta dele, os pássaros atacavam-no a toda a hora. Mentalmente perturbado pelas temperaturas altas, causadas pela tempestade tropical, sentia-se tonto, mas sempre impávido e sereno, só pensava em atingir o seu objetivo. Ele encontrou, pelo caminho fruta em pequenos ilhéus, encontrou água potável, fez amizade com peixes, com pássaros. Tinha de novo bateria, falava com a mulher a pedir indicações, a partir de determinada altura tudo começou a correr bem.

Já tinham passado três semanas desde a última vez que Raquel vira Luís. Em terra instalava-se o pânico e pensava-se o pior, sem notícias, sem capacidade de contactar. Quando restava quase nenhuma esperança, o filho, pouco consciente do que se passava continuava despreocupado, e já se tinha esquecido que existia uma figura paterna.

Raquel foi-se habituando, arduamente, a viver sem o marido. No entanto, todos os dias passava a tarde no porto, à espera do retorno, diariamente em vão.

Finalmente, Luís chegou a terra. Só Raquel estava à espera dele. Ele não se lembrava do filho, nem se lembrava que alguma vez o tivera. Só quis aconchegar-se e sentir de novo a presença da sua mulher, trocaram abraços apertados como correntes, juntos como um só. O beijo arrefeceu a febre de Luís, contraída na louca aventura. Ele sentia-se agora descansado e adormeceu.

Raquel vê um barco, o barco! Nada até lá e vê Luís totalmente desidratado, queimado do sol camuflado entre as nuvens cerradas. O mundo ruiu naquele instante, a vida dela parou, tudo parou. Um sentimento apocalíptico apoderou-se do seu coração e mente, só o filho a confortava.

Esta é a história duma família portuguesa desta época de crise, e uma demonstração de verdadeiro amor e entrega que, infelizmente, não acontece frequentemente, Luís teve uma paragem cardíaca uma semana antes de dar à costa, mas o cérebro continuava vivo, com o pensamento de rever a sua família. Raquel viu o seu marido já morto, teve oportunidade de lhe dar um último obrigado e um funeral digno do Homem que fora em vida.

Texto 17: Conto ABISMO DIVINO, Vanessa Matos, 12º ano

Data de edição: maio 2013

**1º Prémio do Concurso Literário anual PLMEM 2012/2013
Categoria Ensino Secundário**

O olhar de Manuel fixava-se no mar revolto, cujas ondas embatiam com violência nas rochas e arrastavam, para os seus confins, aquilo que podiam, erguendo-se com uma fúria assustadora. O vento desalinhava-lhe o cabelo e a chuva, que caía sem parar, misturava-se com as lágrimas, que deslizavam pelo rosto do pescador, que se contorcia numa careta de raiva e de dor, uma dor tão profunda que lhe dilacerava o coração.

Manuel Adelino, de setenta anos, iniciara-se precocemente na vida árdua da pesca, dando continuidade ao trabalho dos seus antepassados. O rosto desdentado, enrugado e maltratado do idoso refletia a dor e sofrimento, que aprendera a suportar, e o elevado número de perdas que o haviam marcado desde tenra idade. A efemeridade da

vida era uma constante, já perdera conta ao número de amigos e familiares, arrastados pela força das águas, e sabia que também ele estava exposto a essa fatalidade.

No entanto, a vida conseguira surpreender negativamente o pescador, que pensara já ter vivenciado o suficiente para ser incapaz de exteriorizar as suas mágoas. Na semana anterior, uma tempestade roubara-lhe a única coisa que fazia com que ainda tivesse forças para aguentar a dureza daquela vida ingrata e que iluminava o seu coração enegrecido pela dor. O mar levava-lhe o seu único filho.

Adelino guardava com carinho a lembrança da última conversa entre ambos, antes daquela noite maldita.

– Pai, hoje a pescaria até vai fazer inveja aos Sousa! Vai ver, vou trazer marisco de qualidade para o nosso jantar de hoje e até já pedi à Glorinha para fazer uma sobremesa, que sei que o pai gosta.

– Não precisas de te incomodar. Eu passo bem sozinho... é só mais um ano e tu deves ter outras coisas para fazer.

O velho sabia que o filho António jamais o abandonaria na sua data de aniversário, mas também não queria incomodá-lo, perturbar-lhe a rotina diária.

– Desde quando é que festejar a sua longevidade é incomodá-lo? Está decidido, agora veja se não se esquece de pôr mais dois pratos na mesa, um para mim e outro para a Glorinha. Tenho que ir andando, faz-se tarde e quando chegar ao mar já se esgotou o peixe!

– Cautela, meu filho, vem aí tempestade e das fortes. – respondeu o velho, resignado com a decisão do filho, que soltou ainda algumas gargalhadas.

António não festejou os setenta anos do pai, nem lhe ofereceu o jantar prometido. Apareceu na praia das avelãs três dias depois, com o corpo inchado e o rosto transfigurado, uma imagem que haveria de assombrar, para sempre, as poucas horas de sono de Manuel.

Uma onda de fúria atravessou o corpo frágil do velho. Trabalhara a vida inteira, cumprindo as suas obrigações de cidadão e cristão, lutara para dar uma vida melhor ao filho, insistindo para que este pudesse ser doutor, no entanto, a teimosia do jovem levava-o a prosseguir aquela maldita profissão.

O mar, amigo endiabrado de Adelino, sempre lhe dera em doses iguais aquilo que lhe retirava, mas desta vez estava em dívida para com ele e jamais a poderia saldar. A população de Senhor do Mar estava de luto, os homens não voltaram ao mar e as mulheres choravam uma dor, que poderia futuramente ser a delas, rezando com mais afinco do que o habitual, para que mais nenhuma tragédia se abatesse sobre a vila, como se de castigo divino se tratasse.

– Porque é que me castigas desta forma? Que mal é que eu Te fiz? Terá sido assim tão grave, que pretendes que eu morra corroído por esta dor, que me consome dia após dia, sem dar sinal de melhoras? Leva-me antes a mim e devolve a vida ao rapaz...

Manuel sabia que era impossível que António ressuscitasse, mas a sua revolta para com Deus moldava a lógica e a razão.

– Talvez tu, amigo de Deus e aliado do Diabo, me possas levar para junto do meu filho – gritava Adelino, acima do barulho das ondas, interpelando o mar.

Num gesto impulsivo, levantou-se e caminhou calmamente sobre a areia húmida, dirigindo-se de olhar vazio e rosto insondável para o gigante que se agitava à sua frente. Lentamente, a água ia subindo um pouco mais, primeiro até aos tornozelos, depois até aos joelhos, até que uma onda, num gesto de compaixão para com o septuagenário, o arrastou para o fundo do mar.

A calma regressou e do céu, até então negro como breu, avistaram-se os primeiros raios de sol, em vários dias. De intervenção divina ou de outra ordem qualquer, a paz parecia ter sido restabelecida na antiga vila pesqueira, como resposta às preces de quem havia escolhido o seu próprio caminho de libertação.

Texto 18: Conto UM HORIZONTE DE POSSIBILIDADES, Ana Barbosa, 12º ano
Data de edição: maio 2013

2º Prémio do Concurso Literário anual PLMEM 2012/2013

Há anos que tinha o sonho de partir, apenas ele e o seu veleiro. O pai começou a ensiná-lo a velejar aos quatro anos e desde então tornara-se a sua paixão. Não era algo que quisesse fazer a nível profissional, fazia-o simplesmente porque amava a paz e o sossego, que experimentava quando o barco se deixava levar pelo vento, cortando as ondas em direção ao horizonte. Sentia sempre que um milhão de possibilidades se estendiam à frente dele e ele tinha somente de escolher uma.

Faltava menos de um mês para começarem as aulas e iniciar o primeiro ano do mestrado, quando David percebeu que não estava pronto e que aquilo não era o que queria. Tinha vinte anos e queria viajar; queria conhecer novos lugares e novas pessoas; queria perceber o que levava as pessoas a agir da forma que agiam; queria ser mais independente; queria quebrar com o padrão de comodidade e conformismo em que sempre vivera, e não havia nada melhor, para alcançar tudo isso, do que realizar o seu sonho mais antigo: fazer uma viagem à volta do mundo no seu veleiro. A universidade, embora importante, podia esperar mais um ano, enquanto ele tentava perceber quem queria ser.

Depois de ter tomado essa decisão, David contou o que pretendia aos seus pais que, infelizmente, não aceitaram bem a notícia. Ainda assim, estava decidido. Mesmo sem o apoio dos pais, que não percebiam de onde é que aquela ideia tinha surgido, ele partiu. Talvez fosse um erro, mas era um erro que tinha de cometer, uma certeza que ele tinha de ter.

Os primeiros meses foram incríveis. A liberdade, a aventura e o inesperado – o imprevisível – eram sensações que o acompanhavam constantemente. Adorava sentar-se junto à proa e ver o sol a pôr-se. Era um momento mágico, com o barulho das ondas a despedaçarem-se contra o barco, o suave balanço deste e o constante cheiro a maresia, pairando no ar.

Dentro de umas horas estaria na Austrália. Sempre quisera lá ir e agora, finalmente, podia. Estava a pensar em ficar por lá durante umas semanas, conhecer alguns locais, ir à praia, visitar o zoo e provar a comida, numa experiência nova.

Alguns dias depois, enquanto estava sentado num parque, a apanhar sol, escreveu num banco “Eu estive aqui. David Q.”. Desejava deixar uma pequena marca ali, algo que perdurasse por tempo indefinido. Quando se preparava para voltar ao barco, reparou que a rapariga, que o tinha estado a observar, do outro lado do parque, se aproximava do banco, para ver o que ele tinha escrito. Achou estranho, mas seguiu em frente, afinal nunca mais a veria. De repente, ouviu:

- Espera! – voltou-se e era ela quem o chamava. Esperou até se aproximar. – Tu és o rapaz que está a percorrer o mundo de barco, não és? – perguntou-lhe, em inglês.

- Sim... Porquê? – Como é que ela sabia quem ele era?

- Bem me parecia. Eu ouvi falar de ti perto do porto. Tens vinte anos e vens de Portugal, não é?

- Sim. E tu, quem és? – David não estava a perceber o que ela queria, porém toda a situação era um pouco estranha. Primeiro, ela ficava a observá-lo, e agora vinha falar com ele, completamente do nada.

- Chamo-me Eva – estendeu-lhe a mão. – É um prazer conhecer-te – sorriu.

- Eu sou o David – apertou-lhe a mão.

- Eu sei. Talvez seja um pouco estranho para ti – voltou a sorrir, como se estivesse a desculpar-se. – Mas, quando ouvi sobre o que estavas a fazer, senti que tinha de te conhecer. Tens vinte anos e estás a fazer algo com que a maioria apenas sonha. É incrível e também assustador... – suspirou, sonhadora, enquanto começavam a andar.

- Não sei... Sempre foi algo que quis fazer. Se não fosse agora, provavelmente, não teria outra oportunidade. E sim, às vezes é complicado estar sozinho, e é claro que tenho saudades de casa e dos meus pais. Mas também gosto de ser completamente

independente, de contar só comigo. Gosto de saber que o que estou a fazer é tudo mérito meu. Trabalhei, juntei o dinheiro e agora estou a usá-lo.

- Eu percebo. Quem me dera... Eu também sei velejar, sabes? - disse ela.

Caminharam até ao porto, onde ele lhe mostrou o seu barco. Continuaram a falar e, à noite, foram jantar. Começou a surgir uma amizade, baseada em sonhos e gostos comuns, fazendo com que se sentissem como amigos de longa data. Ambos amavam o mar, a liberdade que sentiam ao velejar, a sensação do vento na cara e o esvoaçar do cabelo. Assim de repente, tinha surgido a possibilidade de algum sentimento, uma ligação. Naquela mesma noite, David resolveu adiar a data de partida. Queria mais tempo, porque nunca tinha conhecido ninguém como Eva.

Passaram-se dois meses e a amizade deles evoluía. Tinham começado a encontrar-se todos os dias, falavam durante horas, sem nunca deixarem de ter assunto, davam longos passeios, tanto de barco como a pé. Eva mostrara-lhe a cidade e sítios únicos, que apenas uma pessoa que vivesse na cidade poderia conhecer. David até arranjou um trabalho temporário num café, para ajudar com as despesas. Infelizmente, tinha de partir, tinha adiado o máximo possível, porém se ainda queria cumprir o prazo, que inicialmente estabelecera, tinha de partir nessa semana.

A despedida foi difícil, mais do que ele alguma vez imaginara. Tinha feito bons amigos e partir custava-lhe imenso, mas sobretudo, custava-lhe deixar Eva, a única rapariga de quem realmente tinha gostado. Despediram-se no dia anterior, à noite, e ela beijou-o desejando-lhe boa sorte, enquanto também lhe prometia que nunca o esqueceria. Tinha sido o seu primeiro e único beijo, deixando-o com um sentimento agri-doce.

Estava a desamarrar o veleiro para partir, quando, de súbito, ouviu chamar.

- David! David! Espera! - David nem queria acreditar. Era ela. Era Eva quem vinha a correr pelo cais, com uma mochila enorme às costas e o cabelo despenteado pelo vento.

- Eu vou contigo David, eu vou contigo! - gritou.

- O quê? - Não teve tempo de perguntar mais nada, porque ela subira para o barco e lançara-se contra ele.

- Eu vou contigo. Por favor, diz que também queres que vá contigo - pediu-lhe e beijou-o.

- É claro que quero. Mas como? - perguntou, completamente confuso. - E a tua vida aqui? Eu sei que os teus pais não estão presentes, mas mesmo assim... Tens a certeza de que podes? Estás mesmo disposta a deixar tudo para trás? Por mim?

- Sim, sim, sim. - repetiu, com um sorriso enorme. - Eu vivo sozinha, é como se simplesmente me mudasse. Pensei que podia deixar-te ir mas não posso, não consigo. Eu falei com a minha tia e ela apoia-me desde que eu mande notícias. Ela confia em mim. E quando a viagem acabar decidimos o que fazer.

- Ainda não acredito que isto está a acontecer, que vens mesmo comigo! - Abraçou-a e beijou-a. - Temos mesmo de partir agora, para aproveitar o vento.

- Eu sei, vamos lá. - respondeu ela e foi pousar a mochila para o ajudar.

David não conseguiu evitar pensar no quão incrivelmente certo se tinha revelado a decisão de fazer esta viagem. Agora estava a realizar o seu sonho e tinha alguém especial, que partilhava a mesma paixão pelo mar e de quem realmente gostava. O horizonte apresentava, realmente, uma série de possibilidades...

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

«*Com medo de o perder nomeio o mundo...*»
Vitorino Nemésio (1959)

3. PÁGINAS DE BABEL

No século XXI, as línguas configuram uma Babel de povos e culturas, nas suas formas de nomear o mundo e de o representar por signos, em comunicação múltipla.

As **Páginas de Babel** constituem um novo espaço, aberto à expressão e à comunicação em diferentes línguas estrangeiras, no entendimento da essencialidade e funcionalidade do conhecimento linguístico para a construção pessoal e profissional do jovem, enquanto cidadão de um País, da Europa e do Mundo. É nesta perspetiva plural que as páginas seguintes se abrem à comunicação em outras línguas.

Texto 1: TINTIN, Tomás Oliveira, nº25, 7ºG
Data de edição: janeiro 2014

Salut!
Je vais parler d'un personnage de la bande dessinée. Il s'appelle Tintin.
Tintin est un jeune homme. Il est belge et il habite à Bruxelles, en Belgique.
Il est journaliste d'investigation.



Texto 2: JÉRÔME FERNANDEZ, Tiago Pratas, nº26, 7ºG
Data de edição: janeiro 2014

Jérôme Fernandez
Il s'appelle Jérôme Fernandez.
Il a 36 ans. Il est français. Il habite en France. Il est joueur de handball.



Texto 3: RÉSUMÉ DU CONTE DE ELSA DEVERNOIS ASTRAPI, 8ºD

Data de edição: janeiro 2014

Puni de télé

Maxime était un train de regarder un film d'horreur, que ses parents lui ont interdit de voir, quand sa mère est entrée dans la salle ; Maxime sera "puni de télé".

Le garçon a adoré cette punition, mais à la fin de la journée, quand il a été obligé de regarder la télé depuis huit heures du matin jusqu'à huit heures du soir, il s'est endormi comme un bébé. Donc, il a été puni de télé et pas privé de télé, tandis que ses copains jouaient et s'amusaient dehors, dans le jardin de Pierre.

Le soir, après la « punition », quand sa mère lui a conseillé de regarder un autre film avec elle et son père, il s'est enfui à toutes jambes dans sa chambre.

La morale de l'histoire

Nous ne devons pas désobéir à nos parents. Nous devons accepter les règles du jeu et assumer les conséquences de nos actes.

Des citations

"Jusqu'à vingt-cinq ans, les enfants aiment les parents; à vingt-cinq ans, ils les jugent, ensuite, ils leur pardonnent". Hippolyte Taine, XIXe siècle

"Les enfants ont plus besoin de modèles que de critiques.", Joubert Joseph, XIXe siècle.

Texto 4: UNE HISTOIRE D'AMOUR (LE 14 FEVRIER), Daniel Melro, nº5, 8ºD

Texto adaptado

Data de edição: fevereiro 2014

Un dragon a enlevé une princesse.

Le roi a demandé aux chevaliers de sauver la princesse. Les trois chevaliers ont attaqué le dragon. Le premier chevalier a été carbonisé, le deuxième a été écrabouillé et le troisième a été avalé tout cru.

Le roi était désespéré. Alors, le facteur a eu une idée: il a envoyé une lettre piégée au dragon et le dragon a explosé. La princesse a épousé le facteur.

Ils ont été très heureux et ils ont eu une famille nombreuse. C'est pourquoi ils avaient une réduction S.N.C.F.

Texto 5: YO SOY ASÍ, Francisco Oliveira, nº5, 9ºG

Data de edição: fevereiro 2014

Me encanta la Naturaleza
Compuesta por cosas buenas y por agrura
Desfrutar de su pureza
Y tener una gran aventura.

Me gusta mucho convivir
Con una bici y una pelota
Me gusta también competir
Sin trampa ni bota rota.

A mí me gusta ser solidario
Ser amigo de mi amigo
Y para cumplir horario
Podéis siempre contar conmigo.

Con mis cualidades y defectos
¡Yo soy así!



Pedro Paiva, nº20, 9ºH
Exposição Educação Visual/Biblioteca ESPL, março 2014

Texto 6: YO SOY, Joana Carvalho, nº10 e Raquel Castro, nº13, 9ºG
Data de edição: fevereiro 2014

Yo no soy lo que visto
Yo soy de la manera que soy
No soy también lo que tengo
Yo soy mismo quien soy

Yo soy amiga y verdadera
Yo soy lo peor que se puede ser
Pero también soy lo mejor que se puede ser
Yo soy lo que nadie espera.

Yo soy impulsiva, luchadora y sensible
Soy terca, simpática y despistada
Soy la que se reí siempre sin sentido
Soy como sueño ser.

Texto 7: TÚ, Alba González, nº1, 9ºF
Data de edição: fevereiro 2014

Amar,
Soñar,
Recordar,
Pensar,

Son palabras...
Sentimientos,
Emociones y...

Son lo mejor,
Que tu sacas de mí...
Tú... ¿sí? Tú.

Eres el camino,
La Felicidad.
La alegría y la esperanza.

Que ilumina mi vida.
Cada día,
De mi vida cuando,
Estás...

Aún que lo intente,
No puedo salir.
Salir del abismo...
De mi corazón.

Porque yo...
Yo no te olvido.
Ni quiero,
Encontrar una razón.

Para seguir...
Sin tí.

Texto 8: LA CULTURE, João Esteves, nº18, 9ºE
Data de edição: março 2014

De nos jours, la culture est très importante, cependant les gens n'aiment ni aller au théâtre, ni écouter l'opéra ni lire, par exemple.

De ce fait, nous devons changer leurs goûts! On peut organiser des débats sur la culture ; on peut créer des projets et des groupes de théâtre, de lecture, de peinture et même de musique; on peut encourager les arts avec la visite des artistes et des professionnels à l'école pour parler et pour enseigner ses méthodes; finalement les écoles peuvent offrir des cours de musique, de peinture, de cinéma et d'écriture par exemple.

On peut aussi parler sur les différents types de films, livres, peintures, musiques... et sur les avantages de la culture et d'être une personne cultivé.

Ils vont apprendre à adorer l'art et qu'elle est essentielle dans nos vies parce qu'elle est une forme de nous exprimer, d'être unique et spécial.

Texto 9: MES LOISIRS PRÉFÉRÉS, Sara dos Anjos, nº24, 8ºE

Data de edição: março 2014

Je n'ai pas beaucoup de temps libre pendant la semaine, parce que j' étudie beaucoup et je fais mes devoirs.

Mes loisirs préférés sont: faire du cheval, écrire, lire et prendre des photos. J'adore écrire, parce que je me sens différente avec les mots. J'adore aussi lire, parce que, pour moi , les mots ont une magie unique et géniale.

Pendant le week-end, je m'amuse et j'étudie aussi. Parfois, je sors avec mes parents et nous allons au centre commercial ou nous nous promenons.

Texto 10: MES LOISIRS PRÉFÉRÉS, João Pedro Gonçalves, nº13, 8ºE

Data de edição: março 2014

Je dois étudier, mais j'ai aussi beaucoup de temps libre. Je peux étudier et m'amuser.

J'adore faire du cheval. C'est mon loisir préféré. J'aime aussi promener mon chien et écouter de la musique.

Le week-end, j'adore faire du vélo avec mes parents. J'aime sortir avec ma famille. Les dimanches nous allons à Matosinhos pour déjeuner en famille. Je n'aime pas rester chez moi.

Texto 11: HEALTHY FOOD, Catarina Miranda, nº 8, 8º G

Data de edição: março 2013

I think everyone is always a little worried about their health. Even if they don't eat properly... Honestly, I'm not the healthiest person you can know, but I do care about my own health.

I rarely go to fast food restaurants, because that kind of food is not good for my body. It contains a lot of salt and saturated fat. We become overweight and we get tired very easily. But it has some positive aspects, as well. The food is very tasty and cheap, which is amazing. We can have some fun in fast food restaurants because it is not as formal as the other kind of restaurants.

I usually eat at home. My parents cook the food (some meals healthy, others not as much) and I eat it.

So... my health is not the best, but it's not the worst. I'm happy about it.

Texto 12: FAST FOOD, Marco Caetano, nº 13, 8º C

Data de edição: março 2013

My favourite fast-food menu is McChicken with fries, nuggets and a Coca-Cola or a Fanta. I eat my meals in McDona's, it is my favourite fast-food restaurant. Fast-food is a really delicious food but it easily gets people fat. I think that is the bad thing in fast-food. But I'm not worried about my health because I don't usually eat that type of food. I can't say that I always eat properly, because sometimes when I'm hungry I don't eat properly but it rarely happens.

Texto 13: ARE TEENAGERS' YEARS THE BEST OF ONE'S LIFE? Bruno Carvalho, nº29, 10ºB
Data de edição: março 2013

I don't know if this is the best time of my life because I still have the rest of it to go.

However, I can convincingly ensure that I've been having an awesome time since the year started. New year, new colleagues, teachers, ups and downs. It's a whole new mix of feelings and thoughts, and so I believe this has been the best year of my life.

It's impossible for me, though, to deny the apparent possibility that it isn't going to get any better. More recently, I've started to undergo a small school crisis, and even though I've dealt with it, which brings up the idea that many other problems will follow. We're all different, but some problems are just way too common to ignore. For example, we could refer self-image, stress from school or from parents, relationships, etc. I'm conscious, as everyone else, I have to resist and solve my problems.

In conclusion, I am secure I've been having an extraordinary time lately and I know I got to keep it that way!

Texto 14: ADOLESCENCE, Anabela, nº6, 10ºC
Data de edição: março 2013

ADOLESCENCE has always been a hard time for everyone. Being a teenager can stand for being confusing but it's also the time when teens know who they really are and who their real friends are.

On the one hand, adolescence nowadays means being a victim of peer pressure, either by your "friends" or by your surrounding society. Even parents and teachers put quite a lot of pressure on you as they want you to make difficult decisions, to have certain grades, hang out with certain people, etc. This time of our lives makes us start to handle an adult life but it can become overwhelming because of all the emotions you feel and all the situations you go through.

On the other hand, all these facts I have mentioned can help you handle life better and it also allows you to construct your future. Going through all these mood swings can help you to, finally, know yourself and the ones around you and know how to control it.

In summary, adolescence can be a tough time but it is essential seeing that it is the time in your life that will launch you into the future that now you start planning.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

Ler é sonhar pela mão de outrem.
Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*

4. FÓRUM DE LEITURA

O **Fórum de Leitura** constitui um espaço aberto à edição de experiências de leitura de alunos, funcionários, professores e encarregados de educação.

A divulgação da descrição e crítica de obras de autores nacionais e estrangeiros, lidas em contexto escolar ou familiar, é o objetivo de uma secção que tem nas atividades «O Livro dos Livros», «A Companhia dos Livros» e «Viajar com Livros» os expoentes de um esforço coletivo de motivação à leitura individual e sobretudo à aquisição de hábitos de leitura, dentro e fora da sala de aula.

A publicação de **impressões de leitura** de uma obra, de um conto, de um artigo... poderá funcionar como momento de reflexão de um primeiro leitor e momento de motivação de muitos segundos leitores. Afinal, o escritor só existe em simbiose com o leitor, numa relação mútua de enriquecimento pessoal e cultural. Mesmo que o escritor se distancie no horizonte intransponível do fingimento da palavra, para sempre gravada no tempo. Retomando o poeta, cabe ao leitor todo um sentir múltiplo, eu-ele, pois «Sentir? Sinta quem lê» (Fernando Pessoa, *Isto*).

Texto 1: POLVOS... HÁ MUITOS, Carina Freitas, nº6, 11ºD
Data de edição: fevereiro 2014

Nos dias em que vivemos, andam, cada vez mais, polvos à solta. Estes são as pessoas que por aí deambulam, traindo-se umas às outras, sendo hipócritas e que fingem ser amigas, mas, tal como o Polvo do *Sermão de Santo António*, abraçam e, na mesma fração de segundo, prendem e "apunham pelas costas" pessoas inocentes.

Em primeiro lugar, podem servir-nos de exemplo os políticos. Eles prometem fazer de tudo para o bem do povo, fazem-se passar por pessoas de confiança, no entanto, não passa tudo de uma emboscada. De facto, eles são maliciosos como os polvos, só pensam em si e somente no seu próprio bem.

Em segundo lugar, uso como exemplo muitas daquelas pessoas que andam pelas ruas a mendigar, a dizerem ter fome e quando lhes oferecemos comida, recusam-na, sendo capazes de deitá-la ao lixo mesmo em frente dos nossos olhos. E porquê? Porque o que as alimenta é o dinheiro, elas não querem trabalhar, não

querem lutar, com esforço, para sobreviver nesta Sociedade comodista, também, esta em que vivemos...

Pelo exposto, afirmo que muitos são os polvos que nos rodeiam. Devíamos ser mais perspicazes para detetá-los e evitarmos ser mais uma das suas presas *desapercebidas*. Por isso, reafirmo, Polvos... há muitos!

Texto 2: A OBRA O CAVALEIRO DA DINAMARCA, Ana Freitas, nº1, 7ºF

Data de edição: fevereiro 2014

Na obra *O Cavaleiro da Dinamarca* são transmitidos diversos valores.

A maior parte destes valores é demonstrada pelo Cavaleiro. Ao longo de toda a história este revela um grande amor pela família. Mostra que tem bastante fé quando decide ir passar o Natal à Terra Santa para rezar lá. O Cavaleiro também evidencia grande fidelidade à sua família e persistência em manter a promessa que tinha feito de passar o Natal com ela. Isto verifica-se quando lhe propõe várias vezes para ficar nos locais maravilhosos por onde vai passando, como Veneza, Florença, Flandres, e até já mais próximo de sua casa, na aldeia dos lenhadores e ele recusa sempre, só para poder cumprir a sua promessa.

Os que recebem o Cavaleiro em suas casas também mostram solidariedade, cortesia e hospitalidade, como por exemplo o Mercador, o banqueiro Averardo, o negociante da Flandres e os amigos da Floresta.

Estes valores são bastante importantes para sermos pessoas melhores e devemos segui-los.

Texto 3: O RAPAZ DO PIJAMA ÀS RISCAS de JOHN BOYNE, Tiago Sousa, nº24, 10ºD

Data de edição: fevereiro 2014

Nota bibliográfica

John Boyne é um romancista irlandês, que nasceu a 30 de Abril de 1971. Ensinou língua inglesa no *Trinity College*, e Literatura Criativa na Universidade de *East Anglia*, na qual foi galardoado com o prémio Curtis Brown. Começou a escrever histórias aos dezanove anos e o seu primeiro romance foi publicado dez anos depois. Trabalhou numa livraria dos 25 aos 32 anos. Atualmente, é escritor a tempo inteiro.

Reconto/Síntese

O rapaz do pijama às riscas conta-nos a história de Bruno, um rapaz alemão de nove anos, que se vê obrigado a mudar de cidade e de amigos, devido ao trabalho do pai. De repente, tem de sair da sua confortável moradia, em Berlim, para uma casa que considera horrenda, em Acho-Vil. Sem os seus maiores amigos, apenas pode brincar com Gretel, a sua irmã, que na sua opinião é um caso perdido, na medida em que não lhe faz grande companhia. No primeiro dia, Bruno observa, da janela do seu quarto, um campo de concentração. Desconhecendo os horrores do que ele considerava ser uma quinta cheia de crianças e adultos, Bruno anseia por explorar os pormenores daquele lugar.

Por isso, um dia decide visitar o campo de concentração e falar com as crianças que observa à distância. Então encontra Shmuel, um rapaz também de nove anos, que traz vestido o que Bruno descreve como um pijama às riscas. Assim se inicia uma amizade entre ambos, com apenas uma cerca a dividi-los.

Certo dia, o pai de Bruno diz-lhe que ele, a mãe e Gretel vão voltar para a casa de Berlim. Bruno não quer regressar, porque isso significa separar-se de Shmuel e corre a contar a Shmuel que vai retornar a Berlim. Encontra o seu amigo muito aflito, visto que o seu pai desapareceu. Bruno consola-o e promete-lhe que, na manhã seguinte, antes de partir definitivamente para Berlim passará, de novo, para

o outro lado da vedação e ajudá-lo a encontrar o pai. Será essa a última aventura de ambos.

E assim foi. Contudo, quando Bruno estava a preparar-se para ir para casa, chegam os guardas do campo e mandam-nos para uma câmara de gás. Para Bruno, na sua inocência de criança, era uma sala quente para as pessoas se abrigarem da chuva.

No final, o narrador diz-nos que nunca mais ninguém ouviu falar de Bruno.

Recomendação

Eu aconselharia a leitura desta obra a qualquer jovem, porque está claramente presente uma verdadeira amizade. Apesar das grandes diferenças culturais e religiosas entre Bruno Shmuel, os dois rapazes relacionam-se perfeitamente. Desta forma, dão uma lição aos adultos, que entram em guerras e conflitos, como foi o caso da II guerra mundial e do holocausto. Fica a mensagem que os povos podem viver em harmonia. Devemos aprender a tirar o melhor partido das más situações e experiências e ajudar os outros, pois o respeito mútuo e a amizade são definidos por aquilo que sentimos, e não pelo que os outros julgam que devemos sentir.

Texto 4: O CÓDIGO DA VINCI de DAN BROWN, Luís Magalhães, nº14, 10ºD **Data de edição: fevereiro 2014**

Nota bibliográfica

Dan Brown nasceu a 22 de junho de 1964, em Nova Hampshire, nos Estados Unidos da América. Formou-se no *Amherst College*. No primeiro ano em que frequentou a universidade viajou até à Europa para estudar História de Arte, na Universidade de Sevilha, em Espanha. Nessa altura, começou a estudar seriamente os trabalhos de Leonardo da Vinci, o que mais tarde influenciaria os seus romances. De volta aos Estados Unidos, enquanto professor de inglês, na sua terra natal, investigou um incidente, entre um aluno e o FBI, o que o motivou a escrever o seu primeiro romance, intitulado *Fortaleza Digital*. Seguem-se as obras *Anjos e Demónios* e *Código da Vinci*, um *best-seller* editado em quarenta e duas línguas, e a sua publicação mais recente, intitulada *Inferno*. Entre as suas obras, adaptadas para o cinema, contam-se *Código da Vinci*, em 2006, *Anjos e Demónios*, em 2009, e *Inferno*, a estreiar em 2015.

Reconto/Síntese

Robert Langdon, simbologista, acabara de chegar a Paris para dar uma palestra, quando foi convidado, pela polícia, para ajudar a desvendar os símbolos que envolviam a morte do último curador do Louvre.

Ao chegar ao cenário do crime, Langdon conheceu o capitão Fache e Sophie Neveu, uma criptologista. Mais tarde, e após uma série de peripécias, que se sucedem em Paris e Londres, descobriu que a jovem era neta do homem que morrera. Já no final, analisando as pistas existentes, Sophie apercebe-se de que a polícia desconfiava do envolvimento de Langdon no crime. Ambos conseguem despistar os agentes que os perseguiam, partindo para uma intensa aventura, com o objetivo de descobrir “o segredo”, que o curador queria revelar-lhes. Durante a ação, descobrem a cumplicidade que existia entre Silas e o professor, os responsáveis pelo crime. Os dois foram presos pelo capitão Fache, acabando Silas por morrer. No final, sabemos que Langdon percebeu muito cedo que “o segredo”, afinal, estivera sempre debaixo do próprio Louvre, guardado na pirâmide, mas não o revelara a ninguém.

Recomendação/opinião

Eu aconselharia a leitura da obra, pois engloba vários mistérios, como o “Priorado de Sião”, a “Chave da Abóbada” e o “Santo Graal”. Além disso, conduz-nos numa aventura intensa, passada entre duas cidades famosas, Paris e Londres. Finalmente, apresenta uma história apelativa e misteriosa, que provoca a vontade de querer seguir o desenrolar da ação, devido aos diversos símbolos e enigmas,

que despontam ao longo da obra, tais como “A última Ceia”, a “sequência de Fibonacci” e o “Ciptex”.

Texto 5: O MEU PÉ DE LARANJA LIMA de JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS, Rodrigo Barbosa, nº25, 9ºH
Data de edição: fevereiro 2014

Nota bibliográfica

José Mauro de Vasconcelos nasceu em Bangu, um bairro do Rio de Janeiro, a 26 de Fevereiro de 1920, e faleceu a 24 de Junho de 1984, com 64 anos, em São Paulo. Como era Filho de uma família muito pobre, deixou a família e passou a infância com os seus tios, em Rio Grande do Norte. Frequentou o curso de medicina durante dois anos, após o que regressou à sua terra natal, o Rio de Janeiro. Nesta cidade teve vários empregos, após o que obteve uma bolsa de estudo para estudar em Espanha. Neste país, largou mais uma vez os estudos e optou por uma viagem pela Europa. Durante a sua vida, foi escritor, artista plástico e ator de teatro e de televisão. das suas obras, destacam-se *Doidão*, *O Garanhão das Praias*, *O Palácio Japonês* e *Vamos Aquecer o Sol*.

Reconto/ Síntese

Este livro conta a história de um menino inteligente, Zezé, de cinco anos, que vive numa família pobre e numerosa. A falta de afeto que encontra numa família em que cada um trata da sua vida e da sua sobrevivência, leva Zezé a ocupar o tempo com partidas e pequenos roubos à população local. Em consequência, os moradores do bairro afirmam que o rapaz tem o diabo no corpo. Até mesmo a sua irmã mais velha, Jandira, a única que se preocupa e toma conta do irmão, chega a duvidar do bom coração de Zezé.

Entretanto, a família muda, mais uma vez de casa. Zezé, que se sente só e sem ninguém para conversar, inventa um mundo imaginário só seu, onde um pé de laranja lima, que encontrou no quintal da sua nova casa, se torna o seu melhor amigo. Zezé dá-lhe o nome de Minguinho ou Xururuca e conta-lhe todos os dias o que faz em casa e na escola, os seus desgostos e as suas alegrias.

Um dia, quando vinha da escola, Zezé viu um carro maravilhoso e ficou simplesmente fascinado. Esse carro pertencia a um português, chamado Manuel Valadares. Zezé tentou mexer no carro, mas foi apanhado pelo dono e levou um grande puxão de orelhas, para aprender a não tocar no que não era seu.

Mais tarde, o menino e Manuel Valadares acabam por ficar os melhores amigos. Eles passam muito tempo juntos e Zezé vê, neste seu novo amigo, um pai que lhe dá carinho e que o entende. Até deixa de falar tantas vezes com o seu pé de laranja lima, pois agora tem um amigo real, que o leva a passear no seu carro e lhe ensina o mundo. Infelizmente, o “Portuga”, como Zezé o chamava carinhosamente, acaba por morrer num acidente numa passagem de nível, em que um grande comboio, o Mangaratiba, passa por cima do lindo carro do português, causando-lhe a morte. Com a morte do Portuga, Zezé, desesperado, sente uma grande dor e deixa de dar sentido à vida, não aceitando a morte trágica do seu grande amigo. Todos receiam pela vida de Zezé, pois o rapazinho adoece gravemente, ficando acamado durante semanas.

Finalmente, Zezé melhora e fica livre de perigo. Contudo, deixou de ser a criança que era, confiante e inocente, comparando o aparecimento da primeira flor do seu pé de laranja lima com o fim da sua infância.

Recomendação/opinião

Pessoalmente, gostei muito deste livro e recomendo-o a todos, jovens e adultos, por ser uma história comovente, que nos faz pensar sobre a infância difícil de uma criança pobre, inteligente e sensível, que tenta compreender o mundo à sua volta. Além disso, a obra mistura situações engraçadas, cómicas e comoventes, valorizando a inteligência, a amizade e a solidariedade.

Texto 6: A RATOEIRA de AGATHA CHRISTIE, Nuno Gomes, nº18, 10ºD
Data de edição: fevereiro 2014

Nota bibliográfica

Agatha Mary Clarissa Christie é uma autora britânica, que nasceu a 15 de Setembro de 1890 em *Torquay*, Inglaterra e faleceu em *Wallingford*, a 12 de Janeiro de 1976. A autora começou a escrever com 26 anos, tendo publicado 80 romances policiais, num total de 4 mil milhões de cópias. Casou com um coronel, com quem teve uma filha. Durante grande parte da sua vida trabalhou num hospital e numa farmácia, o que influenciou o enredo dos seus romances policiais. De entre a sua vasta bibliografia, destacam-se *O último caso de Poirot* e *Participa-se um crime*.

Reconto/Síntese

Esta obra retrata a vida de um jovem casal que decide gerir um hotel. Num dia de grande tempestade de neve receberam quatro hóspedes, Mrs Boyle, Christopher, Major Metcalf e Mr. Paravicini. Este último foi obrigado a passar a noite no hotel devido a um acidente. Entretanto, Molly, a esposa de Giles, recebe um telefonema da polícia a avisar que pode haver algo de suspeito no hotel e que enviariam o sargento Trotter para investigar. Este rapidamente chega com os seus esquis e reúne todos os hóspedes para os informar que há um assassino alojado no hotel. Todos ficam alarmados.

No dia seguinte, Mrs Boyle é encontrada estrangulada, no seu quarto, e todos suspeitam do brincalhão Christopher. Contudo, qualquer um pode ter sido o assassino. Depois de vários interrogatórios, Trotter vai ter com Molly e aponta-lhe uma arma. Esta mostra-se receosa perante o suposto sargento, que afirma ser o assassino e começa a contar-lhe as suas razões. Nesse momento, é interrompido pelo detetive Major Metcalf, que rapidamente lhe aponta uma arma, acabando com a preocupação de todos e desvendando o crime.

Recomendação/opinião

Eu aconselharia a leitura desta obra, porque é interessante, não só devido ao seu conteúdo como também à atitude das personagens, que brincam com a difícil situação que enfrentam. Também provoca curiosidade ao leitor, pois faz com que este sinta a necessidade de descobrir o que acontece a seguir. Por último, a sequência das ações é imprevisível, mostrando que são as pessoas, em quem pensamos poder confiar, que mais nos surpreendem pela negativa.

Texto 7: AMOR DE PERDIÇÃO de CAMILO CASTELO BRANCO, Daniela Borges, nº4, 10ºD
Data de edição: fevereiro 2014

Nota bibliográfica

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco nasceu a 16 de Março de 1825 em Lisboa. Foi um escritor português, romancista, cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta, tradutor e ainda o primeiro visconde da família Correia Botelho. A 21 de Maio de 1890 ficou cego e no dia 1 de Junho, do mesmo ano, suicidou-se com um tiro na têmpora direita. As suas principais obras foram *A queda de um Anjo*, *Amor de Salvação*, *Suicida*, entre outras. Todavia, a sua obra mais conhecida e estudada é *Amor de Perdição*, publicada em 1862. A ação da obra é simples, trágica e comovente.

Reconto/Síntese

Simão Botelho era filho de Domingos Botelho e de D. Rita Castelo Branco. O jovem apaixonou-se por Teresa de Albuquerque, filha de Tadeu de Albuquerque. Contudo, as duas famílias não aceitaram o namoro de Simão e Teresa, pois eram inimigas.

Em consequência, e de forma a separar os dois jovens, Simão foi enviado para Coimbra, para concluir os seus estudos e Teresa para um convento, em Viseu. Simão foi visitá-la e ficou hospedado na casa de João da Cruz e sua filha, Mariana, que, mais tarde, se apaixonou por Simão. Ao ver que o jovem não desiste da sua filha, Tadeu envia Teresa para um convento no Porto. Simão decide raptar a sua amada, porém tem de lutar com o primo de Teresa, Baltasar, e acaba por matá-lo.

Simão é condenado, pela justiça, a ficar dez anos na Índia. Teresa, que já tinha a sua saúde bastante abalada, acaba por morrer de desgosto, no mirante do convento, logo após ver o seu amado partir. Simão toma conhecimento da morte de Teresa e começa a adoecer. Tem febres e delírios. Ao nono dia de viagem, teve o seu último delírio e morreu. Mariana, que ia com ele a bordo, não suportou a sua morte. Assim, no momento em que lançaram o cadáver ao mar, ela atirou-se a seguir, escolhendo morrer com o homem que amava em segredo.

Recomendação/opinião

Eu aconselharia a leitura desta obra, pois relata uma história baseada num caso verídico, que consegue captar a atenção do leitor, desde a primeira página, devido ao estilo e linguagem do autor. Camilo retrata o poder do verdadeiro amor, pois Teresa e Simão nunca deixaram de se amar verdadeiramente. Além disso, esta obra intemporal, na tradição dos amores trágicos de *Tristão e Isolda* e *Romeu e Julieta* não é muito extensa e tem um vocabulário simples, mas cuidado, sendo agradável de ler.

Texto 8: A MARCA DO ASSASSINO de DANIEL SILVA, Sofia Pinto, nº26, 9ºH Data de edição: fevereiro 2014

Nota bibliográfica

Daniel Silva nasceu em 1960, no Michigan, filho de pais açorianos, tendo sido criado na Califórnia. Casou-se com Jamie Gangel com quem teve dois filhos: Nicholas e Lily.

Começou a sua carreira em 1984, no jornal *United Press International*. Trabalhou também na CNN, em Washington, como produtor executivo e, em 1989, foi nomeado correspondente no Médio Oriente, mudando-se para o Cairo, no Egito. Em 1994, escreveu o seu primeiro livro, *The Unlikely Spy*, lançado em 1996. Com o sucesso desse livro, deixou o trabalho na CNN, para dedicar todo o seu tempo à escrita.

Escreveu, no total, quinze livros, 13 dos quais fazem parte da série "Gabriel Allon" e os restantes dois da série "Michael Osbourne". Em 2007, ganhou o prémio "Berry Award", com o seu best-seller *A Mensageira*.

Reconto/Síntese

A ação começa quando o voo 002, um avião da Transatlantic Airlines, é atingido por um míssil, matando todos os passageiros a bordo. A única pista encontrada é o corpo de um palestino morto, com três tiros no rosto. Para tratar deste caso, é nomeado um agente da CIA, Michael Osbourne, do departamento antiterrorismo. Na CIA, julgam que o responsável pelo atentado é um grupo terrorista do Médio Oriente, a "Espada de Gaza".

Entretanto, a jornalista Susanne Dayton inicia uma investigação a Mitchell Elliott, um conhecido financiador de campanhas políticas e ainda o dono de uma fábrica de sistemas de orientação de mísseis. Mais tarde, Susanne Dayton é encontrada morta no seu apartamento, com três tiros no rosto.

Michael Osbourne continua a investigar o caso e, mais tarde, o responsável pelo grupo terrorista contacta-o, para marcar um encontro. Quando se encontram, Malik explica a Michael que nem ele, nem o seu grupo, tinham sido responsáveis pelo atentado. Após este encontro, segue-se um tiroteio, em que Malik, o responsável pelo grupo terrorista, é atingido na cara, com três tiros.

Posteriormente, Michael apercebe-se de que, naquele dia, o assassino queria era matá-lo a ele, e que havia sido um golpe de sorte não ter sido morto por

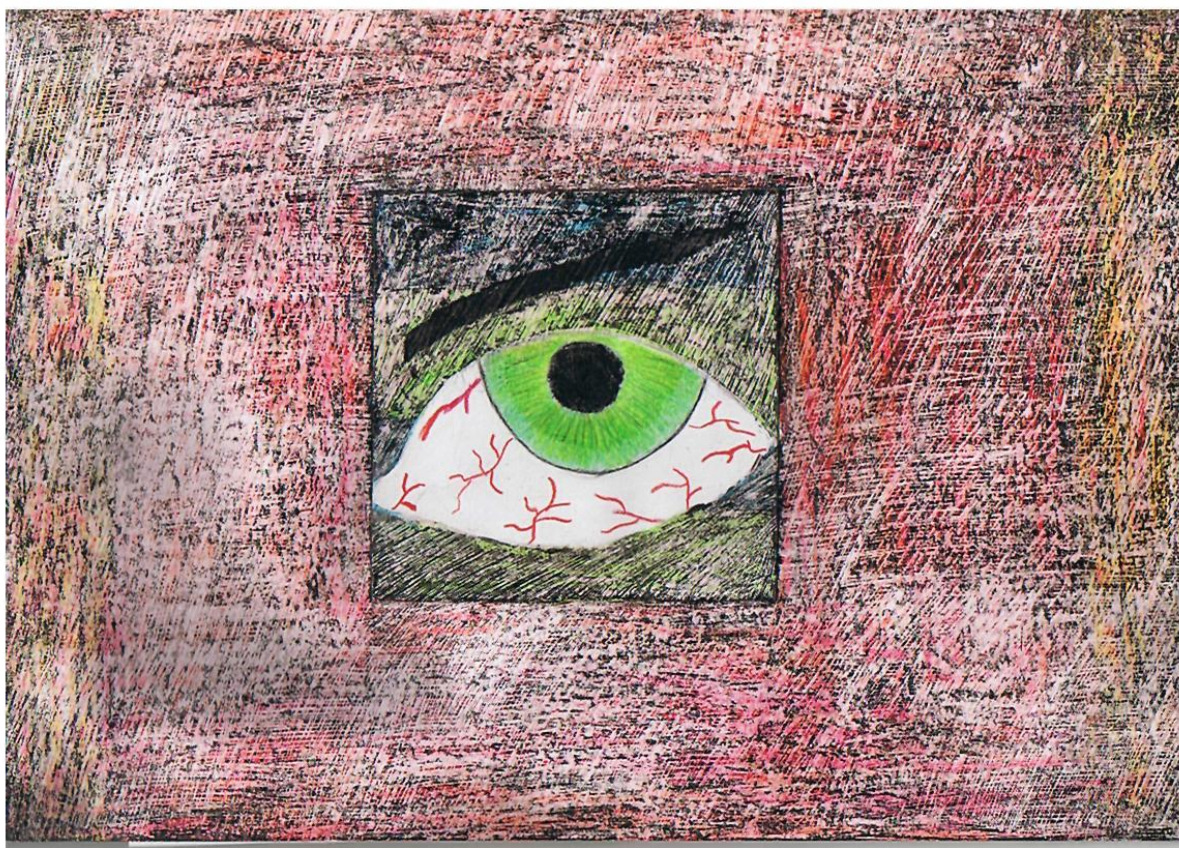
Outubro, o nome de código do assassino, que se chama Jean Paul Delaroche. Este inicia uma perseguição a Michael e à sua mulher Elizabeth, para os matar, mas sem sucesso.

Michael segue o seu raciocínio de que é demasiada coincidência o assassino saber do seu suposto encontro secreto com Malik. Acaba, então, por descobrir que Mónica Tyler, a sua superiora na CIA, passava informações a Mitchell Elliott, com quem tinha uma relação, e que fora ele quem contratara o assassino.

Quando ambos os traidores da CIA são presos, Jean Paul Delaroche foge para uma ilha na Grécia, onde compra uma vivenda junto ao mar.

Recomendação/opinião

Eu aconselharia esta obra, pois trata-se de uma obra policial com um tema atual, que reflete a sociedade global nos dias de hoje, na qual acontecem inúmeros atentados terroristas. Recomendaria este livro, também, pela mensagem que nos é transmitida, através da leitura da obra. Aprendi que devemos sempre "ter os nossos amigos por perto e os nossos inimigos ainda mais perto", ou seja, o melhor é prestar atenção a quem nos rodeia. Há sempre alguém que finge ser nosso amigo(a), com a finalidade de nos fazer mal. Tal como sucede no livro. Mónica Tyler conhecia Michael e davam-se bem. Mas isso não a impediu nem de trair a confiança de Michael, mesmo sendo ela uma superior na CIA, nem de passar informações a Mitchell Elliott, um agente corrupto, que não olhava a meios para atingir os seus fins.



João Pedro Varela, nº13, 9ºH
Exposição Educação Visual/ Biblioteca ESPL

**Texto 9: A RAPARIGA QUE ROUBAVA LIVROS de MARKUS ZUSAK, Inês
Morais, nº12, 9ºH
Data de edição: fevereiro 2014**

Nota bibliográfica

Markus Frank Zusak nasceu a 23 de julho de 1975, em Sidney, na Austrália. É um escritor australiano famoso pelo seu best-seller *A Rapariga Que Roubava Livros*, o qual ganhou inúmeros prémios na Austrália e atingiu os tops de vendas de diversos países. Filho de mãe alemã e pai austríaco, Zusak sempre teve muito contacto com as memórias da Segunda Guerra Mundial. É autor de cinco livros e recebeu ainda prémios de honra de vários países.

Reconto/Síntese

A história deste livro é acerca de Liesel e passa-se em plena Segunda Guerra Mundial, na Alemanha. A narradora, a morte, apresenta-se e começa de imediato a falar sobre a rapariga e o seu irmão, Werner, que seguiam num comboio com destino a Molching, mas Werner morre a meio. Quando é enterrado, um dos coveiros perde um livro e é aí que começa a saga da rapariga, que roubava livros.

Quando chega a Molching, conhece a família de adoção, Hans e Rosa Hubermann, pois, como a mãe era comunista, não podia tomar conta dos filhos. Conhece ainda os vizinhos e faz novos amigos, Rudy Steiner, Ilsa Hermann. Rudy acompanha-a nas brincadeiras e nos seus vários furtos.

Pelo Natal, Liesel recebe dois livros dos pais, que, mais tarde, lerá a Max, um pugilista judeu, que se esconde na cave dos Hubermann, para sobreviver. Após uma zanga com Ilsa Hermann, começa a roubar livros da biblioteca da mulher do presidente, que já antes a tinha visto a roubar. Durante o tempo em que Max esteve na cave dos Hubermann, este escreveu dois livros, dedicados a Liesel.

Mal começaram os ataques aéreos, principiaram também as longas filas de judeus, que se encaminhavam para os campos de concentração. Hans foi apanhado a ajudar um judeu e, por isso, foi recrutado para a LDS, uma companhia integrante do partido NAZI, que estava encarregue de limpar cadáveres e destroços da guerra.

Liesel volta a ficar amiga de Ilsa Hermann e promete-lhe que não rouba mais livros da sua biblioteca. Ilsa oferece-lhe um caderno, para Liesel escrever a história da sua vida. Após alguns meses, Hans regressa, devido a um acidente de trabalho.

Uma noite, em que Liesel selecionara como título do seu livro, *A Rapariga Que Roubava Livros*, a rua Himmel foi atingida por uma bomba. Apenas Liesel sobreviveu. Finalmente, a morte, descreve-nos Liesel, no final da sua vida.

Recomendação/opinião

Eu aconselharia a leitura desta obra a todos, porque retrata a vida das pessoas, durante a Segunda Guerra Mundial, como é o caso de Liesel, que se mudou para a Rua Himmel e viu e viveu momentos de grande desespero, num regime de ditadura. A obra proporciona leitura fácil e acessível, pois, apesar de algumas palavras em alemão, estão todas traduzidas e podemos aprender algumas expressões, bem como a frieza de outras. Na globalidade, sobressaem dois aspetos: Liesel, apesar de ter crescido depressa, não pôde disfrutar plenamente de uma infância, como aquela a que nós estamos habituados; mas, por outro lado, tudo isso preparou-a para as desgraças que, mais tarde, viria a enfrentar. A sua história faz com que nos coloquemos no seu lugar, em situações atuais.

**Texto 10: A MINHA PAIXÃO PELA LEITURA, José Pedro Moreira, nº15, 8ºB
Data de edição: março 2014**

Tudo começou na minha infância, quando os meus pais me começaram a contar pequenas histórias, como "A Branca de Neve e os Sete Anões", "A Cinderela" ou "O Corcunda de Notre-Dame".

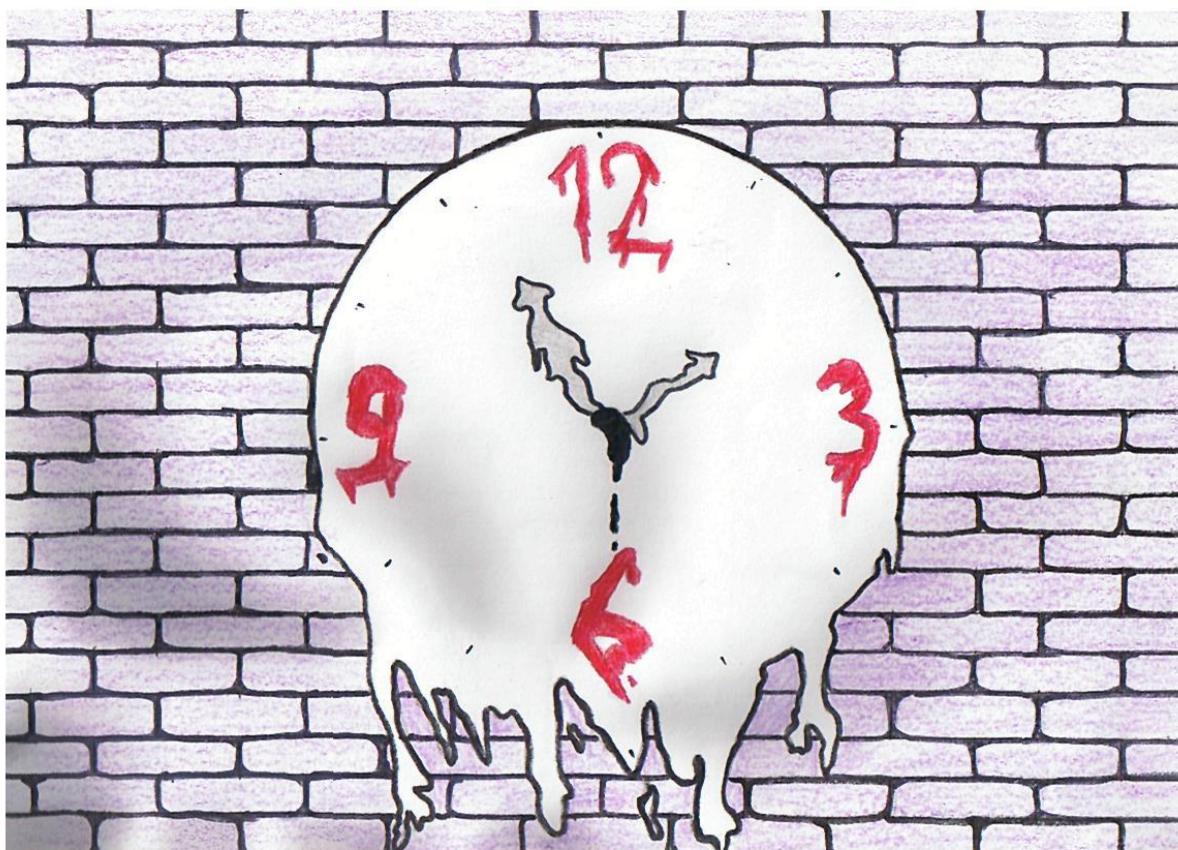
Quando aprendi a ler, aos seis anos, apercebi-me de que adorava essa atividade. Todos os dias, antes de me deitar, lia um pequeno conto. À medida que

fui crescendo, o interesse foi aumentando, os temas diversificando e maior o tempo dedicado à leitura. Hoje, sempre que posso, pego num livro e leio-o, com agrado.

A coleção que mais me marcou foi "Harry Potter ", de J.K.Rowling. Toda a gente ficava admirada com um miúdo de nove anos que passava as tardes a ler livros. Eu, sinceramente, adorei e fiquei bastante triste por me despedir de todas as personagens, às quais dediquei tanto tempo. Também apreciei muitíssimo " O rapaz do pijama às riscas ", de John Boyne, porque fiquei emocionado.

No entanto, o meu livro preferido é "Os Jogos da Fome ", de Susanne Collins, porque considero o enredo e as personagens muito entusiasmantes.

Em suma, gosto muito de livros e tenho uma " pequena biblioteca ", em casa.



Carolina Biscaia, nº4, 9ºH
Exposição Educação Visual/ Biblioteca ESPL, março 2014

Exposição dos trabalhos de ilustração de excertos da obra "A Sentinela" de Richard Zimler, no âmbito da vinda do escritor à escola. Esta atividade realizou-se em março, na Semana da Leitura na ESPL, e foi uma parceria entre a Biblioteca Escolar e as professoras Anabela Paiva e Graças Gama. Estes trabalhos ilustraram a sessão "À conversa com..." o escritor, que incluiu, igualmente, a dramatização de um excerto da referida obra, da responsabilidade do Grupo de Expressão Livre (GEL), dinamizado pelas professoras Celeste Pessoa e Mª Assunção Tavares.

Texto 11: CULTURA E LIBERDADE, Tiago Veloso, nº21, 3ºA
Data de edição: fevereiro 2014

Sou Gil na barca do Inferno,
Quando o auto sai de cena.
Sou cravo em 74,
Porque sei que vale a pena.

Cultura e liberdade
pensam ser coisa pequena;
recordo com nostalgia
Grândola vila morena.

Devagar se vai ao longe e
quem espera sempre alcança.
Só dobrou o cabo quem
manteve essa esperança.

Guardo feitos na memória,
enquanto ela me deixar:
Camões, Pessoa, Saramago e
hoje felizmente há luar.

Preciso e conciso,
como uma rosa-dos-ventos,
escrevo o meu memorial
nas paredes de um convento.

Texto 12: VIAJAR ATRAVÉS DA IMAGINAÇÃO, Lígia Caldeira, nº22, 10ºE
Data de edição: março 2013

Na atualidade, viajar pode ser um luxo inacessível para muitas pessoas. Todavia, é fácil e encantador viajar através da nossa imaginação.

É possível viajar através dos livros. Podemos imaginar as situações que lemos, através das descrições pormenorizadas do narrador, sobre pessoas e paisagens. Por exemplo, visualizamos os monumentos de Florença e Paris, ou até mesmo pequenas aldeias, perdidas nas montanhas.

Muitos jovens sonham com lugares que observam na televisão, em filmes e em documentários. Às vezes, num filme, surgem cenários deslumbrantes, que nos fazem sonhar, com praias de areia fina e águas cristalinas azuis-esverdeadas.

É certo que viajar através da imaginação não é real. Contudo, podemos viver outros locais, no nosso pensamento. Quem sabe se, um dia, não se tornarão realidade!

Texto 13: ARTE, Pedro Pinto, nº25, 8ºF
Data de edição: março 2014

Atualmente, a arte tem sido substituída pelas novas tecnologias, mas mesmo assim não foi esquecida. Mas, o que será que a arte nos traz?

Em primeiro lugar, a arte pode ser um prazer e um refúgio, que nos pode fazer esquecer todos os que nos rodeiam, o que acontece no "Retrato Oval". Além disso, pode apresentar-nos o mundo como perfeito, o que não é verdade, como acontece na "Fuga de Wang-Fô", em que o imperador cresceu a observar os belos quadros de Wang-Fô, o que o fez acreditar que a vida era perfeita, mas quando viu a realidade não a aceitou, pois não era essa realidade que ele tinha sonhado.

No entanto, a arte ensina-nos como viver a vida, por exemplo, sem ganância, como se verifica no conto "O tesouro", e também pode afastar-nos das tristezas do mundo real, nem que seja por uns minutinhos, como se pode observar na magnífica obra *A rapariga que roubava livros*.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

5. TEMPO DE POESIA

O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** continua a nova secção, inaugurada em 2010, tempo de poesia. Porque a poesia é a árvore da vida, feita de palavras e de versos, de nuvens e de sonhos, de interrogação e de desespero, cristalizadas em sílabas que interrogam, revelam, permanecem.

Os nossos jovens poetas cantam, no ritmo cadenciado das suas palavras, a vida e o amor, em vislumbre da vida que se contempla do alto da frescura da juventude, feita de porquês e de angústias, mas também de calma contemplação e de serena alegria...

Texto 1: O INFANTE, Inês Lobão, nº10, 12ºD
Data de edição: novembro 2013

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!



in "Mensagem"

Análise do poema "O Infante" de Fernando Pessoa em articulação com a pintura "O Infante" de Carlos Alberto Santos.

Este poema da autoria de Fernando Pessoa integra-se na segunda parte da obra "Mensagem", que se designa "Mar Português". Formalmente é constituído por três quadras e o tipo de rima é cruzado, consoante, rica e pobre.

O primeiro verso apresenta-se em ritmo ternário: "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce". Os três sujeitos referidos neste verso dependem mutuamente das suas ações realizadas pois sem o primeiro, o segundo não sonharia e o terceiro não podia nascer. Aí se desenvolve a ideia de que o homem sonha e é o agente da vontade divina.

No poema, esse homem animado por um projeto divino é o Infante. Ele é o herói navegante em busca do caminho da imortalidade, cumprindo um dever individual: a realização terrestre de uma missão transcendente. E, por outro lado, ele é também o herói em busca de um caminho de universalidade. Daí o uso do artigo definido em "O Infante" e "o homem", com um valor universalizante. Mais do que a identificação do Infante com o homem em geral, ele é o escolhido por Deus para a realização do Seu projeto. Isto empresta-lhe um carácter divino, ele é um iniciado, aquele que sonha, o que tem a visão e, por isso, foi "desvendando a espuma". E, sendo português, a sua escolha para desempenhar esta missão, é a divinização do homem português. A obra corresponde à revelação: "E viu-se a terra inteira, de repente, / Surgir, redonda, do azul profundo".

O terceiro momento corresponde à conclusão do poema e obedece a um esquema semelhante ao do primeiro verso: o sonho cumpriu-se, desfez-se e deu lugar a um novo sonho. O sonho cumprido ("Cumpru-se o Mar") corresponde à tese, o sonho desfeito ("O Império se desfez") seria a antítese, e o novo sonho constituiria a síntese ("Cumprir-se Portugal"). Este esquema cíclico impõe o nascimento de um outro sonho ("Cumprir-se Portugal!"), mas tal só acontecerá se o "Senhor" corresponder ao apelo que, em frase exclamativa e em forma de vocativo, lhe é feito no último verso: "Senhor, falta cumprir-se Portugal!". Portanto, mais uma vez, a vontade de Deus, como no primeiro verso, é um requisito inicial e indispensável.

Esta conclusão é, no fundo, uma invocação a Deus para que queira de novo e desencadeie um novo ciclo. Seria um voltar ao princípio: uma nova vontade divina, um novo sonho e uma nova ação.

Este poema, como praticamente todos os da *Mensagem*, é caracterizado pela sua ambiguidade e pela exploração do valor simbólico de certas palavras. Por outro lado, palavras como "espuma" e formas verbais como "desvendando" sugerem-nos o mistério, o véu, a névoa que se descobre, a venda que se levanta, o segredo que se revela, que é visível na imagem, através dos brancos do fundo que difundem com a cor azulada do céu.

E o tirar ou levantar a venda provoca o clarear, sugestivo de luz, revelação, conhecimento que estão presentes nas cores amarelas e alaranjadas ao lado esquerdo do infante, mas também na forma circular que simboliza a Terra como algo divino e também de onde provem todo o conhecimento. "O azul profundo" do mar e o escuro são o que o homem até ao momento desconhecia e que ainda desconhece. Também "sinal" e "mar" assumem o valor de símbolos. O mar é traço de união de ilhas e continentes: "Deus quis que o mar unisse, já não separasse".

A Caravela presente na pintura representa a "orla branca" mencionada no poema. Esta foi o meio que permitiu a concretização física do sonho do homem. Sem ela não teria sido possível o realizar de um desejo de mais conhecimento e uma maior descoberta do mundo.

Por fim, a personagem de destaque não só no poema mas também na pintura, o "Infante" D. Henrique é o símbolo do homem universal, herói que realizou um sonho que era vontade de Deus. Acentua-se a divinização do herói, que é o eleito de Deus, um iniciado, que é dada pela forma como está representada, uma figura imponente, de respeito e de autoridade mas também uma figura heroica e até divina, pois este foi o eleito por Deus, ou seja um ser superior. Foi graças às ideias desta grande figura que marcou não só a História de Portugal mas também a História Mundial, que Portugal passou para a frente tornando-se uma potência mundial e saindo da "sombra" dos outros reinos. Este despertar deu origem a um Portugal mais confiante e independente, características estas que estão presentes na personagem desta pintura.

Texto 2: ESTA ESPÉCIE DE LOUCURA, Jéssica Quirino, nº 11, 12º D
Data de edição: janeiro 2014

Esta espécie de loucura
Que é pouco chamar talento
E que brilha em mim, na escura
Confusão do pensamento

Não me traz felicidade;
Porque, enfim, sempre haverá
Sol ou sombra na cidade
Mas em mim não sei o que há

Fernando Pessoa, in "Cancioneiro



O poema é constituído por duas quadras cujos versos são redondilhas maiores e a rima cruzada, sendo rica em "a" e pobre em "b", "c" e "d".

Escolhi este poema, pois leva-me a pensar na loucura do Homem, na loucura da mente de um jovem, de um adolescente, que não possui limites quando sonha. Mas a mente, pode também entrar em conflito, que se reflete em sentimentos como medo, tristeza, depressão e até chegar à loucura, como diz Pessoa neste poema: "confusão do pensamento".

A 'loucura' é o estado de espírito mais profundo neste poema, perturbando o sujeito poético, criando-lhe uma inquietação constante.

Muitas vezes entramos em conflitos com os desejos ou com o rumo da vida. É nesses momentos que se deve parar, refletir e analisar os atos, para então se seguir em frente. Cada um deve ser o seu próprio terapeuta e tocar no que vai no interior da alma, abrir o coração e seguir o seu próprio caminho sem temer, sem olhar para trás, para entender o que há dentro de cada um.

O sujeito poético considera a sua loucura um talento, pois é através dessa loucura (confusão do pensamento) que escreve e brilha, mostrando-o "(...) sempre haverá/ Sol ou sombra na cidade" – o sol pode ser entendido como a felicidade e a sombra como a infelicidade, porque tanto há momentos felizes como infelizes.

Mas Pessoa é infeliz porque é consciente, porque a razão tem sempre um maior peso que o coração, um pouco como acontece com todos nós, quando nos sentimos sem rumo, o que nos leva a pensar, a tomar consciência tal como Fernando Pessoa.

Na imagem, vê-se uma figura humana com uma mão na cabeça e mal se vê a cara devido à escuridão. Associei esta imagem ao poema, porque nela podemos ver perfeitamente a "sombra" que Pessoa referiu, a tal infelicidade, "confusão do pensamento". A figura humana está a pensar, demonstrando uma certa inquietação, reveladora de um desespero, que por vezes, pode levar a uma "espécie de loucura".

Texto 3: AVALON, O CAVALEIRO, Nuno Giesta, nº12, 9ºG
Data de edição: janeiro 2014

Numa noite
de bruma negra
veio um barco atracar
numa praia da ilha encantada
onde a grande espada descansa.
Desse barco saíram
dois cavaleiros.
Um deles vestido nobremente ,
de armadura reluzente
no seu fiel cavalo,

outro vestido de capa negra
sem armadura nem escudo,
só uma espada empunhava.
Humildemente ajudou
mais duas senhoras a sair do barco
Seguindo-se as suas montadas
uma de arco bem formado e setas encantadas
outra de bastão encantado de punhal no cinto
as duas damas de vestido e montadas em seus hipocampos.
O jovem rapaz de capa negra
montou junto com a jovem feiticeira
guiando assim o hipocampo à frente de todos
pelo caminho de terra
até chegarem ao castelo
guardado por um dragão sábio
A reação dele foi logo
dar um sinal para ficarem lá fora.
Ele avançou sozinho
deixando os outros para trás.
O sábio dragão não atacou
ele calmamente foi ter com o dragão
tocou-lhe no focinho.
Ele sentiu um calor percorrer-lhe o corpo
de seguida, ele dirigiu-se
a levitar
para uma pedra elevada no ar
onde a *Excalibur* repousava.
Retirou a nobre espada
Despertando-a subitamente
do seu sono de décadas.
A linguagem dos dragões
logo percebeu.
De lá saiu com uma montada
um dragão com armadura, escudo e espada
logo, de seguida, saiu da amável gruta
indo ter com seus companheiros
que pacientemente esperaram.
Uns piratas os abordaram
e sem lhes explicar os atacaram.
O dragão sacou a espada
e com uma única rajada
mandou todos os piratas ao chão.
Sem mais demoras,
logo o jovem de capa negra montou sua montada,
caminhando em forma triangular
com a jovem maga no meio.
Chegando ao navio certificaram-se
que a sua amiga e o seu tigre ainda estavam lá.
Partiram então para alto mar
sempre a deambular
até um novo propósito encontrar.

Texto 4: HISTÓRIA DE UM JOVEM CAVALEIRO, Nuno Giesta nº12, 9ºG
Data de edição: janeiro 2014

Era uma vez um jovem cavaleiro

de capa negra e espada
 que andava de lugar em lugar
 pronto para ajudar.
 Até que, certo dia,
 quando em cima de uma árvore
 oculto descansava,
 avistou um cavaleiro,
 armadura reluzente vestia
 e assim protegia uma donzela
 que batão e adaga empunhavam
 e assim se debatiam
 com um exército de homens
 e demónios de sangue,
 logo ele saltou do seu repouso
 e correu em socorro dos dois lutadores.
 Com um simples corte de espada do ar
 que o jovem empunhava
 matou metade do exército de demónios de sangue e
 logo o exército atacante
 pensou em utilizar o modo de ataque retirada?!!
 Logo, de seguida,
 ele perguntou se os dois estavam bem
 a donzela logo se apresentou
 como imperatriz da magia.

Texto 5: ALUNOS DA VIDA, Alba González, nº 1 , 9ºF
Data de edição: janeiro 2014

Aluno não é só...
 aquele que vai a escola.
 Todos somos alunos,
 todos os dias.

Cada dia um objetivo.
 Cada minuto um desafio.
 Para chegar e alcançar...
 o nosso caminho.

Caminhada interminável,
 que passo a passo...
 nos guia para o futuro.

Tal como Sísifo,
 não podemos descansar,
 até o nosso propósito alcançar,
 por mais difícil que seja caminhar.

Enganar-se é errar.
 Mas com os erros é que se aprende
 de novo, a caminhar.
 Recomeçar é seguir...
 até ao destino.

É aprender...
 Continuar...
 A História do Ensino.

Texto 6: AZUL, Afonso Andrade, 4º ano EB1JI Araújo
Data de edição: janeiro 2014

Azul, a cor da beleza,
 que tem a natureza.
 Ao pensar no mar
 Vejo a luz do luar.

No horizonte
 aprecio uma fonte,
 muito bela.
 Com um cheirinho a canela.

Azul, azul uma cor com imaginação
 Que me dá muita paixão.
 No mar, vejo uma paisagem
 Com uma grande imagem.

Textos 7: A SOLIDARIEDADE É, Alunos do 7º E
Data de edição: novembro 2013

Ajudar quem precisa. (Afonso Vidal e Joana Vale)
... partilhar com o próximo. (Fábio Lindo)
... dar aos que mais necessitam. (Glória Salzedas)
... ajudar as pessoas mais carenciadas. (Nádia Marques, Tiago Ferreira, Marta Silva e Beatriz Araújo)
... um ato de bondade que ajuda o próximo. (Maria João Rocha)
... um ato de bondade que deveria ser praticado por toda a gente. (Ana Catarina Carvalho)
... poder dizer que fizemos algo para o bem de alguém que necessite sem pedir nada em troca. (Diogo Vieira)
... ajudar quem mais precisa, sendo generoso. (Rita Pedreira)
... ajudar para mais tarde ser ajudado. (Diogo Faria, Maria Inês Simões)
... algo que poucos fazem mas muitos precisam. (Diogo Silva)
... ajudar quem não tem e quem precisa, pois mais tarde podemos ser nós. (Andreia Pinto)
... o ato de dar e receber. (Pedro Carvalho)
A solidariedade ajuda quem mais precisa, muita gente quer comer comida e não os restos do caixote do lixo. Devemos ajudar quem mais precisa. (Leonor Teixeira)
Ao contribuir com um euro já está a ajudar a luta contra a fome, ajude os mais necessitados. (Luís Costa)
Ajude-nos a ajudar pessoas que não comem há dias. (Rúben Gomes)
Ajuda e sê feliz. (Hugo Sousa)
Sê solidário, ajuda quem precisa e vive aliviado por fazeres alguém feliz. (Francisco Sousa)

Textos 8: 2 POEMAS, Nuno Giesta, nº12, 9ºG
Data de edição: janeiro 2014

O controlo descontrolado

A controlar as pessoas eu as faço correr
como setas a apontar
eu marco o tempo da ópera, da canção.
Quando me atraso, as pessoas reclamam,
Quando estou adiantado as pessoas reclamam
Assim, o miúdo travesso faz as pessoas reclamarem

A fuga do pesadelo

Nesta noite sombria
vê-se a lua a brilhar
ouve-se um sussurro mudo no ar
vêm-se amores esquecidos
banhando-se ao luar
no seu vermelho universal
estendidos no chão da rua.
Agora olho para cima
vejo um vulto ao luar
dou um passo em frente
sinto as mãos viscosas.

Olho para as minhas mãos,
estão vermelhas.
Assim eu me apercebo
de onde estou.
Fecho os olhos,
Abro-os e à minha frente
aparece uma porta,
rodo a maçaneta,
passo pela porta
E estou no meu quarto.

Texto 9: NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO, Filipa Dias, nº 8, 12º D
Data de edição: janeiro 2014

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem,
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo.
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: "Fui eu?"
Deus sabe, porque o escreveu.



Fernando Pessoa Ortónimo

O poema intitula-se "Não sei quantas almas tenho", de Fernando Pessoa ortónimo e é constituído por três oitavas.

Ao longo das estrofes, o sujeito poético faz uma reflexão sobre si próprio, tentando responder à questão **"Quem sou eu?"** e refletindo sobre a sua multiplicidade.

A primeira estrofe do poema corresponde a uma introdução ao tema onde, através dos versos **"Cada momento mudei/Continuamente me estranho"**, o eu lírico demonstra uma grande instabilidade na sua vida, resultante da constante troca entre ortónimo e heterónimos, o que faz com que já nem se reconheça a si próprio nem àquilo que escreve.

No terceiro verso, o advérbio de modo **"continuamente"** indica uma alternância temporal entre o presente e o passado, reforçando o sentimento de instabilidade do eu lírico. **"De tanto ser, só tenho alma"** reforça a tristeza do sujeito poético em não ter vida, apenas alma, pois toda a vida foi pensada e racionalizada em demasia, o que o impossibilitou de sentir emoções genuínas e puras. Assim, lamenta as desvantagens dessa extrema racionalização, referindo **"Quem tem alma não tem calma"** pois quem pensa nunca tem paz, sendo impossível a relação entre pensar/ racionalizar e sentir/viver.

Ainda na primeira estrofe, o sujeito poético escreve, inicialmente, na primeira pessoa do singular, referindo-se a ele mesmo mas, nos últimos versos, já escreve na terceira pessoa do singular, generalizando o tema, que se reforça pela anáfora **"quem"**.

"Torno-me eles e não eu" é já uma referência óbvia aos heterónimos, que vivem a própria vida do sujeito poético e fazem-no perder a sua identidade, logo **"cada meu sonho ou desejo/É do que nasce e não meu"**. No quinto e sexto versos desta estrofe, o sujeito lírico admite que é um espectador da sua própria vida, caracterizando-se

numa tripla adjetivação **“diverso, móbil e só”** que corresponde exatamente à sua multiplicidade, ao seu ser inconstante e à solidão que sente.

Na última estrofe, o conector **“por isso”** assume uma ideia explicativa/conclusiva em relação às estrofes anteriores, contendo uma comparação que explica que o sujeito poético define a vida como um livro, cuja racionalização extrema foi reduzida à escrita.

“O que segue não prevendo/O que passou a esquecer” demonstra a inexistência de um passado e de um futuro na vida do “eu”, ou pelo menos o desejo de que eles não existissem. Nos versos seguintes, o sujeito poético põe em dúvida o que viveu e sentiu, concluindo o poema com um desfecho lógico: o eu lírico não passa de um espectador da sua vida e, respondendo à sua própria interrogação retórica, o sujeito poético afirma que alguém, superior a si próprio, comanda a sua vida.

A imagem que escolhi é de autor desconhecido e contém, em primeiro plano, uma espécie de escada com duas figuras de costas voltadas uma para a outra e, em segundo plano, uma cara com expressão sóbria, contida, de um lado vermelha e do outro branca, numa espécie de nevoeiro.

Relacionei a imagem com este poema pelo facto de a própria imagem também criar uma certa reflexão para quem a observa. As duas figuras de costas voltadas que, no entanto, nunca se separam, relacionam-se com o facto do sujeito poético ser **“diverso, móbil e só”** logo, entende-se que constituem a sua multiplicidade, ou seja, são os seus heterónimos, que são diferentes dele, seguem diferentes caminhos, e lhe causam estranheza, como é verificado no verso **“continuamente me estranho”**. A escada, por sua vez, poderá simbolizar a vida real e a vida desejada pelo sujeito poético, ou seja: enquanto ele próprio (representado pela figura negra) não consegue viver em paz, por racionalizar demasiado a vida e viver triste e frustrado, “descendo a escada” em direcção a uma vida ainda mais angustiante; a outra parte do seu ser (figura branca), tenta alcançar a felicidade, “subindo a escada” numa tentativa talvez frustrada de mudar, de ter uma outra vida. Há então aqui um reforço das diferenças existentes entre o sujeito poético e os seus heterónimos, razão também pela qual o sujeito poético se multiplica e deixa de ser ele mesmo, como é visível no verso **“torno-me eles e não eu”**. Já a cara, por fim, em segundo plano, pode ser encarada de dois pontos de vista: relacionando-se com o facto do sujeito poético **“ser a sua própria paisagem e assistir à sua passagem”** logo, representará o próprio sujeito poético na versão de espectador, a assistir à vida que leva e angustiado por não ter a vida que deseja; ou, por outro lado, poderá também ser relacionada com os versos finais do poema **“Releio e digo: “Fui eu?/Deus sabe, porque o escreveu”**, representando a força superior que o eu lírico afirma que existe a comandar a sua vida.

Texto 10: QUEM SOU? Sara Anjos, nº24, 8ºE

Data de edição: novembro 2013

Quem sou?
Alguém que consegue
tocar nas estrelas?
Uma pessoa
com uma proliferação tremenda
de sonhos e fantasia?
Quem sou?
Um pássaro que voa
mesmo não tendo asas?
Alguém errante e selvagem
que não revela

o seu próprio ser?
Quem sou?
Filha e vítima descendente
desta guerra dúbia
à qual chamamos vida?
Quem sou?
O que sou?
...
Já sei!
Sou alguém!...

Texto 11: BARAFUSAMENTE CONFUSO, Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: fevereiro 2014

Como é que o futuro
pode ser um parente afastado
do passado?
Como é que o presente
precisa obrigatoriamente
de estar a um passo atrás
do futuro?
Não sei.
Apenas sei que não sei

o que o futuro nos espera,
mas também sei
que o futuro também não sabe
o que no passado aconteceu
e sei ainda
que nada do que estive
para aqui a dizer
sei.
Não sei...

Texto 12: LETRAS PROLÍFICAS, Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: fevereiro 2014

Quando as palavras
substituem o sorriso da nossa cara
e ficam molhadas
com a minha tristeza ...
Eu ponho-as num cabide,
que a minha imaginação teve o gosto de criar,
onde elas ficam
a secar
e mais tarde
chamam por mim.
Quando chamam,
eu percebo que elas
nem sempre foram minhas
e que as suas rugas
traidoras e adúlteras
me descarregam na alma
letras prolíficas
que me dizem:
"Chegou a hora de acreditar..."
Mas acreditar em quê?
Que os meus sonhos só serão
Realizados
Se eu me realizar primeiro.

Textos 13: SER SOLIDÁRIO, 9ºD e 9ºE
Data de edição: março 2014

Ser solidário é não olharmos, apenas, para o nosso umbigo. (Rita Duarte, nº3, 9ºD)

Hoje tu, amanhã eu. (Ana Teresa Santos, nº5, 9ºD)

Solidariedade é ajudar; é fazer aparecer um sol brilhante num dia cinzento. (Carolina Santos, nº9, 9ºD)

Ser solidário é ajudar os outros por pura bondade e não apenas para "ficar bem na fotografia". (Filipa Vieira, nº13, 9ºD)

Ser solidário é ter força de vontade para ajudar os outros, nem que seja, apenas, fazer sorrir. (Flávia Santos, nº15, 9ºD)

A solidariedade baseia-se no altruísmo; não é necessário receber para dar. (Hugo Pires, nº16, 9ºD)

Solidariedade é dar sem esperar receber. (Miguel Lopes, nº22, 9ºD)

Ser solidário é disponibilizar o pouco que temos aos que nada têm. (Sara Gonçalves, nº26, 9ºD)

Age localmente para mudares globalmente; sê solidário. (Ana Fernandes, nº2, 9ºE)

Quando se é solidário dá-se e recebe-se; dá-se amor e recebe-se um sorriso. (Ana Francisca, nº3, 9ºE)

Dá e tudo terás; O que tens não é só teu. (Ana Isabel, nº4, 9ºE)

Um simples gesto pode mudar o mundo. (Ana Rita Moutinho, nº6, 9ºE)

O melhor que o mundo tem é podermos ajudar quem mais precisa. (Diogo Teixeira, nº12, 9ºE)

Vamos todos ajudar: melhor que receber é dar. (João Esteves, nº18, 9ºE)

As pessoas loucas que pensam que podem mudar o mundo são as que o mudam. (Pedro Sousa, nº23, 9ºE)

Texto 14: PÁGINA EM BRANCO, João Gonçalves, nº13, 8ºE
Data de edição: dezembro 2013

O som da caneta a traçar
Enche-me o coração vazio.
Uma folha em branco
Enche-me a cabeça de sonhos
Impossíveis de concretizar.
Um livro antigo
Enche-me a alma de fantasia,
De histórias por contar.

A magia do que é simples
E a simplicidade da magia
Enchem-me o coração de ouro.
É esse coração de ouro
É ocupado pela magia do livro
Ainda por desfolhar.

Texto 15: FILHA DO OUTONO, João Gonçalves, nº13, 8ºE
Data de edição: janeiro 2014

Passageira das nuvens
Navegante do mar
Companheira do vento
E prima do sol...
Uma folha de outono
Caída de uma árvore
Viaja pelo infinito oceano
Numa jangada de palavras
Guiada pela vela da imaginação.

Mas sabotada pela mágoa
Da solidão,
Para terra foi levada
E acolhida pelos grande braços
De sua mãe,
Adornados por um imenso manto
De verdes e frescas folhas...
Adormeceu.

Texto 16: A MÚSICA, Sara Ribeiro, nº26, 8ºE
Data de edição: janeiro 2014

A música
é o olhar da poesia...
É onde os nossos pensamentos
podem ser libertados.

A música
é uma língua universal...
todos compreendem
as suas emoções.

Ela faz-nos ir ao céu
só com as asas da nossa imaginação
ou com uma escada de palavras
que nos penetra a alma
sem termos a opção de fugir
ao seu encanto.

Texto 17: DESPREDADOR..., Sara Pinho, nº23 e Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: dezembro 2013

Despredador...
...é aquele que
sabe o que é,
mas não sabe quem é.
É aquele que
é independente do seu passado,
mas dependente do seu presente
não se preocupando com
aquilo que era,
mas com o que escolhe ser.

Despredador
é aquele que
possui coração de felino,
alma secreta
e ego selvagem e determinante
transformando os seus objetivos
numa singela forma de vida.

Despredador
é ser, por vezes, a presa,
o cavaleiro andante de nós próprios...
É ser aquele
que tem sede de aventuras
que tem fome de ser guerreiro
destemido
e protetor do seu virgem interior.

Despredador
é ser conquistador
do seu coração
é ser contemplador do mesmo
nunca o deixando cair
na fístula da dor.

E que deste modo, todo o "Homem" se torne despredador dele mesmo...

Texto 18: ANTRACITE, Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: dezembro 2013

Às vezes,
Quando se ganha
Perde-se
E, por vezes,
Quando se perde
Ganha-se.
E ficamos a observar o que há à volta,
Mas vemos apenas coisas frívolas
Inquietas e vácuas
Escassas para as respostas
Que queremos descodificar.
Então, congelamos
No código exíguo, mas complicado

Do nosso tempo interior,
 Porque não sabemos ao certo
 Como atingir o nosso coração
 Já que este
 É o segredo mais profundo
 Do nosso próprio ser.
 E é nesse preciso momento
 Que uma paisagem antracite
 Nos atinge inesperadamente
 E porquê?!
 Porque não confiamos suficientemente
 Em nós mesmos
 Não damos valor àquilo
 Que há de mais bonito no mundo:
 O olhar do nosso ego.
 E assim
 Mesmo que seja sem querer
 Tornamo-lo insignificante
 E isso faz com que escondamos
 A chave para abrir os nossos sentimentos.
 Mas se limparmos
 A paisagem antracite
 E lhe dermos vida e cor
 Nós conseguimos decifrar
 O código do nosso tempo interior
 E entrar na melhor aventura
 Que alguma vez pisou
 No exterior da Terra:
 A Vida.

 E para prosseguirmos o nosso destino
 Basta recordar esta frase, de vez em quando:
 A vida é como a chuva
 Ou podemos abrigar-nos
 Ou simplesmente
 Podemos deixar-nos molhar...

Texto 19: PRESSÁGIO, Telmo Barros, nº29, 12ºB
Data de emissão: novembro 2013

O amor quando se revela,
 Não se sabe revelar.
 Sabe bem olhar p'ra ela,
 Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
 Não sabe o que há de dizer.
 Fala: parece que mente...
 Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,
 Se pudesse ouvir o olhar,

E se um olhar lhe bastasse
 P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
 Quem quer dizer quanto sente
 Fica sem alma nem fala,
 Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe
 O que não lhe ousou contar,
 Já não terei que falar-lhe
 Porque lhe estou a falar.

Fernando Pessoa - Obra Poética - Inéditas",

Esta imagem tem a capacidade de retratar o poema em toda a sua dimensão.

O sujeito poético surge na imagem como sendo o homem negro. O próprio espaço, noturno e desértico, enfatiza o amor nutrido pelo homem apaixonado pois é como se nada mais existisse além da pessoa amada e "Sabe bem olhar p'ra ela".

O receio e a dúvida que o sujeito poético expressa no poema é facilmente perceptível na imagem, a partir da forma insegura como o homem negro segura o que se depreende ser uma carta de amor para a outra personagem da imagem e pelo seu olhar, baixo e medroso. Este medo de se declarar à pessoa amada mantém-se constante em toda a extensão do poema.

A personagem feminina não tem qualquer noção da dimensão que ocupa no pensamento da pessoa apaixonada, como observamos pelo olhar da mulher de branco na imagem que se aparenta deslocada e sem se aperceber da presença do homem.

Existe ainda um pirilampo que ilumina o homem no meio de toda a escuridão e pode simbolizar a última esperança de que com aquela carta ou com o poema escrito consiga expressar a sua paixão à pessoa amada.



Texto 20: HÁ SEM DÚVIDA QUEM AME O INFINITO, Catarina Moreira, nº6, 12ºB

Data de edição: novembro 2013

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada -

Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque eu quero tudo, ou um pouco mais,
se puder ser,
Ou até se não puder ser...



Álvaro de Campos

O poema divide-se em duas estrofes, um terceto e uma quintilha; apresenta versos livres, e existe rima interpolada "infinito" (verso um) "finito" (verso cinco), "impossível" (verso dois) / "possível" (verso seis) e emparelhada "ser" (versos oito e nove). Existem recursos estilísticos tais como a anáfora nos versos cinco, seis e sete, através da repetição de "Há sem..." e "Porque eu", a hipérbole "...ou um pouco mais..." e a antítese "desejo o impossivelmente o possível", que focalizam a obsessão do sujeito poético em querer de forma intensa tudo e até mais, quer seja possível ou não, como revela a repetição anafórica "... se puder ser,/ ou até se não puder ser." A temática do poema envolve o desejo desmesurado do sujeito poético, na sua vontade de querer sem limites e talvez numa realidade que se afasta das suas vontades.

A imagem escolhida, uma fotografia em formato digital, possui um caráter subjetivo, pois a sua leitura não é clara. É uma fotografia retangular, com cores quentes que se acentuam mais na parte inferior da imagem e cores mais escuras/frias na parte superior.

As nuvens ao entardecer ocultam a realidade, assim como Álvaro de Campos a ensombra com os seus desejos e o seu movimento lento dessas mesmas nuvens expressa a exaltação constante de tudo querer. As cores quentes conjugam-se com o desejo latente no sujeito poético e as cores frias com a realidade que o impede de realizar impossíveis.

Texto 21: TEUS OLHOS ENTRISTECEM, Patrícia Costa, nº1, 12ºB
Data de edição: novembro 2013

"Teus Olhos Entristecem"
Teus olhos entristecem
Nem ouvem o que digo.
Dormem, sonham esquecem...
Não me ouves, e prossigo.

Digo o que já, de triste,
Te disse tanta vez...
Creio que nunca o ouviste
De tão tua que és.

Olhas-me de repente
De um distante impreciso

Com um olhar ausente.
Começas um sorriso.

Continuo a falar.
Continuas ouvindo
O que estás a pensar,
Já quase não sorrindo.

Até que neste ocioso
Sumir da tarde fútil,
Se esfolha silencioso
O teu sorriso inútil.

Fernando Pessoa, in "Cancioneiro"

O poema intitula-se "Teus Olhos Entristecem", de autoria de Fernando Pessoa ortónimo. Este poema tem como principal tema o amor, acompanhado da tristeza e da solidão do sujeito poético.

Relativamente à análise formal do poema, é constituído por cinco quadras que não têm regularidade métrica, possuem rima cruzada, como é visível em "entristecem" e "esquecem" e "digo" e "prossigo", relativamente à primeira estrofe, sendo também rimas pobres e consoantes, nesta mesma estrofe.

A imagem que escolhi, é de um quadro, intitulado "Sentimento de mulher", do ano de 2011, de autoria de Rafael Rocha, um pintor brasileiro de estilo figurativo, amante de cores fortes. Autointitula-se como um contador de histórias, um poeta que pinta. Na maioria dos seus quadros retrata, precisamente, mulheres à janela.

Este quadro faz lembrar as "bonecas namoradeiras", artesanato típico das Minas Gerais, Brasil. Quase sempre são vistas ornamentando peitoris de janelas e sacadas de varandas. Parecem olhar para o infinito, como se estivessem esperando o tempo passar e apresentam uma grande tristeza nos olhos, talvez porque o amor tardou, talvez porque nunca apareceu.

Em primeiro plano, está representada uma mulher debruçada numa janela, com a cabeça apoiada numa das mãos, enquanto a outra segura flores. A mulher tem uma expressão, no olhar, vaga, talvez triste, e uns lábios carnudos. Em segundo plano, é visível um espaço escuro que retrata o interior da casa. Nesta imagem predominam as cores fortes e quentes, características do pintor, nomeadamente o laranja da blusa e o vermelho do cabelo e dos lábios. Estão também presentes tonalidades mais frias, como o azul, na janela e no olhar da mulher.

A tristeza do olhar é referida logo no primeiro verso, sendo como um ponto fulcral do poema, tal como o é na imagem. Optei por dividir o poema em três partes diferentes.

A primeira parte é composta pela primeira e segunda estrofe. O sujeito poético tenta declarar o seu amor, mas não é bem-sucedido, pois o destinatário parece não ouvir, abstrai-se de tudo o que lhe é dito, como se o sujeito poético lhe fosse indiferente, tal como é visível na imagem pela posição da mulher, a cabeça apoiada na mão, como se estivesse distraída, a pensar noutras coisas, menos no que lhe é dito e também na sua expressão de aborrecimento.

A segunda parte é composta pela terceira e quarta estrofe. Na terceira estrofe, o sujeito poético refere que a mulher o olha, como se de repente ele tivesse chamado a sua atenção, e ela sorri, porém o seu olhar está ausente, o que significa que a sua atenção não está no sujeito poético, pois está abstraída de tudo o que ele lhe diz, não o ouve. No último verso da quarta estrofe, o sujeito poético refere que a mulher diminui a intensidade do seu sorriso, mostrando assim que não está interessada e que o amor do sujeito poético não é correspondido.

A terceira parte é composta pela quinta estrofe. O pintor, tal como o sujeito poético, fixam-se no olhar da mulher, pois tal como diz o adágio nacional "os olhos são o espelho da alma", ambos acreditam que esta é a parte mais verdadeira do corpo feminino. Isto está patente no último verso da última estrofe, em que o sujeito poético menospreza o sorriso dela, pois sorri apenas com a boca e não com o olhar.

É também importante realçar que as cores quentes e fortes, presentes na imagem, podem retratar a paixão do sujeito poético; e as cores frias, a própria frieza da mulher ao rejeitá-lo, especialmente porque é também no olhar que está presente uma cor fria, pois é precisamente nele que é transmitido o desinteresse e a indiferença da mulher para com o sujeito poético.



Texto 22: O MISTÉRIO ANDANTE DA PAIXÃO, Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: dezembro 2013

Há uma avena no espelho...
 Eu tento consertá-la,
 Mas não consigo.
 Então,
 Aquele vidro que me reflete
 Parte-se
 Desmorona-se ao pé dos meus joelhos
 E uma lágrima proibida
 Deixa-se escorregar
 Tropeçando
 E caindo num pedaço de vidro.
 O mesmo cria uma abertura
 Por onde sai ar em movimento.

É o vento, com certeza,
Mas como saiu ele de lá?
Por curiosidade, talvez,
Ou por amor incondicional?

Pego num bocado de espelho
Encosto-o ao peito
E sinto uma telepatia
Entre ele
E o meu coração...
E nesse instante começo a juntar as peças
Do puzzle da minha vida.
O espelho
É uma muralha
Entre mim
E a minha beleza interior.
(...)
O vento é a curiosidade dessa paixão
Em ver o meu exterior
Viajar até à minha beleza íntima
E descobrir a profusão peculiar
Que existe dentro de mim.
E é desse modo
Que eu deixo cair o meu coração
E a paixão entrega-mo de novo,
De mãos dadas,
Como um mistério andante
Que chama por mim...

Texto 23: POEMA DE NATAL, Sara Pinho, nº23 e Sara Anjos, nº24, 8ºE
Data de edição: dezembro 2013

Numa certa época do ano
Cheia de luz e de esperança ...
Há uma certa proliferação de sonhos
Algo que nos aquece os corações...
Que nos dá o poder de tocar nas
estrelas

E de perdoar e amar!...
Descobrimos que, na verdade,
É do Natal que estamos a falar

Texto 24: NOITE DE NATAL, Sofia Ribeiro, nº2, 12ºC
Data de edição: dezembro 2013

Noite fria,
Aconchegada por um delirante amor.
Noite brilhante, em época iluminada,
Em constante e impaciente clamor,
Aproveitando cada palavra criada.

Noite branca, sob céu nublado,
Onde fria, a neve se espalha
silenciosamente,
Marcando a passagem de um fim
encontrado,
Atravessando cada sonho,
delicadamente.

Noite trabalhada em melodias
serenas,
Seguindo de perto esse perfeito
recital.
Imaginamos todo o ano esse
momento apenas,
Sendo simplesmente uma Noite de
Natal.

Texto 25: TENHO TANTO SENTIMENTO, Joana Lobão, nº13, 12ºB
Data de edição: novembro 2013

Tenho Tanto Sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,

E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;
E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.

Fernando Pessoa, in "Cancioneiro"



**Análise do poema "Tenho Tanto Sentimento" de Fernando Pessoa Ortónimo
e interação com a imagem "Remorsos ou Pessoa Misteriosa Embebida na Areia"
de Salvador Dalí**

O poema "Tenho Tanto Sentimento" de Fernando Pessoa Ortónimo é um poema tardio, datado de dezoito de setembro de mil novecentos e trinta e três, ano que, na vida do Ortónimo, é marcado por uma grande crise psíquica. Também é o ano posterior ao falhanço da sua candidatura a bibliotecário do museu Castro Guimarães, em Cascais, emprego que ele via como uma oportunidade para estabilizar a sua vida, fazendo com que este entre em desespero, mas num período de grande criatividade. A poesia do

Ortónimo é uma poesia maioritariamente racional, direta e este poema vem retratar o sentimento de Pessoa e a forma como ele reage.

Formalmente, é composto por três sextilhas, predominando as sete sílabas métricas, o que demonstra a regularidade métrica e estrófica, características de Fernando Pessoa Ortónimo. Quanto ao esquema rimático, deparamo-nos com rima interpolada em quase todo o poema à exceção de rima cruzada presente nos versos dois e quatro. Temos ainda presente rima rica, por exemplo nos versos três e seis, e rima pobre, nos versos um e cinco e, a nível fónico, a aliteração do som /t/, na primeira estrofe, e do som /v/, na segunda.

Na primeira estrofe, o sujeito poético julga ser um sentimental, ou seja, uma pessoa que se rege pelas emoções. Mas, no entanto (versos quatro, cinco e seis), essa conclusão acerca de si próprio é somente fruto do seu pensamento e não corresponde à realidade, pois ele é um ser racional.

Na segunda estrofe, o sujeito poético constata um facto: todos nós temos duas vidas, aquela que vivemos – (correspondente à realidade) – e aquela com que sonhamos, uma que imaginamos na nossa mente – (correspondente ao sonho). Então, desta forma, o sujeito poético transmite que a vida real oscila entre aquela que criamos na nossa mente e a que corresponde à realidade. Nunca chega a ser perfeita, como queremos que seja, daí a dicotomia sonho /realidade e sentir/pensar (vida vivida e vida pensada).

Na estrofe anterior, o “eu” lírico parece considerar que a vida vivida é a verdadeira e a pensada a errada. Mas nada é assim tão certo. Na realidade, este põe isso em causa ao dizer na terceira estrofe “Qual porém é a verdadeira/ E qual errada, ninguém/ Nos saberá explicar;”, ou seja, não há forma de saber se na verdade alcançamos o nosso destino ou não. Somente podemos aceitar a vida que temos, que é aquela que podemos analisar (pensar).

Segundo o sujeito poético, temos duas vidas: “*Uma vida que é vivida /E outra vida que é pensada*”. O quadro de Salvador Dali, um pintor espanhol da corrente artística Surrealismo, que viveu na primeira metade do século XX e foi conhecido pelas pinturas simbólicas que descrevem sonhos vindos do inconsciente, desde um simples sonho até ao mais macabro, reflete também a dualidade entre o real e o virtual. Intitula-se *Remorsos ou Pessoa Misteriosa Embebida na Areia* e pode associar-se a figura feminina com a mão na cabeça e a sua sombra, com o que o sujeito poético refere “Vida que é vivida” e “outra vida que é pensada”, respetivamente.

Estes dois elementos, que se encontram no primeiro plano da pintura, podem ser associados a estes, pois a figura feminina é um elemento que é real, não deformável, logo corresponde à vida vivida, e a sombra é uma projeção do corpo, que muitas vezes não corresponde à fisionomia, pois espelha somente a silhueta e, nem sempre, nas proporções reais. Esta é também de tom preto, o que leva a concluir que a vida pensada seria a ideal, a que o sujeito poético gostaria de viver e, como não a pode alcançar, esta está representada na imagem, através de uma cor escura.

O segundo plano da imagem pode subdividir-se em três partes: a primeira, onde predominam os tons mais escuros na parte inferior (preto e cinzento), associa-se à zona da vida que se vive; a segunda, à zona intermédia e a terceira à vida que é pensada, a ideal segundo o eu lírico. O sujeito poético (que na pintura pode ser representado pela figura feminina) encontra-se na segunda zona, a intermédia “E a única vida que temos/ É essa que é dividida / Entre a verdadeira e a errada”, ou seja, a vida que temos encontra-se entre aquela que vivemos e a que sonhamos. Na parte superior, a terceira parte, predominam cores mais vivas e que iluminam a pintura e, por associação com a vida pensada, a tal que seria ideal, será esta que mais se aproxima da felicidade, da realização para o sujeito poético.

Texto 26: VERSOS SOLTOS, Daniela Borges, nº 4 e Inês Silva, nº9, 10ºD
Data de edição: março 2014

Na imensa escuridão da noite,
Um braço meu te procura.
Através dos meus sonhos,
Eu via a tua figura.

O cheiro do teu perfume
Que pelo vento é levado,
Chamou-me a atenção
De um rapaz apaixonado.

No meio do deserto,
Na infinita imensidão,
Contigo ao meu lado,
Eu senti a tua mão.

Na imensidão do meu amor,
Um minuto do dia
É uma esperança infinita,
Que me enche de alegria.

Vindo de ti,
O brilho do teu olhar,
Ensinou-me a ver
O que é realmente amar.

Texto 27: VEM TER COMIGO, Mariana Magalhães, nº15, 10ºD
Data de edição: março 2014

Quero que venhas ter comigo
e digas: Sou teu!
Quero ser a tua Julieta
porque tu já és o meu Romeu

Palavras não chegam
para expressar o meu sentimento
para nós todo o amor do mundo
perdurará através do tempo

Quando os nossos olhares
se cruzam não existe mais ninguém
beija-me agora
sou tua e de mais ninguém

Texto 28: AMIZADE E AMOR, Olga Teixeira (mãe da Mariana Magalhães)
Data de edição: março 2014

Amizade é amor
amor que nunca morre nem desvanece
apesar de tudo o que se passa
em nós permanece

Nem o tempo me faz
parar de te amar
o quanto eu te adoro
é difícil de explicar

Ter muitos amigos
é ser comum
contigo sinto-me completa
Amigos como tu, só há um

Texto 29: NOS CONFINS, Rita Miranda, nº23, 9ºH
Data de edição: março 2014

Nos confins da minha morte,
Há um pouco de existência.
Um raio de sol brilhante,
Proveniente da minha essência
Que penetra na minha mente.

Os seus olhos eram de ouro,
Do quão reluzente que eram.
Lembravam o sol do Outono,
E a gélida neve do Inverno.

Anda, anda comigo,
Conhecer o desconhecido,
Navegar na minha alma,
Para eu não me sentir perdido.

Lembra-te das tardes esquecidas,
Que porém foram tardes de calor.
Restaram duas almas perdidas,
Fui eu e tu, meu amor.

Por entre as sombras da noite,
E as brilhantes luzes do dia,
Procuro o teu olhar errante,
E a saudade no meu peito não cabia.
Ando por aqui nesta vida,
Simplesmente a vaguear.
Não gosto do modo como foi vivida,
E dou por mim a chorar.

Mas quem diz o que é felicidade
E quem diz o que é tristeza
O que importa é viver a vida
Com amor e alguma leveza.

O céu está limpo,
A lua está lá no alto.
Nela vejo o reflexo dos teus olhos,
Enquanto tu da vida dás um salto.

LER MAIS e ESCREVER MELHOR

Um projeto com Léguas
para ler e escrever.
No Padrão.

6. ESCREVIVER ou VOZES DA COMUNIDADE

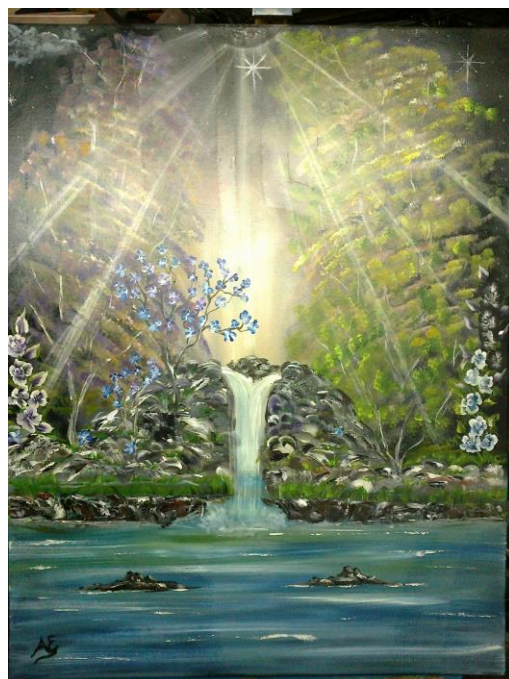
O projeto **Ler Mais e Escrever Melhor** constrói esta secção, Escreviver ou Vozes da Comunidade, não somente com as vozes dos alunos, mas com todas as vozes que fazem, e farão parte, da construção da nossa comunidade educativa de ontem e de hoje.

Não interessa o tipo de texto, prosa ou verso, tema ou assunto, língua materna ou língua estrangeira. Interessa sim a participação, o abrir de mundos particulares, reflexões de tempos de outrora ou de um porvir idealizado. Na voragem dos tempos, apenas as palavras importam e permanecem, são as palavras que nos ligam em comunidade, que nos fazem pensar e crescer, em partilha de leitura, em polifonia de vozes.

Texto 1: AMO A VIDA, António Estrela
Funcionário ESPL
Data de edição: fevereiro 2014

Amo demais a vida para chorar
Minhas emoções ultrapassam
O recurso das lágrimas...
O meu ego é altivo e não vai acobardar-se...
Vou caminhar com os dons
Em mim existentes
E adormecer sem medo de buscar...
Assim vou entrevendo aos poucos
A alegria e o prazer de amar.

Lembro-me tanto do entusiasmo
Da minha juventude!...
Acreditava em coisas
Que hoje me passam despercebidas...
Peneirava e escolhia as palavras
Que pudessem encantar os meus versos...
Hoje eles brotam do meu coração
E sinto a euforia de uma intensa emoção.



Textos 2: METODOLOGIA DE PLATÃO APLICADA EM SALA DE AULA, alunos de 11º ano e Maria Luísa Pacheco, Professora de Filosofia
Data de edição: fevereiro 2014

Inicialmente, procedeu-se à leitura da Alegoria da Caverna, de Platão. Os alunos teriam que realizar a análise concetual do texto e posteriormente foram desafiados a recolher dele as informações e mensagens do autor, traduzindo-as e transportando-as para as suas vivências. Este processo implicou selecionarem adequadamente problemas baseados em experiências pessoais e que se aplicassem claramente à situação-problema abordada por Platão, unindo de algum modo ambos, num processo de tradução. Mediante um guião de perguntas orientado, teriam de responder ao seguinte:

- 1. Que circunstâncias na vossa vida vos fazem sentir como se estivessem numa caverna?**
- 2. Que exemplos dariam, como forma de libertação?**
- 3. Com a disciplina de Filosofia aproximam-se do Mundo «dentro da caverna» ou ficam «fora da caverna»? Porquê?**

Dáí, resultou uma espécie de «arquivo de testemunhos» que me limitei a compilar e revelar, selecionando as melhores respostas, evitando eventuais repetições e respeitando o anonimato, no caso de alguém expressar esse desejo por escrito. Com esta tarefa, os meus «filósofos» compreenderam que a Filosofia, também ela é uma atitude, uma atividade e não apenas um saber e, sobretudo, jamais se assumindo como reflexão, de costas voltadas para a Vida.

Resposta 1 - Quando...

... não admito os meus erros, quando não aceito novas formas de pensar, mas apenas a minha.

... me escondem a verdade.

... a linguagem me limita e faltam palavras novas para expressar o que sinto.

... vejo os meus pais com problemas monetários e não posso fazer nada para ajudar.

... cometo um erro que sei que vai prejudicar alguém.

... me sinto sozinho, porque não tenho ninguém com quem partilhar as minhas emoções.

... desisto dos meus sonhos, por não saber ultrapassar obstáculos.

... os outros não valorizam o que faço por eles, depois de os ter ajudado.

... duvido das minhas capacidades e sinto um grande vazio por encontrar mais dúvidas que respostas.

... não percebo a matéria de algumas disciplinas e nada faço para ultrapassar a ignorância.

... familiares e amigos me magoam porque se esquecem de mim ou me ignoram.

... a minha consciência moral pesa porque fui injusta e tratei mal alguém que não merecia.

... não cumpro a palavra dada.

... não consigo expressar-me, de forma a que os outros entendam.

... não consigo tomar decisões sozinha.

... invadem a minha privacidade e nada faço.

... me encontro ao computador e não consigo fazer frente ao mundo virtual.

... desiludo os meus pais com classificações muito baixas.

... vejo injustiça e não sei como agir.

... sou orgulhosa e não gosto de dar parte de fraca.

... tenho de tomar decisões difíceis, porque me encontro num dilema moral.

... me sinto impotente em ajudar o meu avô que se encontra num estado de saúde grave.

... me sinto insegura por desvalorizarem a minha opinião; quando me subestimam.

... tento ajudar a minha mãe a ultrapassar a depressão e não consigo.

... tenho dúvidas e não pergunto por vergonha.

... me privam de aprender algo que gosto.

... me iludo a mim, próprio.

- ... dou o meu melhor na escola, em casa ou nos treinos, mas não é o suficiente.
- ... não consigo ultrapassar a minha timidez e evito socializar com os outros.
- ... não sabemos libertar-nos de alguém que amamos, mas que nos magoa e não nos merece.
- ... não deixo a minha família orgulhosa de mim.
- ... tenho medo de errar.
- ... quero apresentar o meu ponto de vista e não consigo, por falta de coragem.
- ... estou agarrada a preconceitos.
- ... evito saber e ter curiosidade.
- ... sou obrigado a ignorar os meus tios preferidos, por estes criarem contendas com os meus pais.
- ... tenho de me separar de alguém que vai viver para outra cidade e não posso impedir a sua partida.
- ... sou mal compreendido.
- ... sinto saudades do meu pai; quando vejo a mãe a chorar.
- ... não consigo fazer com que os outros percebam as minhas ideias, apesar de estarem corretas.
- ... vejo o meu pai a sofrer com um cancro e não posso evitar que isso aconteça.
- ... me sinto impossibilitado de concertar uma avaria do carro, por falta de conhecimentos de mecânica.
- ... sou obrigada a esconder sentimentos para me proteger.
- ... escondo o resultado de um teste; sinto-me preso a essa mentira.
- ... as pessoas me julgam mal, sem me conhecerem.
- ... tomam decisões por mim, sem me consultarem.
- ... se confia em quem nos engana.
- ... estou desatento nas aulas.

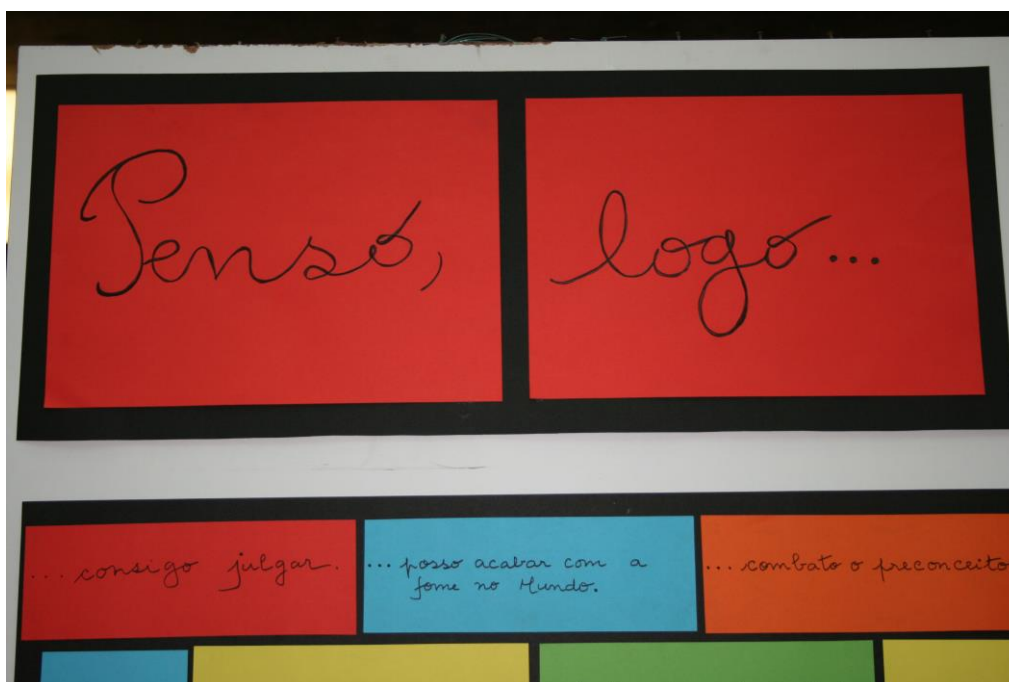
Resposta 2 - Quando...

- ... tenho atitudes positivas.
- ... faço voluntariado.
- ... o meu esforço serviu para ajudar alguém.
- ... vou à escola, aprender.
- ... resolvo os meus problemas pessoais; quando ouço música.
- ... consigo atingir os meus objetivos.
- ... consigo que a minha opinião seja ouvida e valorizada.
- ... consigo ultrapassar dificuldades em várias disciplinas.
- ... sou sincera comigo mesma.
- ... trabalho muito e obtenho bons resultados.
- ... perdoo.
- ... desistimos de um vício.
- ... enfrento os meus medos.
- ... consigo superar as minhas dificuldades acerca das matérias escolares.
- ... mudo os hábitos, no dia a dia para dominar a minha doença.
- ... aconselho bem alguém.
- ... aprendo coisas novas; quando sou eu mesma e não procuro ser outra pessoa para agradar aos outros.
- ... os outros sentem orgulho em mim porque fiz algo, por vontade própria.
- ... posso expressar-me através do teatro, criando diferentes personagens.
- ... concretizo os meus sonhos.
- ... encontro as palavras corretas para expressar exactamente o que sinto.
- ... sei que vou sofrer, mas mesmo assim, consigo ser direto, frontal e sincero.
- ... encontro alguém com quem partilhar os meus pontos de vista e que os respeita.
- ... abro a mente a novas ideias.
- ... consigo alcançar algo que desejava há muito tempo.
- ... fico esclarecido, ou esclareço alguém.
- ... ultrapasso inseguranças e desânimos e alcanço as minhas metas.
- ... enfrento os meus medos e me liberto da rotina.

- ... penso positivo e não desanimo nas situações piores da vida.
- ... ajo, com coragem e sem receio de represálias.
- ... questiono o óbvio e procuro ver mais além.
- ... desvendo a verdade.
- ... pratico uma boa ação.
- ... sei expressar o que quero através de bons argumentos.
- ... baixo as minhas defesas e confio verdadeiramente nas pessoas.
- ... procuro respostas para as minhas dúvidas.
- ... acredito e concretizo.
- ... testo as minhas capacidades.
- ... tenho a capacidade de aprender com os erros.
- ... não desiludo os meus pais.
- ... sou curioso e luto contra o conformismo.
- ... consigo ser autónomo e pensar por mim próprio.
- ... encaro os outros positivamente e sem preconceitos.
- ... confesso a alguém os meus sentimentos.
- ... me esforço por ser melhor pessoa.
- ... aprendo a refletir.
- ... desabafo algo, que me preocupa.
- ... admito os meus erros e peço desculpa por eles.
- ... percebo a matéria da aula.
- ... tenho dificuldades numa disciplina, mas consigo ultrapassá-las, graças ao esforço.
- ... exijo que respeitem o meu espaço, porque também respeito o espaço dos outros.
- ... me conheço a mim mesma.
- ... não deixo que me usem.
- ... me sinto verdadeiramente útil.
- ... sei dizer« não» a pessoas que me causam desconforto.

Resposta 3 - Com a disciplina de Filosofia: fora da caverna, porque...

- ... ajuda a libertar-me de dogmas e a questionar tudo.
- ... me permite meditar sobre aspetos que nunca tinha pensado antes.
- ... me permite alargar o conhecimento, destruir dogmas e preconceitos.
- ... me leva a questionar e a reformular as minhas ideias.
- ... aborda temas de carácter abstrato e me permite refletir acerca da realidade, de modo diferente.
- ... me ajuda a ter novas e variadas perspetivas sobre o mundo.
- ... me ajuda a desenvolver capacidades argumentativas e a ter um pensamento mais coerente.
- ... aprendo a ouvir, entender e respeitar a perspetiva de vários filósofos sobre o conhecimento e a ética.
- ... aprendi a ter espírito crítico e a analisar as minhas ideias de forma imparcial.
- ... através dela consigo adquirir uma visão diferente das situações, evitando o senso comum.
- ... contribui para que pense de forma independente.
- ... sou capaz de dar mais sentido a tudo o que me rodeia.
- ... aprendo a pensar de forma organizada.
- ... ensina-me a pensar de forma autónoma e radical.
- ... ajuda-me a pensar sobre o próprio pensar.
- ... posso expor as minhas ideias, dialogando com os outros, recorrendo a argumentos.
- ... me permite conhecer outros pontos de vista.
- ... me permite ver um problema de vários lados, variando as perspetivas.
- ... me ajuda a aplicar à minha vida certas soluções propostas por alguns filósofos.
- ... se alguém não se quer libertar não é a filosofia que o vai fazer; nós apenas aprendemos a fórmula.



Da Exposição do "Dia Internacional da Filosofia", novembro 2013



Da Comemoração do 25 de abril, Biblioteca ESPL, abril 2014

Textos 3: PENSO, LOGO, Alunos de 10º e 11º ano, Luísa Pacheco, Lúcia Reis, Ana Paula Sá
Professoras de Filosofia
Data de edição: janeiro 2014

Sou livre.
Aceito opiniões diferentes.
Poderei ser importante para a Humanidade.
Sei os meus limites.
Ouço as ideias dos outros.
Ultrapasso problemas.
Formulo desejos.
Posso evoluir.
Tento superar as minhas dificuldades.
Não sei se estou a pensar da maneira mais correta.
Evito conflitos.
Aceito que erro.
Intervenho.
Sou solidário.
Construo a minha felicidade.
Não me deixo manipular.
Adquiro conhecimentos.
Não consigo deixar de pensar.
Aprofundo as questões.
Evito a passividade.
Poderei acabar com a desigualdade.
Duvido dos meus conhecimentos.
Consigo ser autónomo.
Sou original.
Sou capaz.
Sou responsável pelos meus atos.
Descubro que não posso ser mero espectador.
Concretizo os meus sonhos.
Fundamento as minhas teses.
Melhoro o meu pensamento.
Consigo julgar.
Posso acabar com a fome no mundo.
Combato o preconceito.
Estou acordado no mundo.
Luto contra a impunidade.
Posso mudar de rumo.
«Olho uma ideia» de vários lados.
Ultrapasso obstáculos.
Tento ultrapassar o óbvio.
Escolho as minhas companhias.
Desenvolvo a minha imaginação.
Exprimo os meus sentimentos.
Cometo menos erros.
Lembro-me do que é importante.
Aprecio o que me rodeia.
Permuto ideias.
Posso mudar a maneira de pensar de outras pessoas.
Denuncio a violência doméstica.

Procuro o sentido para a minha existência.
Defendo o Interculturalismo.
Valorizo a Vida.
Combato a arrogância.
Transfiguro.
Aprendo a fruir.
Valoro.
Faço acontecer.
Evito a ambiguidade.
Faço aprendizagens.
Descubro a minha finitude.
Valoro o essencial.
Delibero.
Estabeleço laços.
Respeito as crianças.
Crio pontes.
Assumo compromissos.
Interajo com os outros.
Sou tolerante.
Denuncio o tráfico humano.
Não desanimo.
Defendo a privacidade.
Não discrimino.
Sou intelectualmente humilde.
Combato a anarquia.
Persigo ideais.
Pode acontecer mudar de ideias.
Luto contra o trabalho infantil.
Sou criador.
Respeito os idosos.
Crio o meu próprio caminho.
Exploro a minha mente.
Idealizo.
Vejo o mundo noutra perspetiva.
Não sou dogmático.
Construo o futuro.
Posso aprender.
Consigo alcançar os meus objetivos.
Aprofundo as respostas.
Expando o meu conhecimento.
Defendo os Direitos Humanos.
Distingo a realidade da aparência.
Defendo a liberdade de expressão.
Consigo dizer «não» ao que não me agrada.
Percebo que os meus direitos são simultaneamente deveres.
Posso refletir.
Revolto-me.
Transformo os meus dias.
Respeito o outro.

Procuro argumentos fortes.
 Mantenho o espírito jovem.
 Defendo a Paz.
 Motivo os outros.
 Defendo-me.
 Melhoro a minha hierarquia de valores.
 Seleciono informação relevante.
 Admito hipóteses.
 Luto pelo bem estar.
 Defendo uma Ética Mínima Mundial.
 Tomo as minhas próprias decisões.
 Sou coerente.

Não tiro conclusões precipitadas.
 Tenho um papel na sociedade.
 Valorizo a simplicidade.
 Questiono o que me rodeia.
 Não sou racista.
 Ultrapasso a vulgaridade.
 Posso fazer a diferença.
 Não deixo que pensem por mim.
 Persigo os meus sonhos.
 Esclareço as minhas dúvidas.
 Sei que nada dura para sempre.
 Partilho.
 Aceito novas ideias.

Textos 4: PENSO, LOGO, Alunos de 5º ano, Luísa Pacheco, Lúcia Reis e Casimiro Pinto
Professores de Filosofia
Data de edição: janeiro 2014

Penso, logo procuro respostas.
 Penso, logo sei o que há em mim.
 Penso, logo sou famosa.
 Penso, logo sou rico.
 Penso, logo penso.
 Penso, logo viajo.
 Penso, logo canto.
 Penso, tenho sentimentos.
 Penso, logo ajudo.
 Penso, logo procuro a melhor solução.
 Penso, logo venço.
 Penso, logo sou amigo.
 Penso, logo falo.
 Penso, logo crio arte.
 Penso, logo sou bonito.
 Penso, logo sou giro.
 Penso, logo encontro.
 Penso, logo sou criativo.
 Penso, logo sonho.
 Penso, logo quero!
 Penso, logo amo o silêncio!
 Penso, logo sou feliz!
 Penso, logo sou criança!
 Penso, logo sou real!
 Penso, logo canto!
 Penso, logo sou curiosa
 Penso, logo sou humana...
 Penso, logo sou genial.
 Penso, logo sou faladora.
 Penso, logo penso nos outros.
 Penso, logo sou original.
 Penso, logo procuro o pensamento.
 Penso, logo ajudo os outros.
 Penso, logo simpatizo.
 Penso, logo encontro perguntas.
 Penso, logo sou capaz.
 Penso, logo acredito.

Penso, logo sou único.
 Penso, logo gosto de pensar.
 Penso, logo sou radical.
 Penso, logo não sou mais que os outros.
 Penso, logo esforço-me.
 Penso, logo sou alegre...
 Penso, logo sou craque.
 Penso, logo sinto.
 Penso, logo serei sempre criança.
 Penso, logo sou gémeo.
 Penso, logo sou humano.
 Penso, logo existo.
 Penso, logo sou gémeo.
 Penso, logo sou ser humano.
 Penso, logo sou brincalhão.
 Penso, logo estudo.
 Penso, logo sou fixe.
 Penso, logo respeito.
 Penso, logo ajudo.
 Penso, logo ajudo.
 Penso, logo ... Paz.
 Penso, logo justifico.
 Penso, logo sou feliz.
 Penso, logo sou frontal.
 Penso, logo faço...
 Penso, logo adoro.
 Penso, logo sou engraçado.
 Penso, logo conquisto.
 Penso, logo... futuro.
 Penso, logo sou virtual.
 Penso, logo tenho um amigo.
 Penso, logo gosto das coisas.
 Penso, logo sou animada.
 Penso, logo sou brincalhão.
 Penso, logo consigo...
 Penso, logo sou diferente.

Penso, logo sou trabalho.
 Penso, logo imagino.
 Penso, logo sou divertido.
 Penso, logo sou respiro vida.
 Penso, logo sou real.
 Penso, logo sonho.
 Penso, logo encontro um lugar.
 Penso, logo sou perfeito.
 Penso, logo sinto...
 Penso, logo encontro uma saída.
 Penso, logo imagina-me um génio.
 Penso, logo interroga a natureza.
 Penso, logo ser cidadão.
 Penso, logo sou interessado.
 Penso, logo espanto.
 Penso, logo ensino.
 Penso, logo ganho.
 Penso, logo amo...
 Penso, logo sou capaz.
 Penso, logo tenho um amigo.
 Penso, logo vivo no mundo.
 Penso, logo aprendo.

Penso, logo canto.
 Penso, logo acerto.
 Penso, logo procuro respostas.
 Penso, logo jogo.
 Penso, logo cresço.
 Penso, logo mudo.
 Penso, logo sou curioso.
 Penso, logo responder.
 Penso, logo navego.
 Penso, logo estou vivo.
 Penso, logo estou aqui.
 Penso, logo sou simpático.
 Penso, logo conheço a realidade.
 Penso, logo aventuro-me.
 Penso, logo divirto-me.
 Penso, logo sou igual.
 Penso, desejo.
 Penso, logo Sou imaginário.
 Penso, logo sou maluco.
 Penso, logo ajudo.
 Penso, logo insisto.
 Penso, logo amo.

Texto 5: EM NOME DOS OUTROS, Conceição Teixeira
Professora de Português
Data de edição: janeiro 2014

Para a Bibó, a avó Alcina, a avó Elsa, a tia Aurora, a minha Mãe...

"Alguém me incumbiu do que fiz muito antes de eu nascer."
 Vergílio Ferreira, in *Contos*

Foram bisavós, avós, tias, a mãe...
 Nunca quiseram a felicidade.

Andavam ocupadas a cozinhar, a subir bainhas, a pôr bonita a casa, a colocar laços no cabelo, a lavar roupa, a abrir portas, a apertar agasalhos, a andar nas pontas dos pés, a fazer tranças ou remédios caseiros, a esperar...

Tanta coisa para duas pobres mãos e um só pequeno coração...

Esqueceram-se de procurar a felicidade.

Alimentavam-se dos sorrisos dos outros, dos passos certos ou incertos, das palavras leves ou pesadas, de algumas lágrimas enxugadas...

Eram donas dos risos e dos sonhos!

Esqueceram-se de perguntar se eram felizes... mas no seu olhar morava a luz e dos seus gestos desprendia-se a doce serenidade dos que sabem.

Textos 6: "PENSO, LOGO EXISTO" OU SÓ SE É FORTE A PENSAR,
Rafael Magalhães, nº14, Beatriz Mendes, nº3, João Resende, nº12, Tiago
Marques, nº20, Eliana Oliveira, nº8 e Soraia Mendes, nº18, 5ºB
Data de edição: março 2014

Inspirados na frase dita por Descartes, "penso, logo existo", os alunos do 5º ano da Escola Básica de Leça do Balio inventaram umas pequenas frases. E não foi preciso pensar muito para se chegar à conclusão de que o *pensamento* sempre foi importante, antigamente para se planearem as emboscadas para caçar os animais que comiam, depois para os Egípcios construírem as suas pirâmides, mais recentemente para Albert Einstein criar a teoria da relatividade.

Agora, no século XXI, o *pensamento* continua muito importante. O que seria o nosso Mundo sem ele: só negativa nos testes e estupidez extrema?

Se as frases destacadas no fim deste artigo não vos convencem do que se disse, leiam as quatro histórias seguintes, todas com uma moral para nos fazer pensar.

Saber pensar antes de agir

A história que vou contar é a do Pensamento e do Esquecimento.

Num lindo dia de sol, o Pensamento recebeu uma carta para ir a um concurso. O mesmo convite recebeu o Esquecimento, seu amigo de sempre. Encontrando-se no caminho enquanto passeavam, o Esquecimento disse:

- Bom dia, Pensamento.
- Olá, Esquecimento. Vais ao concurso?
- Sim, vou. Porque perguntas?
- Porque estes concursos só são para espertos.

O Esquecimento não deu importância à insinuação feita e continuou o seu caminho para a biblioteca para onde ia estudar. Ainda ouviu o Pensamento dizer:

- Eu não preciso de estudar porque sou esperto.

No dia do concurso, o Pensamento ficou com o botão vermelho e o Esquecimento com o botão azul. Quem soubesse a resposta, tinha que ser rápido a neles carregar. O apresentador lançou o primeiro desafio:

- Soletrem a palavra galinha.

Ganhou o Pensamento, esta pergunta e todas as outras que se fizeram na primeira parte.

A segunda ronda seria diferente. Cada um deles teria de responder às duas perguntas seguintes:

- O que é o pensamento?
- O que é o esquecimento?

Sempre pronto, o Pensamento respondeu:

- O pensamento sou eu, forte e vencedor, e o esquecimento é o meu adversário, fraco e derrotado.

O Esquecimento aguardou que parassem as gargalhadas do público e, calmamente, lembrou-se de dizer:

- O pensamento é muito mais do que possam dizer este meu amigo e todos os outros meus amigos ou qualquer outro dos aqui presentes. O esquecimento é também pensamento que já foi e quer voltar a ser.

Palmas do público. Ganhou o Esquecimento e ficou esta moral:

Não se deve reclamar vitória antes de a ter conseguido.

Se ninguém pensar, não se consegue nada

No Dubai, existe o edifício mais alto do mundo, o Burj Khalifa. Para o vilão mais temido do Mundo, chamado Esquecimento, era o lugar perfeito. O seu plano era fazer com que todas as pessoas do planeta se esquecessem das coisas boas que aconteceram na vida.

Preparou a poção mágica e, do alto da torre mais alta do mundo, lançou o feitiço do esquecimento. Alertado, o Pensamento, saiu na sua aeronave e foi espalhando no mundo um pozinho luminoso que devolveu a memória a todas as pessoas.

Moral da história:

Basta um pensamento luminoso para vencer sempre o esquecimento.

Pensar é uma forma de ajudar os outros

O Pensamento sentia-se triste e abandonado, mal conseguia pensar. Nesse dia, o Pensamento acompanhava com o seu olhar uma numerosa família de turistas que passeava. A mulher reparou nele e perguntou-lhe:

- Gostavas de te juntar à minha família?
- Hum... hum... hum... Onde é que vocês vivem?
- Vivemos em Paris.
- Então... sim, se vocês não se importam?

- Claro que não, eu e a minha família estamos sempre prontos para novos membros.
- Já agora, como te chamas?
- Chamo-me Ana Pensamento. Todos os que vês comigo são Pensamentos. Somos uma família enorme!

- Que lindo nome! Tantos pensamentos juntos só podem dar em boa ideia.

E partiram de avião para Paris. Quando chegaram foram visitar a torre Eiffel. Ficaram lá todo o dia a alimentar os seus pensamentos, a ocupar o pensamento com brincadeiras alegres e sentiam-se todos felizes. O Pensamento lembrou-se de subir até ao topo da torre. Através do telescópio confirmou que tudo estava bem nas redondezas e, cheio de felicidade, gritou:

- De cada vez que um pensamento se junta a outro pensamento, nascem novas ideias.

E ficou o seu grito para moral desta história.

Se pensarmos um bocadinho, nós conseguimos o que queremos

O João e o Pedro queriam ser ricos. Ambos, na mesma noite, sonharam que tinham vencido o concurso "Quem quer ser rico". Nesse jogo podia-se ganhar um prémio que chegava a um milhão. Vitorioso, a apresentadora disse-lhes:

- Isto é um sonho, não vos posso dar o prémio em dinheiro. Mas dou-vos uma sugestão que vale um milhão. Sentem-se num banco a pensar até o vosso desejo se realizar.

E assim fizeram. Pensaram muito, muito, muito. Passaram-se anos e anos. São agora médicos e conheceram-se quando, como voluntários, ganhavam a vida a salvar crianças vítimas da guerra. Já salvaram, de certeza, mais de um milhão de pessoas.

Moral da história: *É preciso na vida pensar para termos aquilo com que sonhámos.*

Textos 7: A CIDADE ENTRE TELAS, Dulce Soares, Professora de Português

Data de edição: junho 2011

Fim de tarde

As horas arrastam-se na palidez do dia que morre.

Nos cruzamentos das avenidas resvalam rostos enxutos,
prescindindo de rosas e luto.

Deslocadas, as palavras inauditas, percorrem
os corpos devorados pela luz crepuscular.

Rumos desviados em dias à toa
ruas esboroadas, fragmentos de vielas
seculares

restam apenas cicatrizes na calçada.

Avenidas mergulhadas em prantos de chuva,
sabor a sangue coagulado da rebelião do tempo
o olhar percorre a dor em aeroportos vazios
partidas adiadas para países sonhados.

A voz veste-se de negro na estrada deserta
onde tudo é núbio e errante

Ao longe, a penumbra
embrulha casas antigas
réstias do império de dias felizes.

A cidade aterra na página sequiosa de rimas livres
as palavras soltam-se desenredadas
no tecido do dia que se esfuma

o sol afoga-se no horizonte

a noite ganha alento qual querubim cantando ao percorrê-la
a flor definha no fermento da terra
e o poema nasce no luto do dia.

Partida

Viagem gravada no eixo do tempo
terras desertas escritas à luz
só o corpo fica.
No horizonte vislumbra-se Teseu
perdido no labirinto de Cnossos.
Interrogação crónica dos séculos que resvalam
mudos sobre os ombros da culpa.
São de mágoa,
as manhãs recolhidas no degredo
rostos de névoa esvoaçam sobre o labirinto
num momento escasso
as palavras deambulam nas praças
meus olhos permanecem na quietude de um lago
anotações ou apontamentos de promessas de lua
subornadas de infinito
longa caminhada.
Na outra página da rua
num modo de vida vago e cinzento
as tardes desmoronam-se em farrapos de tempo
as flores definham no labirinto milenar
Ao sol de Creta
Ariadne conduz as tuas mãos
ao meu regaço
como vai longe o dia e longo o espaço.
No silêncio rasgo as horas
sepultura anunciada na quimera
miragem de mim no enleio da memória
tarde de mais
resta o novelo de palavras, tentando em vão
construir palácios aprazíveis
na cidade que vai ficando,
seguindo com o olhar minha viagem...

Texto 8: ENTREVISTA A UM POLÍCIA, Fábio Girão, nº 14, 7º H **Data de edição: novembro 2013**

Eu escolhi fazer a entrevista ao meu pai, porque ele é o meu herói e um exemplo de vida a seguir. Chama-se Paulo, nasceu em Moçambique, tem 41 anos e vive no Porto.

Qual é a tua profissão? Agente da PSP, há cerca de vinte anos.

Porque é que escolheste ser Polícia? Porque sempre foi um sonho de menino e uma profissão com a qual me identifiquei.

Qual a missão da Polícia? A PSP é uma força de segurança, uniformizada e armada, com natureza de serviço público que tem por missão assegurar a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos, nos termos da Constituição e da lei. Prevenir a criminalidade em geral, em coordenação com as demais forças e serviços de segurança e desenvolver as ações de investigação criminal.

É preciso tirar um curso específico para ser Polícia? Sim, depois de várias provas, é obtida uma lista final com os respetivos resultados, sendo admitidos a um curso durante nove meses na Escola Prática de Polícia.

Durante esse curso o que aprendem os novos Polícias? Aprendem formação técnico-profissional e humanística que nos permite exercer a nossa profissão com civismo e eficiência, desenvolvendo um elevado sentido do dever, da honra, do caráter, espírito de disciplina, integridade moral e noção de responsabilidade.

A polícia tem várias especialidades, quais são? A Polícia possui a Unidade Especial de Polícia que compreende as seguintes subunidades operacionais: O Corpo de

Intervenção; O Grupo de Operações Especiais; O Corpo de Segurança Pessoal; Centro de Inativação de Explosivos e Segurança em Subsolo e o Grupo Operacional Cinotécnico (Cães); Investigação Criminal; Vários programas especiais (Escola Segura, EPAV, violência Doméstica, Táxi seguro e comércio seguro) que fazem parte do Programa integrado de Policiamento de Proximidade e Patrulhamento auto ou apeado.

E qual é a tua especialidade? Eu trabalho na Investigação Criminal desde o início da minha vida profissional, que tem como principal missão a repressão ao crime, investigando todo o tipo de crimes.

Quando vais trabalhar em que pensas? Em cumprir a missão que me foi confiada, tentando contribuir diariamente para o bem-estar das pessoas, sentindo-me recompensado pelo menos a nível pessoal, sendo muito importante chegar ao fim do dia com a consciência tranquila e o dever cumprido.

Trabalhando na investigação criminal e na repressão do crime, não tens medo do perigo? É óbvio que o medo não faz parte do dicionário de um Polícia, porque se não não estaria disposto a cumprir a minha profissão com profissionalismo.

Como é a vossa relação no trabalho? Existe companheirismo? Sim, no meu caso em concreto trabalho numa brigada em que todos nos conhecemos há muitos anos, em que a relação que nos une já vai para além da profissional, somos grandes amigos.

No teu entender, quais são os requisitos necessários para ser Polícia? O Polícia deve ser corajoso, ter calma e sangue frio, controlo emocional, frieza, intuição, conhecimentos psicológicos para lidar com situações críticas, saber apoiar a comunidade, ter gosto especial pelo que faz, dando uma imagem de responsabilidade e confiança.

Obrigado por me teres dado a conhecer um bocadinho de ti profissionalmente.

Texto 9: A ESCOLA NOS TEMPOS DOS NOSSOS AVÓS, Inês Oliveira, 10ºB

Data de edição: março 2014

Foi numa tarde de sol, das poucas que a Sorte nos trouxe neste inverno, que conversei com a minha avó, Sara Almeida, de 83 anos, sobre a sua instrução primária.

Inês – Avó, preciso de fazer-te algumas perguntas sobre a escola na tua infância, para um trabalho da disciplina de Português. Podes ajudar-me?

Avó – Sim, se eu conseguir...

Inês – Claro que podes... Então, frequentaste a escola primária?

Avó – Não, pois naquela altura as raparigas deveriam ser donas de casa e esta era a opinião que os meus pais também tinham.

Inês – Porquê? A frequência da escola não era importante para eles?!

Avó – Eu vim de uma família pobre e humilde, onde todo o nosso tempo era gasto a trabalhar para manter a casa. Por isso, naquele tempo, a escola, principalmente para as raparigas, não tinha interesse...

Inês – Sentiste alguma curiosidade pela escola?

Avó – Quando era criança, ouvia falar muito mal das escolas, principalmente da rispidez dos professores. Por isso, apesar de ver os outros a irem para a escola, não pensava muito nisso.

Inês – Apesar de não teres frequentado a escola, sabes que ela foi muito diferente da atual. Por exemplo, os rapazes frequentavam a mesma escola das raparigas?

Avó – Não, havia uma escola para eles e outra, para as meninas, havendo uma grande diferença de número, pois eram poucas as raparigas que iam à escola.

Inês – Achas que o facto de viveres num meio rural condicionou a tua vida escolar?

Avó – Sim, não havia ajudas para o material escolar nem para transporte.

Inês – Para terminar, quais as consequências de não frequentares a escola primária?

Avó – Até aos dezassete anos sentia um grande desgosto e tristeza por não saber ler nem escrever. Depois, com a ajuda de uma amiga, consegui aprender a ler e, ainda hoje, a leitura é um dos meus passatempos preferidos.

Inês – Muito obrigada, vó!

Assim, com esta pequena conversa com a minha avó, compreendi a importância do saber ler e escrever, o quanto podem condicionar a nossa vida, caso não o dominemos.

Texto 10: A ESCOLA DO MEU PAI, Diana Ferreira, 10°C
Data de edição: março 2014

Na sequência do estudo do conto “O retrato” de Manuel da Fonseca, entrevistei o meu pai, que frequentou a escola primária em Viseu, para tentar perceber as diferenças entre a escola do seu tempo e a do meu.

Diana – Que escola frequentou, quando era mais novo?

Pai – Todos os dias, de segunda a sexta-feira, eu ia para uma escola que havia lá no Largo da nossa aldeia na Moita. E, ao contrário do que acontece hoje, a escola começava em outubro e não em setembro.

Diana – Com que idade se ia para a escola? Todas as crianças a frequentavam?

Pai – A partir dos seis ou sete anos já estávamos destinados a frequentar a escola. E toda a gente ia, mesmo que não houvesse dinheiro, era mesmo obrigatório! Só que as crianças com menos posses económicas, não tinham, obviamente, tantas regalias.

Diana – Regalias? Como assim?

Pai – Então esses alunos não tinham tanto material escolar, como canetas, lápis ou borrachas, nem pensar... Alguns precisavam mesmo de pedir a outros alunos material emprestado. Havia poucos cadernos, ainda me lembro, costumávamos escrever ditados ou trabalhos de casa em lousas e quando chegava ao momento de os entregar ao professor, muitas das vezes, já tudo se tinha apagado. Aqueles materiais característicos da Matemática, como o transferidor ou o compasso, nem sequer sabíamos o que era isso! E máquina de calcular, só mesmo os mais ricos é que tinham.

Diana – Os rapazes e raparigas estudavam nas mesmas salas?

Pai – No meu tempo essa separação já não acontecia, estávamos todos na mesma sala, mas sei que, antigamente, e talvez nas cidades maiores, havia.

Diana – E a escolaridade obrigatória, era como hoje? Como iam vestidos?

Pai – Não tinha realmente nada a ver... Um aluno era obrigado a andar na escola dos sete aos catorze anos e, como tal, fazer a quarta classe que, a meu ver, corresponde, hoje, à primária, eram outros tempos completamente diferentes. Íamos vestidos normalmente, como andávamos no dia-a-dia.

Diana – Além do estudo, que outras atividades tinham na escola?

Pai – Da primeira à quarta classe, estudávamos essencialmente Português, com os ditados e os verbos, a Matemática, com as contas e a tabuada, a Geografia e História de Portugal, com todos os rios do nosso país e os descobrimentos e, também, as ciências. A partir do quinto até ao sexto ano, tínhamos ainda Educação Física.

Diana – Como era a relação professor – aluno?

Pai – Acho que talvez fosse um pouco diferente da de hoje, tinha-se muito mais respeito e, se calhar, um pouco de medo também misturado! Não podíamos sequer sonhar em faltar ao respeito àquela autoridade, se não, éramos capazes de receber reguadas dos nossos professores e, se fôssemos para casa fazer queixas, ainda podíamos apanhar mais... Outra das coisas que é muito diferente de agora são os castigos que apanhávamos por errarmos uma pergunta... Havia dias em que chegávamos à escola e tínhamos de saber a tabuada de trás para a frente e da frente para trás.

Diana – Para finalizar, a escola de hoje é um local melhor do que antigamente?

Pai – Está claro que acho. Hoje os alunos têm mais e melhores condições, têm todas aquelas funcionárias que se preocupam com o bem estar deles, os professores são diferentes, menos rígidos e mais compreensivos do que antigamente. As crianças de hoje têm ao dispor imensos materiais e utensílios que podem utilizar para melhorar o seu estudo. Por isso mesmo, só vejo vantagens na escola do presente e vejo, também, alguns alunos que não dão valor àquilo que lhes é permitido ter.

Diana – Pai, agradeço a tua paciência e ajuda.

Pode-se afirmar que a maior parte das pessoas mais velhas não teve uma educação semelhante àquela que os jovens de hoje. Nos dias que correm, os alunos, apesar de aprenderem mais coisas, têm também melhores condições e materiais que os ajudam a melhorar e a aperfeiçoar o estudo, de forma a conseguirem atingir os seus objetivos.

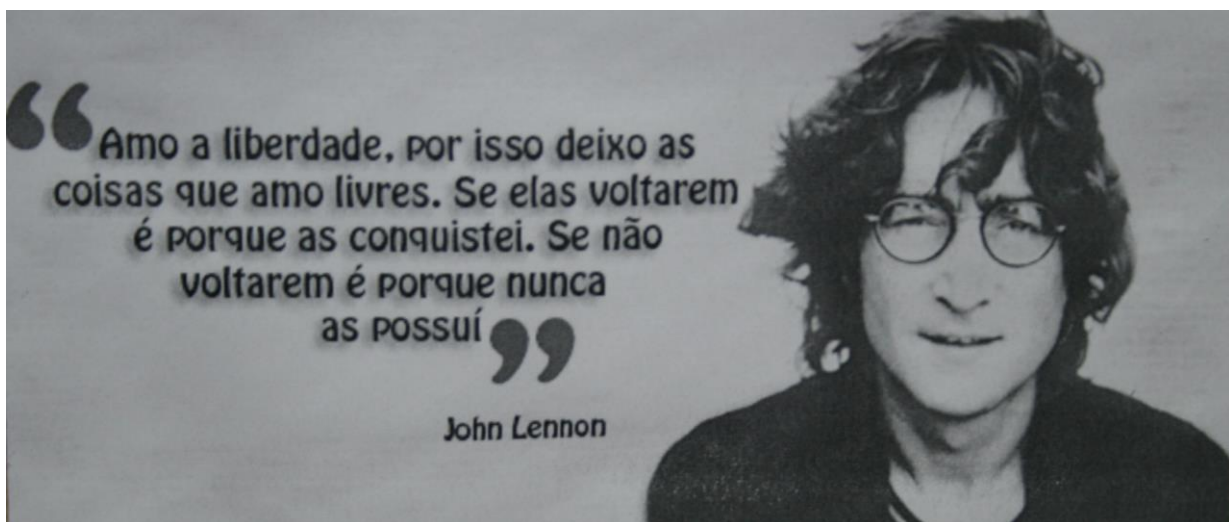
Texto 11: IMPRESSÕES MUSICAIS, Albina Fonseca, técnica administrativa ESPL
Data de edição: abril 2014

A música, para mim, constitui uma mensagem intemporal. Mesmo quando estou triste, é o meu porto de abrigo, pois transmite-me paz.

Tenho várias preferências musicais. Os meus cantores portugueses favoritos, entre muitos, são o Zeca Afonso e o Sérgio Godinho, porque foram capazes de transmitir, nas suas canções, a atualidade dos anseios e esperanças de um povo. Como aquisição recente, destaco António Zambujo, que se situa entre a canção portuguesa e o fado.

Quanto a referências estrangeiras, recordo John Lennon, pela sua mensagem de paz e concórdia, mas, principalmente, pelo desprendimento dos bens materiais.

Se prestássemos atenção às letras dessas canções, seríamos todos mais felizes!



Da Exposição do “Dia Internacional da Filosofia”, novembro 2013